

Raízes e grãos

MEMÓRIAS DE UM POVO

Elizete Rodrigues Ferreira
Organizadora



MEMÓRIA

Raízes e grãos

MEMÓRIAS DE UM POVO

Elizete Rodrigues Ferreira

ORGANIZADORA

Atafona

Belo Horizonte | Simonésia | MG | 2025

Apoio Institucional

Prefeitura Municipal de Simonésia

Marinalva Ferreira

Prefeita Municipal

Cleusa Helena de Sousa Terra

Secretaria Municipal de Educação

Cláudio Antônio Temer Júnior

Secretário Municipal de Cultura e Turismo

Elizete Rodrigues Ferreira

Organização, pesquisa e degravação

Daniela de Oliveira Breder Clemente

Degravação dos relatos

Organização das imagens e textos originais

Revisão final dos originais

Elivander Dias

Apoio técnico

Elizete Rodrigues Ferreira

Raphael Terra da Rocha

Vicente Simão de Vasconcelos

Fotografia

Agradecimentos

À Prefeita Municipal de Simonésia, Marinalva Ferreira, idealizadora do livro, que apostou e viabilizou este projeto.

À Cleusa Terra, atual Secretária de Educação de Simonésia, que apresentou-me a possibilidade de escrever um livro para homenagear as pessoas do “Grupo da Melhor Idade”.

À equipe da Secretaria de Educação, que apoiou a realização da pesquisa.

À Daniela Breder, que sendo da cidade, foi uma grande aliada para o acolhimento das informações e feitura do livro. Mais que apoio, Daniela segurou minha mão no caminho para obter o melhor resultado. Por toda sua competência e dedicação ao abraçar a ideia.

Ao Elivander Dias, que esteve junto comigo desde o início e me assessorou mostrando os elementos que a pesquisa precisava considerar – tecnológicos, éticos, formatos de atenção e legalidade; o zelo que o escritor precisa alcançar, a parceria e aprendizagem dos movimentos para a publicação deste livro.

A quem me trouxe a conhecer a cidade, Ana e Vanderlan.

Ao Moisés Raposo que me propiciou deixar, em primeira experiência, a “semente” da educação inclusiva na Secretaria de Educação de Simonésia.

A todos os personagens que me proporcionaram deslizar por essas memórias.

Elizete Rodrigues Ferreira

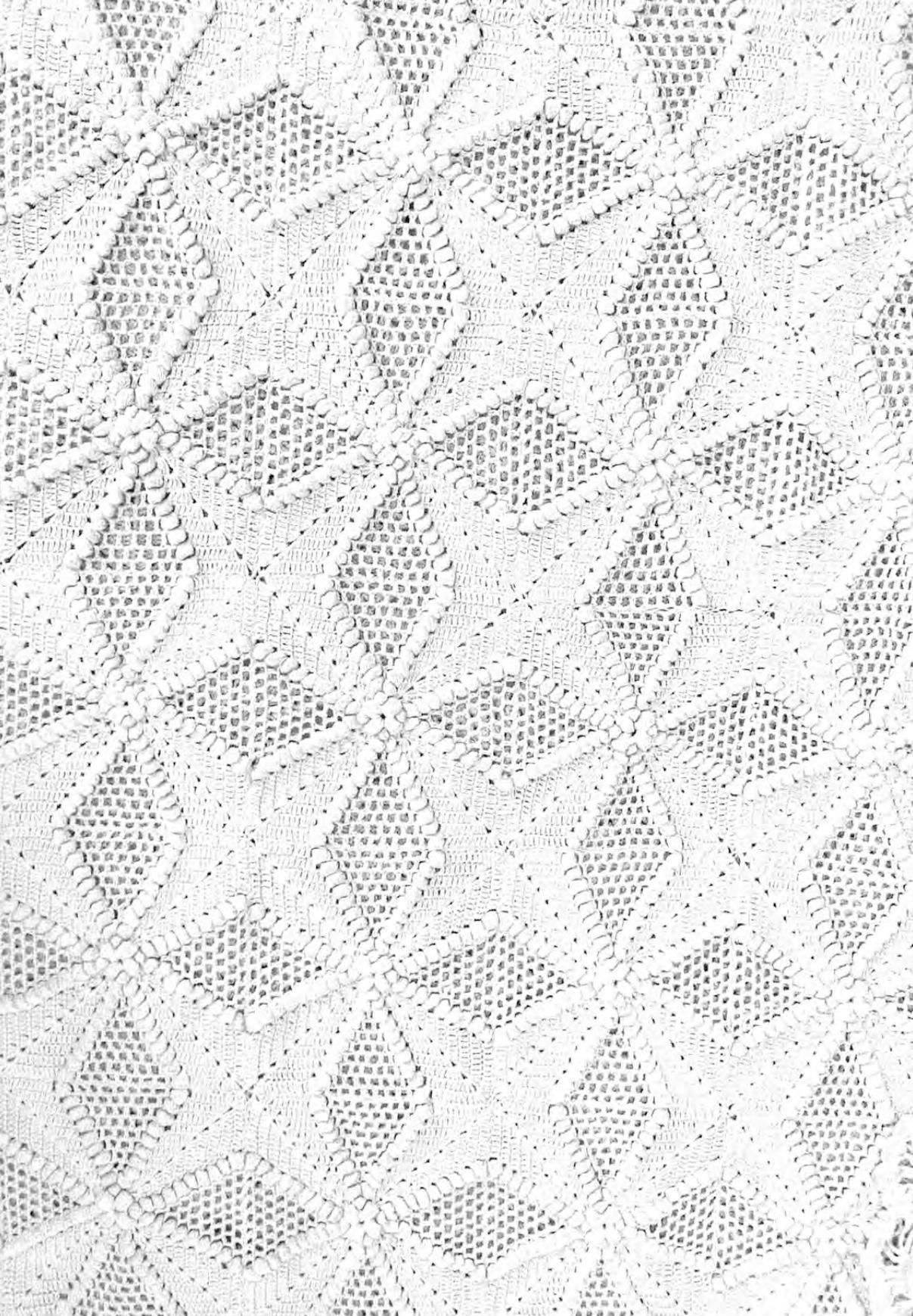


Este livro é dedicado

À nossa ancestralidade.

*Às pessoas que relataram as suas histórias
À minha família, ao meu pai e à minha mãe, que me deram,
como um presente, a oportunidade de nascer e viver junto
deles, amando, aprendendo e vivenciando tantos desafios.*

Elizete Rodrigues Ferreira



*É tempo de fazer nascer um livro, no que é possível,
neste tempo e neste lugar.
E foi assim.*

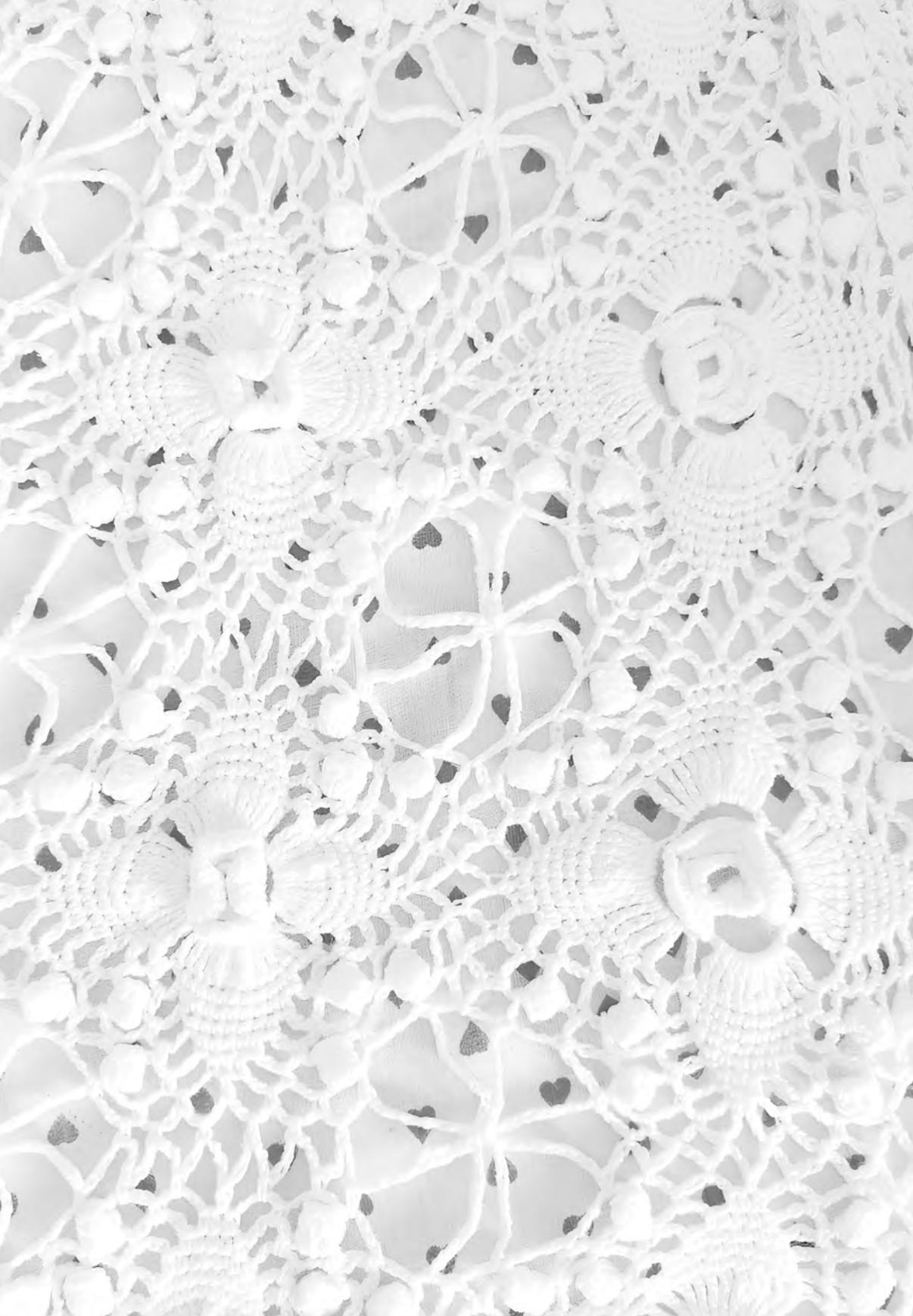
*Que venham outros livros contando novas histórias,
novas versões destas mesmas histórias.*

Elizete Rodrigues Ferreira

Sumário

Apresentação.....	11
Adelayde Zine Ferreira.....	17
Alcina Gonçalves Figueiredo	20
Alfa Marques de Oliveira	23
Antônio Alves Porfírio.....	27
Antônio Perígolo Sobrinho.....	32
Ataíde de Souza Lima	34
Carmen Lucia da Silva Baia.....	39
Cleusa Maria de Oliveira Mansur	41
Conceição Egídia de Jesus	45
Dalva Elias Ribeiro.....	47
Domingas Peregrine Clemente.....	52
Elza Fagundes da Silva.....	55
Elzoni Alves Barros	58
Ermínio Rodrigues da Fonseca.....	62
Faima Egídia de Jesus	66
Floripes Benta do Nascimento	68
Geralda Dulce Mansur de Carvalho	71
Geralda Marques Oliveira Vargas	75
Geralda Marques da Silva.....	80
Geraldo Luiz da Terra Pereira	86
Gilmar Alves de Barros	93
Gumercindo Bertolar de Barros.....	95
Helena Muniz de Oliveira.....	98
Ilza Francisco Campos	101
Joana D'Árc Rodrigues Pena	106
Joana Rosa Soares	109
João da Mata Perígolo.....	112

João Domingos Pires.....	118
José Abreu de Souza e Lourdes Ribeiro Abreu.....	121
José Alves de Oliveira.....	126
José Severiano Pereira e Maria Aparecida Belonato....	130
Lourdes Gonçalves de Figueiredo.....	133
Margarida Maria da Costa Machado.....	136
Maria Aparecida Andrade	139
Maria Aparecida Nunes de Arruda.....	143
Maria Aparecida Soares	150
Maria Aparecida Vicente	152
Maria Bento dos Santos	154
Maria da Glória Lucas.....	156
Maria da Penha Oliveira	159
Mariana Bento Martins Pires	162
Maria Rodrigues Baia Neto	166
Maria Schittini Alves Costa	168
Marta Gonçalves de Figueiredo	171
Nailda Dias Terra.....	173
Neroni Sotti Teixeira Terra	176
Odete Ferreira dos Anjos Lopes.....	180
Ordenira Emerick Rabelo.....	183
Ozair da Terra Costa.....	187
Terezinha Fernandes Breder	191
Vicente Fernandes	194
Zilta Pinto Coelho de Souza	196
Posfácio - Marinalva Ferreira	201
Caderno de fotos	217



Apresentação

Memórias... lembranças que permanecem dos tempos: as relações com as pessoas, os encontros, os lugares, as oportunidades e os afazeres do dia a dia. Os caminhos pela vida tornam-se amarrações e o modo como chegam ao entendimento dão sentido aos nossos movimentos.

Essas histórias foram narradas pelos integrantes de um grupo constituído por mais de cento e cinquenta pessoas, conhecido como o “Grupo da Melhor Idade”, que realiza encontros semanais de apoio à saúde física, prevenção a doenças, passeios, dança de salão, oficinas de artesanato, entre outras.

Para conversar com essas pessoas optei por encontrá-las em ordem decrescente de idade. Alguns tinham participação ativa no grupo, enquanto outros deixavam de participar das reuniões na área de eventos da cidade (local onde as atividades acontecem semanalmente) por motivos de doença, dificuldade de acesso ou locomoção.

Visitei muitas pessoas em suas residências, foi um longo percurso de encontros e desencontros. Recebi indicações de algumas pessoas idosas, com idade acima dos setenta anos, que também foram incluídas nesta coletânea. O trabalho ganhava forma enquanto muitas histórias da cidade de Simonésia eram reveladas por eles.

As histórias contadas se alinhavavam em um tempo comum e se confirmavam pelos relatos das experiências no cultivo do café nas fazendas, onde também produziam leite e derivados, como o queijo e outros gêneros de subsistência. Somaram-se a essas vivências registros dos costumes religiosos, da cultura popular, dos modos de educar - a memória do tempo desvelada por seus habitantes se mescla à organização dos fazeres típicos de uma determinada localidade.

Nos encontros, os entrevistados testemunhavam seus caminhos pela vida e narravam fatos que também são rastros da história regional. O

tempo em que essas pessoas e suas famílias se fortaleciam na cafeicultura é o mesmo tempo em que a identidade de Simonésia se estabelecia como a cidade do café, com a sua cultura e economia fortalecidas.

Aquilo que a princípio era motivo de dúvidas, foi o que, ao longo do tempo, moldou os movimentos e a existência dessas pessoas. As vivências durante o processo da produção do café, nesses relatos passaram a significar mais que apenas a execução de serviços. Havia ali, no momento da “panha” de café, o registro das muitas lembranças e alegrias; ali também se constituíam famílias, com as crianças brincando nos arredores e às sombras dos pés de café, desceendo ladeira abaixo com os pais que trabalhavam e viam seus filhos crescerem e aprenderem muitas coisas junto a eles.

A cada encontro uma surpresa, um jeito único de contar a própria história, de apreciar e indagar sobre o trabalho que ali fazíamos juntos e assim, nessas conversas, novas descobertas aconteciam. Isso era para mim como saborear alegrias a cada revelação, eu deixava fluir o modo como as histórias queriam ganhar corpo, e recebia deles um carinho enorme, como gestos de gratidão, por lhes oferecer a minha escuta.

Essa experiência me fez descobrir o passado de uma forma muito especial: quando essas pessoas narravam detalhes de suas vidas, me permitiam conhecer o modo que encontraram para viver do seu trabalho, olhar para esse trabalho, no campo ou no meio urbano, e observar que nesse período também nascia uma cidade.

Percebi que foram essas pessoas que fizeram esse lugar se constituir, com suas particularidades e histórias, por caminhos comuns e singulares no curso da vida de cada uma delas neste mundo. Esse grupo expressa uma realidade vivida pelas pessoas que vieram residir por aqui e escreveram a sua própria história.

Habitar essas memórias como ouvinte me faz contemplar tudo isso com leveza e compreender com mais profundidade e detalhes a trajetória dos nossos antepassados, pela observação de algumas situações que suportaram e precisaram superar, para existirmos neste tempo presente.

As artes e as criações eram descritas, em muitos relatos, como meios e alternativas para superar a escassez de determinado momento, como

quando precisavam confeccionar um cobertor, por exemplo, e não haver disponibilidade de tecidos. Em outros casos, essas atividades eram vistas como o modo de uma família educar seus filhos, de “forma prendada”, para aprenderem a fazer enxovais, ou para fazer coisas que trazem beleza para a morada de cada família. Poderia ser também a invenção de um novo instrumento que viesse a facilitar o trabalho, como produto da criatividade de quem busca formas de solucionar os problemas do dia a dia.

A educação e a aprendizagem se realizavam através do contato com a natureza, com os alimentos, os remédios naturais e os modos como consumiam tudo aquilo que produziam em seus quintais. O plantio era para as despesas da família ou era “a meia”, no terreno do patrão. As famílias eram numerosas e muitos disseram que não sobrava nada para vender. Havia ainda as trocas de alimentos com os vizinhos, uma forma de fazer circular a generosidade, pois podiam presentear este ou aquele amigo com aquilo que tinham em abundância naquela estação.

Assim fui acolhendo e descobrindo as histórias dessas pessoas que revelaram as páginas da memória de um lugar único, que teve seu início através dos encontros entre aqueles que vieram de muitos lugares, como Itália, Portugal, Turquia, África e também os povos indígenas dessa terra, ou ainda os que vieram de outro estado ou de bem perto: “as pessoas passam e escolhem por aqui ficar”.

Como se deu a minha chegada neste projeto? Moradora da vizinha cidade de Ipanema, conhecia pouco Simonésia, mesmo tendo amigos por aqui. Meu trabalho com pedagogia e educação especial foi apresentado ao Secretário de Educação e assim conheci todas as escolas das regiões rural e urbana do município.

Em uma ocasião apresentei o meu livro infantil para a nova secretária de educação, que por sua vez o mostrou à prefeita, e então por esse trabalho como escritora, recebi o convite para realizar a proposta de escrever um livro com o relato das histórias do “Grupo Melhor Idade”. O desafio foi aceito com uma primeira lista de participantes, e assim dei início a este caminho, na aventura de oferecer a minha audiência aos entrevistados e

junto deles ir alinhavando uma história que em muitos momentos se entrelaçava, pelas narrações dos costumes, os lazeres e os trabalhos, dos tempos em que Simonésia vinha nascendo junto daqueles que faziam desta cidade seu lugar escolhido para viver.

Esta é a minha contribuição para o registro da história daquilo que também nós guardamos, provocamos e ajudamos a transformar pois todos temos a possibilidade de registrar aquilo que nos circunda, como lembranças e memórias.

Elizete Rodrigues Ferreira



Relatos

Adelayde Zine Ferreira



04/12/1938

Meus avós paternos, José Zini e Maria Calegário Zini, vieram da Itália para Leopoldina, depois para Manhuaçu e posteriormente descobriram um terreno em Simonésia que, na época, era só matagal. Eles compraram o terreno, limparam e fizeram algumas casinhas. Depois disso, formaram lavouras de café, plantaram cana, montaram engenho, formaram o pasto e começaram a criar gado. Com o tempo, o rebanho aumentou e havia uma grande produção de leite. Minha mãe fazia queijos bem grandes, amarelinhos e os colocava na tábua para maturar. Os queijos eram vendidos até para o Rio de Janeiro, na época.

Meus avós paternos tiveram apenas dois filhos e o terreno foi dividido ao meio entre eles. Quando meu avô faleceu, eu estava com sete anos e sofri muito com a perda. Meu pai, Valentim Zine, passou então a cuidar da mãe, a minha avó, Maria Calegário Zini.

Passados os anos, casei-me e fui morar em um sítio no Córrego de São Vicente. Durante minha gravidez, perdi minha avó, que faleceu aos oitenta anos.

Já meus avós maternos, José Miranda e Maria Miranda, moravam no Córrego de São Pedro. Meu avô veio de Portugal e boa parte de sua família ainda mora no São Pedro.

Quando solteira, trabalhei na roça plantando cana, amendoim, melancia, batata, tudo isso no sítio onde eu morava com meus sete irmãos. Hoje ninguém mais quer ter tantos filhos quanto as mulheres daquela época. Minha avó materna teve dezessete filhos, seis mulheres e onze homens, todos próximos uns dos outros. Era muita gente para trabalhar e muita fartura também. Tinham plantação de milho, café, cana e faziam rapadura para vender. Minha avó era muito trabalhadeira.

Meu pai, Valentim, queria muito me levar para Jequitibá com a intenção de que eu estudasse para me tornar professora, pois na cidade não havia profissionais nessa área ainda, mas minha mãe, Afonsina, não permitiu. Quando foi pedido a ela que comprasse meu enxoval (roupas e calçados para que eu fosse embora estudar), começou a chorar e se negou a deixar-me ir. Dizia que eu era sua filha mais nova e não sairia de casa de jeito nenhum. A escola era um internato e as meninas eram bem cuidadas lá, mesmo assim minha mãe não permitiu. Hoje eu lamento, pois gostaria muito de ter estudado. Minha filha Isabel é professora aposentada em um cargo e ativa no outro. Tem uma filha fazendo o curso de medicina e uma vida razoavelmente estabilizada.

Na juventude, era muito difícil a diversão, pois o meu pai não dava liberdade para a gente sair. Para que eu fosse até à igrejinha que tinha perto da praça, era sempre necessária a companhia de um dos meus irmãos. Nunca pude me sentar perto de um rapaz para conversar e os namoros eram sempre junto com alguém da família. O rapaz chegava, sentava-se de um lado, eu do outro e meu pai entre nós. Ali eles conversavam, faziam negócios e minha mãe ficava na cozinha preparando um cafecinho com

quitanda para servir. Nunca me sentei perto do meu namorado e meu pai ainda dizia: “Ai da minha filha se sair de casa casada e difamada!”

Meu marido, José Ferreira, era bonito, garboso, comunicativo e inteligente. Meus filhos, muito bons e obedientes. Considero que sou muito feliz e vitoriosa, depois de tudo que já vivi, entre altos e baixos.

Antes de casar, meu marido José Ferreira, na época ainda meu namorado, tinha um pequeno comércio. O casamento tinha tudo para dar certo, mas o pai dele foi contra, o aconselhou a voltar para a roça e cuidar da lavoura. Então ele deixou o comércio, voltou para a roça e começou a plantar batata e tomate. Meu pai me deu uma vaca de presente de casamento, para fazer as recrias, mas meu marido, escondido, vendeu a vaca para comprar uma mula e um burro arreado de cangalha. Fiquei aborrecida com a situação, mas meu marido explicou que precisava de um recurso para carregar as batatas para a cidade e o burro seria a solução. Então dei o assunto por encerrado.

Com o passar do tempo, os maus negócios provenientes de plantações de batata levaram à perda de bens da família e a situação financeira ficou ruim. Então comecei trabalhar como costureira e passava o dia e a noite costurando. Meus filhos cuidavam da casa e eu nem saía do quarto onde ficava a máquina de costura, para não perder tempo. Quando minha filha Marília casou-se com o Paulo Abreu, passei a cuidar de tudo sozinha, além de costurar. Minha filha Salete já era casada, minha outra filha, Isabel, era professora em Alegria e passava a semana toda por lá. Um dos meus filhos homens ajudava um pouco. Foi um período de muita luta.

Sinto muita saudade do meu marido, falecido há cinco anos. Cuidei dele até o fim.

O Grupo da Melhor Idade é um encanto. Foi uma das fases mais lindas da minha vida. Eu me levantava às seis horas, fazia o cafezinho, comia alguma coisinha e partia para me encontrar com as colegas e fazer atividades. No inverno costumo ficar um pouco mais quieta devido ao frio e a alguns períodos de gripe, mas quando chega o verão continuo firme. O encontro com o grupo é a coisa mais linda e animada que vivi nos últimos tempos.

Alcina Gonçalves Figueiredo



03/11/1943

Minha mãe, Maria José, foi parteira na cidade por mais de trinta anos. Ela ia também para roça, de Jipe, de charrete, muitas vezes com barro na estrada devido à chuva e também enfrentava o frio, mas não deixava de acompanhar as mulheres que solicitavam sua ajuda. As famílias das gestantes buscavam minha mãe em casa e ela, sozinha, preparava e realizava todo o processo do parto. Havia também orações que ela fazia nesse momento e um caderninho no qual elas ficavam registradas. Eram palavras difíceis, algumas siglas ou símbolos, o caderno era costurado cheio de fitinhas com orações que eram levadas para o padre benzer. A fitinha era utilizada na hora do parto. Se fosse um parto difícil, ela fazia uma bolinha com a fitinha e pedia que a grávida tomasse com água para ajudar. Apesar de passar por algumas dificuldades, no final, corria tudo bem. Porém, quando a situação ficava muito difícil, se a criança estivesse virada, ou algo assim, ela chamava

o senhor José Miguel, que era um “tratador” na época, para ajudá-la. Caso eles não conseguissem, providenciavam a ida da gestante para Manhuaçu, e naquela época era muito difícil pois as estradas eram muito ruins.

Quando chegava o dia do nascimento, minha mãe acompanhava o trabalho de parto até a criança nascer. Quando mamãe adoeceu, ficava se lembrando das mulheres que ela acompanhou e pensando em quantos partos já fizera durante a vida de parteira. Chegou a contar até mil crianças vindas ao mundo pelas suas mãos. Ela contava e se referia às mães como comadres.

Os filhos recebiam igual tratamento e tinham respeito pelos pais. As crianças, na minha época, não tinham tanta informação quanto hoje e aprendiam o que os pais ensinavam. A alimentação era mais simples: arroz, verduras, macarrão, canjiquinha, enfim, não havia tantos industrializados como hoje. Meus pais tinham terra e plantavam tudo. Só compravam na cidade o sal, o querosene, o macarrão e precisavam ir longe, pois em Simonésia não havia mercado na época. Iam a cavalo para Manhuaçu e de lá iam de trem para a cidade de Carangola. Eram dois dias de viagem. As roupas eram feitas pela minha mãe ou por outra costureira. Minhas irmãs não aprenderam a costurar, pois se mudaram para a cidade e começaram a estudar. Eu completei o Ensino Médio (na época chamado Segundo Grau). Trabalhei como professora por 25 anos, sendo oito na zona rural e o restante na Escola Estadual Padre Miguel. Considero que foi uma grande conquista ter sido professora, pois aos dez anos, eu ainda não conhecia nem a letra A. Minha irmã Lourdes, que também lecionava, foi professora da atual prefeita Marinalva Ferreira, quando trabalhou na escola municipal do Córrego do Cachoeirão. Marinalva tinha dez ou doze anos de idade.

Desde a minha infância, a cidade cresceu três vezes mais. Quando nos mudamos da zona rural para Simonésia, em 1955, não existiam os bairros Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, Bom Sucesso e nenhum dos outros. Na verdade, só havia quatro ruas. O café ainda não era uma cultura forte na cidade e o que mais se plantava era arroz, milho e feijão. Como meio de transporte, utilizavam-se cavalos, carro de boi e havia um caminhão que levava as pessoas para Manhuaçu.

Comparo o mundo de hoje ao meu tempo de infância e juventude. Chego à conclusão de que não há como explicar ou comparar, pois as mudanças foram muito grandes e em muitos aspectos. Os jovens da minha geração não tinham toda essa liberdade que existe hoje, por outro lado, as crianças brincavam de maneira saudável, correndo, brincando de pique, rodinha, jogando peteca. Já as crianças hoje ficam presas aos joguinhos de celular.

Alfa Marques de Oliveira



03/05/1941

Meu nome é Alfa Marques de Oliveira, mas tenho apelido de Deene. Minha mãe dizia que era coisa dos meus irmãos.

Meus avós vieram de São João, próximo ao distrito de Alegria. Depois mudaram-se para um sítio mais perto de Simonésia, no córrego de São Pedro. Cultivavam arroz, milho, feijão, batata, mandioca, amendoim, muitas frutas, enfim, produziam de tudo um pouco. Depois que minha avó ficou viúva, gostava muito de plantar e cuidar das plantações. Ela costumava também acolher crianças que ficavam órfãs e sempre havia duas ou três morando em sua casa. Eram meninos que ajudavam minha avó e gostavam dela como se fosse mãe. Lá eles tinham o carinho e os cuidados dela, aprendiam a trabalhar e por isso se tornaram rapazes bons e trabalhadores. Lembro-me de alguns deles.

Já dos meus avós paternos não tenho lembranças, pois já eram falecidos quando eu nasci.

Meu nascimento foi no córrego de São João da Alegria. Não me lembro muito de lá, pois nos mudamos para Pocrane quando eu era muito novinha e lá moramos por poucos anos. Da infância naquela época só me lembro de brincar de boneca, pois minha mãe não deixava que ficássemos saindo na rua. Depois de Pocrane, nos mudamos para Santana e posteriormente para São Mateus, em Ipanema. Morei lá dos seis aos quinze anos de idade até me casar.

Estudei, mas não me lembro do nome das escolas, só me lembro da escola de Santana e de uma professora chamada Dona Lalá, que era muito boa e dava aula para mais de quarenta alunos sozinha. Em Ipanema estudei num colégio interno, do sargento Dedair e sua esposa, onde hoje é a casa das irmãs de caridade. Saí de lá para me casar, por isso não terminei meus estudos, mas não me arrependi.

Tenho uma neta médica e outra que é advogada e, de vez em quando até digo a elas: Acho que a minha vida é melhor que a de vocês, viu! Vocês trabalham demais! Porque eu trabalho só o tanto que eu quero. Às vezes quando elas estão muito cansadas, elas me dizem: “Oh vó, mas é verdade. Sabe que a senhora está certa!”

Minha juventude foi muito boa. Eu tinha três irmãos mais velhos que eu e eles gostávamos de fazer bailes em casa. Às vezes íamos para a casa dos vizinhos. Eram bailes muito bons ao som da sanfona e era muita alegria e descontração. Não costumava participar de movimentos da igreja porque São Mateus ficava longe de Ipanema e meu pai não tinha carro na época. Só íamos à cidade para fazer compras de alimentos e comprar calçados quando estávamos precisando.

Na época em que estudei no colégio interno, ficava ansiosa para voltar para casa. Assim que chegava o final de semana, eu pegava o ônibus e partia para a casa de meus pais. Gostava muito da vida junto às minhas irmãs e fiquei noiva junto com uma delas, minha irmã Ruth. Um dia ela me disse: “Não vamos casar nada, Deene, bobeira, nossa vida tá tão boa!” Acabávamos de fazer nosso serviço de casa, lavar roupa, cozinhar e arrumar, nos sentávamos numa grande varanda, com aqueles alpendres e

íamos bordar, fazer tricô, marcar... Era muito gostoso! Minha mãe e meu pai eram muito bons e a vida era também muito boa! Bordei durante um longo período à máquina. Fiz bordados ponto areia, aplicações, enfim, gos-tava demais de costurar e fazer trabalhos manuais. Uma pena que me casei muito cedo.

Meu marido, na verdade, foi até a casa dos meus pais querendo namorar a minha irmã, Ruth. Meu irmão Etiene foi quem o levou para conhe-cê-la. Na época ela já era noiva, mas ficou até interessada. Eu mesma nem dei confiança a ele porque eu ainda era muito novinha e não pensava nisso. Mas depois de um tempo, meu irmão Etiene e sua esposa Terezinha come-caram a falar dele comigo, me incentivando a dar uma oportunidade a ele e resolvi então aceitar. Num belo dia de domingo, Juza, que é o apelido de meu marido, foi a Ipanema levar um time de jogadores para jogarem na cidade e passou na casa do meu irmão para conversarmos. Acabou dando certo. Firmamos namoro. Não era necessário pedir aos pais, pois quando eles viam que o rapaz era bom, já estava consentido.

Me casei muito bem, embora meu marido tenha dado trabalho durante um tempo. Mas meu sogro e minha sogra eram muito bons. Eu era muito nova, mas me sentia como se estivesse junto dos meus pais. Meu sogro fez uma casa muito boa para nós e mobiliou com todo capricho. Minhas ami-gas até diziam: “Nossa, dá até vontade de casar para ter uma casa assim!”

Tive seis filhos. O primeiro veio quando eu tinha dezesseis anos. Com dezenove tive o segundo e depois de dois anos e oito meses fui abençoada com um casal de gêmeos. Com vinte e cinco anos eu já tinha meus filhos todos. Infelizmente perdi a mais nova bem pequena e, depois de muitos anos, perdi meu filho homem, do casal de gêmeos.

Sempre fui dona de casa, bordava e costurava para as pessoas da famí lia. Fiz corte e costura com uma costureira antiga da cidade de Ipanema.

Tive muitas alegrias que me marcaram, cada nascimento de um filho era uma alegria. Eles são tudo na minha vida, a razão do meu viver. Se eu fosse olhar o tempo que meu marido bebia, talvez nem tivéssemos con-tinuado juntos, mas pelos filhos eu mantinha o casamento, pois ele era

bom pai, bom marido, só a bebida que o atrapalhava. Graças a Deus tive paciência e venci. Depois ele parou e a vida continuou boa. Tenho muito orgulho da minha família. Meus filhos e netos são todos trabalhadores, responsáveis e não me dão preocupação com nada.

Sou uma cozinheira por amor. Gosto de fazer rosca doce, rosquinhas, coxinha, quibe. Minha família toda gosta muito. Às vezes o Juza me diz que é bobagem eu ficar fazendo tanta coisa, que seria muito mais fácil ir até a padaria. Mas eu gosto de fazer, isso me dá muito prazer. Gosto de cuidar da casa, fazer meus crochês, meus quitutes, receber as pessoas, servir coisas gostosas e prosear. Já fiz muitas viagens e passeios com minhas filhas e netas e era tudo maravilhoso, mas hoje tenho ficado mais em casa com meu marido, pois ele tem necessitado muito da minha companhia e minha atenção. Sou feliz e grata por isso e por tudo.

Antônio Alves Porfírio



22/06/1935

Tenho o mesmo nome do meu avô paterno, mas sou conhecido na cidade como Tom Mix. Minha avó paterna era italiana, se chamava Maria de Hentis e meu avô paterno era brasileiro, Antônio Alves Porfírio. Quando ele faleceu, Ariosto, meu pai, estava com um ano e meio de idade e ao completar dezesseis, perdeu também a mãe.

Minha avó, Maria de Hentis, enquanto vivia na Itália, recebeu uma carta de um padre amigo da família informando que ele estava morando em Minas Gerais, no Brasil. Então o nome Minas Gerais chamou a atenção dela, pois se tratava de um local onde se extraía minério. Ela então, achou que aqui seria um lugar de muitas possibilidades e veio para o Brasil, deixando na Itália coisas que valiam muito mais do que as que encontrou aqui. Minha avó não sabia que seria assim, pensou que no Brasil a vida seria boa demais, no entanto, encontrou muitas dificuldades também por causa do idioma, pois ela só falava italiano. Meus avós paternos adquiriram terras em Simonésia que até hoje pertencem à família.

Já os pais de minha mãe, Francisco de Albuquerque e Vicênci Albuquerque, eram naturais de Simonésia. Minha avó era costureira e deixou uma máquina Singer, com a qual fazia suas costuras. Hoje, a máquina pertence a uma neta dela, minha sobrinha. Meu avô Francisco trabalhava com lavoura de café.

Eu nasci em Simonésia, filho de Ariosto Alves Porfírio e Ana Albuquerque Porfírio. Estudei até o quarto ano primário. Lembro-me de uma história, quando meu tio-avô (paterno) Victor, recebeu uma comunicação informando que meu pai havia sido convocado para servir o exército. Naquele tempo, não havia escolha, se o convocado não se apresentasse, a polícia iria buscar. Meu tio reteve o papel da convocação, pois meus pais estavam noivos e era a semana do casamento deles. Minha mãe com dezoito anos e meu pai com vinte e um. Tio Victor esperou que eles se casassem e fez a comunicação, mas alguns amigos se uniram e disseram que, pelo fato dele ser filho único, não poderia servir o exército. Fizeram a tentativa para que meu pai fosse dispensado, porém, não adiantou e ele teve que se apresentar ficando em Juiz de Fora durante um ano. Fui visitar o lugar onde ele serviu: se chamava Décimo RI (10º Batalhão de Infantaria Leve) e tive a oportunidade de conhecer o local. Vi os registros e sei que lá o meu pai aprendeu música, que se dizia “música à primeira vista”, pois ele olhava a partitura e tocava. Seu instrumento era o clarinete.

O primeiro carro de Simonésia foi um Ford, que pertenceu ao meu pai, além do picolé, que ele também foi o primeiro a trazer para a cidade. A máquina veio do Rio de Janeiro e até hoje existem partes dela guardadas comigo, inclusive o motor que ainda funciona. Hoje em dia, faço também picolés com uma máquina que tenho em casa, mas somente para os netos. E faço com muito capricho!

Trabalhei em um bar durante vinte e cinco anos, que hoje é o bar do Ariostinho, meu sobrinho. Nesse mesmo local havia um cinema, na década de sessenta, que era de propriedade do meu pai, onde eu também trabalhava. Eram projetadas fitas 35mm. Depois essas fitas encareceram muito e, devido ao peso, passamos a projetar, no cinema, fitas 16mm, de fácil transporte, e o som era muito bom. Os filmes eram anunciados através de

caixas de som que ficavam do lado de fora do cinema. Em todos os dias de exibição, tocávamos música durante quarenta minutos para que as pessoas soubessem que o filme iria começar. O ano de 1982 foi o último do cinema em Simonésia, pois a televisão foi tomando seu espaço. Os primeiros filmes exibidos e o estilo que as pessoas mais gostavam eram os filmes de faroeste, mas eram exibidos também filmes com temas românticos. Na Semana Santa, o cinema exibia “A vida de Cristo” e era necessário agendar lugares com três ou quatro meses de antecedência. Os filmes eram alugados e isso, para o meu pai, era algo de muita responsabilidade. Logo após a exibição, era necessário levar a fita até ao próximo local onde o filme estava anunciado.

Eu ficava meio atropelado no meio de tantas funções que desempenhava. Trabalhava no bar, na igreja, no cinema e era muito corrido. Todos os dias a mesma rotina. O cinema, apesar de muito trabalho e muita responsabilidade, era uma coisa boa, nunca nos deu prejuízo. Havia um senhor de confiança que ia a cavalo para Manhuaçu, prestando serviço para o meu pai, levando os filmes. Depois o carro das fitas de 30mm começou a encarecer. O trem de ferro começou a não transportar mais, por isso foram substituídos pelos de 16mm para facilitar. Os filmes de 35mm tinham em média oito centímetros de largura e eram transportados em latas, enquanto os de 16mm tinham cinco centímetros.

Meu apelido, Tom Mix, veio de um filme mudo, que não chegou a ser exibido no cinema de Simonésia. Na ocasião, meu pai conseguia as obras cinematográficas com um senhor que trabalhava com cinema, morador da cidade de Caratinga, chamado Custódio Andrade (já falecido). Através dele, filmes eram exibidos em Itaúna e a maior parte deles no Cine Brasil. Os filmes de 16mm eram do Senhor Custódio. Eram de todos os gêneros: histórias românticas e faroeste, que eram os preferidos do público e drama.

Eu curti pouco a juventude, pois tinha muito trabalho. O único esporte que eu praticava era o futebol e joguei por muito tempo. No mesmo time, havia um companheiro de bola com quem joguei durante quinze anos, Divino Bertolace. Ele era o melhor jogador de futebol de Simonésia. De todos os filhos de Divino, nenhum se compara a ele no que diz respeito ao futebol.

No meu tempo, a juventude era muito atrasada, pois a cidade era bem pequena e não oferecia quase nada. Hoje, Simonésia tem, em média, vinte mil habitantes e naquela ocasião havia no máximo sete mil. Apesar disso, na igreja sempre houve muito movimento e durante quarenta e quatro anos, eu sempre estive presente, diariamente. Tomava conta do som, fazia os reparos necessários e durante vinte e cinco anos trabalhei também anunciando no alto-falante. Até hoje as pessoas comentam comigo que sentem saudades de quando eu anunciava. Conheci todos os padres com quem trabalhei e sei o período em que estiveram na cidade, inclusive o que ficou por mais tempo em Simonésia e se tornou um grande amigo da família foi o padre Davi Gonçalves que agora se encontra em Iapu.

Eu me casei com Jandyra, filha do chamado “Doutor Pereira”, que recebeu esse nome por ter sido o único branco, criado entre os escravos. Era um pequeno fazendeiro.

Nosso casamento foi tudo de bom. Tivemos uma vida muita boa e muita felicidade. Lembro-me como se fosse hoje de quando começamos a namorar. Uma amiga de Jandyra havia pedido a ela que viesse até mim e dissesse que estava interessada em minha pessoa, mas, no final me encantei mesmo foi com a “mocinha do recado”, a minha Jandyra. Depois de seis anos de namoro nos casamos, tivemos seis filhos e vivemos sessenta e três anos juntos. Minha esposa sempre se dedicou a cuidar da casa e das crianças e tivemos uma vida controlada. Formamos todos os filhos e hoje temos netos e netas formados em medicina, odontologia e engenharia.

O que mais marca minha história de vida é o fato de eu sempre ter servido a Deus juntamente com minha esposa e meus filhos. Para mim, isso é uma das melhores coisas.

Sempre tive, em média, trinta a quarenta cabeças de gado, proporcionando fartura de leite e queijo para minha família. Colhia também muito café. Cheguei a colher de mil e duzentas a mil e trezentas arrobas de café, sempre vivendo satisfeito com o que tinha.

Possuía uma vaca que se chamava Bolinha, que chegava perto do Padre Davi, encostava o chifre nas costas dele e levava-o até o paiol para que ele desse “restoro” a ela. Se ele desviasse, ela virava o corpo e o colocava

na direção novamente. Todas as vacas eram muito acostumadas comigo e com meu carro. Quando eu chegava na propriedade, elas não iam para o alto do pasto enquanto eu não fosse embora. Nunca foi preciso buscá-las no pasto, era só chegar ao curral e chamá-las, elas vinham correndo. Vendi meu gado, apesar de gostar demais dos animais. Eu tive, inclusive, um boi que se chamava Bagdá, que era só agarrar em seu rabo que ele ia onde eu quisesse. Cheguei a tirar leite durante um tempo. Minhas filhas, Eliane e Edilene, também ajudavam, apesar do medo que eu tinha que elas se machucassem.

Os principais desafios que eu vivi foram as muitas responsabilidades que sempre tive. Fiz cachaça durante cinquenta anos, mas depois, quando comecei a ver pessoas caídas na rua por causa da bebida, passei a refletir sobre isso e resolvi não fazer mais a bebida. Entendi que precisava fazer coisas que alimentassem as pessoas e não que lhes tirassem o juízo. Conheço todo tipo de cachaça, mas nunca bebi. Em vinte e cinco anos de bar, nunca abri uma cerveja para beber. Imagino que seja por isso que tenho muita saúde até hoje.

Uma mensagem que quero deixar: a necessidade de acabar com as drogas que prejudicam a vida das pessoas, disseminar a fé em Jesus Cristo e proceder de maneira correta.

Antônio Perígolo Sobrinho



28/05/1932

Meus avós paternos vieram da Itália para São Paulo e de lá foram para Leopoldina onde nasceu meu pai, José Perígolo. Depois, a família veio para Manhuaçu e finalmente para Simonésia. Trabalhavam com lavoura de café, tinham engenho, faziam rapadura e cachaça para vender, além de plantarem cereais para consumo. Meus avós maternos também trabalhavam na mesma área. Meu pai lidava com lavoura e criava gado, tinha tropa de burro, fazia frete e eu era quem tomava conta e carregava tudo que fosse preciso e possível.

Minha mãe cuidava da casa, remendava roupas e cuidava dos filhos. Na minha infância, eu trabalhava desde os seis anos carregando comida na roça. Meu pai tinha algumas vaquinhas e quando eu tinha dez anos tirava leite e entregava na cidade. Eu brincava de pique, de pular corda e de correr pelo terreiro.

Meus pais sempre nos ensinaram a trabalhar e sempre havia muito serviço. Quando estávamos lidando na roça e começava a chover, tínhamos que correr para casa, mas lá também havia muito o que fazer. Íamos para o paiol descascar milho, tampar as goteiras da casa, enfim, não podíamos parar. Aos domingos era preciso vigiar as vacas para não saírem do pasto.

Minha mãe era uma mulher de muita fé, muito religiosa e em toda primeira sexta-feira ela saia da roça para ir à missa. Ela tinha fé de sobra.

Na juventude, eu me divertia muito. Ia para a casa dos meus tios e primos, onde havia dancinhas com tocadores de sanfona. Casei-me aos 23 anos.

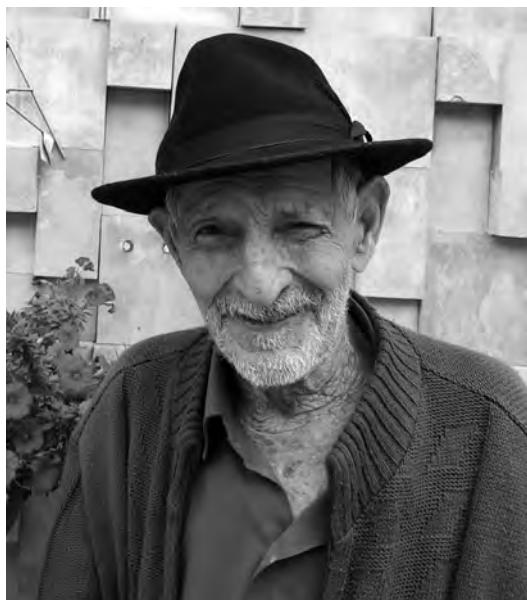
Eu trabalhava com meu tio fazendo frete na Barra do Monte Alverne e lá conheci minha esposa, Regina. Hoje ela já é falecida. Vivemos juntos durante sessenta e quatro anos criando e educando nossos oito filhos.

Simonésia, na época, era muito diferente de hoje. Há setenta e oito anos eu levava leite da roça à cidade e era um lugarejo muito atrasado. Havia apenas duas ou três casas de comerciantes e outras poucas casinhas humildes. Eu trabalhava na roça, fazia rapadura, tirava leite e comecei a formar lavouras, aos poucos. Hoje sou um grande produtor de café na região.

Na vida política, já fui vice-prefeito em dois mandatos e considero que foi um erro me envolver nessa área, pois não é o que considero ser bom para a vida. No entanto, foi um aprendizado que passei para meus filhos e netos. Meu conselho para eles é que nunca se envolvam.

O mais importante na vida de um cidadão, em primeiro lugar, é Deus e em segundo, ser honesto. Segui meu trabalho com honestidade. Criei gado, formei lavouras e, na minha opinião, são trabalhos que beneficiam tanto o dono da propriedade quanto as outras pessoas, pois trazem o sustento da minha família ao mesmo tempo que geram emprego.

Ataíde de Souza Lima



14/02/1935

Meus avós paternos, Manoel de Souza Lima e Luiza Vaz, moravam no Córrego de São João Grande, perto do distrito de Alegria. Eu morei lá por dois anos com eles. O meu avô trabalhava com tropas de burro puxando café de Alegria para Simonésia, numa época que não havia estrada. Às vezes, quando passavam perto do Senhor Joãozinho Baia, os burros atolavam e “carreiravam” no barro. Depois, meu avô ficou mais velho e os seus filhos continuaram o trabalho que ele fazia.

Eu acompanhei meu avô durante uns seis anos. Trazia o café e levava para o Senhor José Moura, dormia e no outro dia ia embora. A vida era cuidar da lavoura, mexer com o café, socar o café no monjolo e trazer para Simonésia, plantar milho, feijão, arroz (na época só se plantava no brejo). Antigamente não havia tempo para brincar. A gente levantava pela manhã, bem cedo, e ia trabalhar. Assim era o mês e o ano inteiro.

Os meus filhos nasceram no Córrego de São João Grande, apenas o mais novo nasceu nas proximidades da Ponte do Bandu, córrego Três Coqueiros. Minha avó Luiza era parteira e trabalhava muito. Quando havia uma mulher grávida, ela saía à noite com uma taquara acesa, pois não havia luz. Aliás, nem querosene existia na época.

Não me lembro dos meus avós maternos. Meu avô se chamava Joaquim Maurício, não me lembro nem do nome da minha avó materna. Sei que eles moravam no patrimônio de Alegria, também trabalhavam com lavoura de café e cultivavam os outros alimentos para a despesa.

Meu pai deu continuidade ao mesmo trabalho na roça e, nessa época, já existia máquina de limpar café no Córrego da Vargem Grande, o que facilitava o trabalho. Quanto ao estudo, meus pais tiveram pouca oportunidade, pois moravam longe de Alegria e tinham que andar duas léguas a pé, saíam de casa às seis horas e chegavam em Alegria às oito. Depois da aula, saíam ao meio dia e chegavam às duas horas, almoçavam e ainda tinham que capinar e cortar cana. Naquela época, chovia muito. Então, muitas vezes, chegavam na escola molhados, ou quando saíam, estava chovendo. Não tinham merenda nem caderno. Acabaram desistindo e estudaram apenas seis meses.

Meu pai tinha um engenho tocado a animal, então levavam a cana para moer e fazer a rapadura. Nessa época, eu tinha por volta de seis anos, mas comecei a capinar aos oito. Lembro perfeitamente quando meu pai veio à Simonésia e comprou uma enxada, da marca Dragão. Foi nesse momento que aprendi a trabalhar, mas ainda não ganhava dinheiro, pois trabalhava somente com meu pai. Com dezoito anos, casei-me e meu pai construiu uma casa onde fui morar com minha esposa. Lá, derrubei o mato, plantei café e assim fui crescendo. Posteriormente comprei uma propriedade de quatorze alqueires no córrego Alegria e meus filhos nasceram lá. Apenas um deles nasceu quando eu morava próximo à Ponte do Bandu. Depois me mudei para perto do Senhor Amador e trabalhei um ano lá. Fui para Manhumirim e toquei uma lavoura por mais um ano. Passado um tempo, adquiri uma propriedade no Córrego do São Pedro onde meu filho José Lima, já falecido, havia comprado uma propriedade e ficou um tempo lá.

Quando minha esposa adoeceu, viemos morar na cidade. Construí uma casa e morei nela por vinte e cinco anos. Atualmente moro próximo ao SUS e ao meu filho Ismael, onde ele construiu uma casa considerando que seria o melhor local para eu e minha esposa vivermos.

Dos meus filhos, o que mais estudou foi o José Lima. Estudava numa escola da zona rural do córrego do Marreco e depois no patrimônio do Marreco. Posteriormente começou a ajudar seu irmão, João Lima, a comprar café e levava para Manhuaçu numa caminhonete que havia comprado. Passado algum tempo, ele adoeceu e faleceu. Meu filho Paulinho trabalha com máquina de limpar café, Adão trabalha com caminhão e puxa calçário, Orestes mora em Dom Cavati. Os filhos mais velhos aprenderam a trabalhar na roça: Ismael, Paulinho, Adão, José Lima e Cleusa. Já as minhas filhas mais novas só estudaram e hoje cada uma delas trabalha em coisas diferentes. O marido da Irene trabalha na COPASA e Lúcia tem um comércio.

Na época em que eu era jovem, não havia estrada boa para Alegria, era preciso ir até lá a cavalo ou a pé. Não havia luz nem água. Conheci Simonésia porque tive que vir para comprar coisas de necessidade. Lembro-me do primeiro açougue da cidade, do Senhor Mansur, da padaria do Senhor Paulino onde o pão era assado no forno à lenha e da primeira mercearia que conheci na cidade, a do Senhor José Antônio. Para vestir, era necessário ir à Caratinga comprar lona listrada para fazer calças e as camisas eram feitas com saco de açúcar. As cobertas eram feitas no tear. As roupas velhas eram rasgadas para fiar as linhas de algodão. Havia uma senhora, no São João, que fazia cobertores o ano todo, e a maioria das pessoas compravam dela. Outras produziam o algodão, descaroçavam, levavam à máquina de fiar e faziam rolinhos. Naquela época, fazia muito frio. Algumas vezes formavam-se dois dedos de geada. Ficava tudo branquinho e o gelo matava bananeiras, mandioca e outras plantações.

No começo foi muito difícil. Não havia estrada nem luz, não tinha como comprar pão, então fazíamos broa de melado, banana assada, era tudo tirado da terra. Ninguém conhecia os tomates e batatas grandes como vemos hoje no mercado. Eram miúdos.

Para plantar a batata doce é preciso fazer a cova. Já para a batata inglesa, o plantador faz uma leira, depois planta a batata, cobre a rama com terra e assim ela produz. No meu terreno eu produzia batata doce e batata amarela, muito boas. Sempre para a despesa, pois a família era grande.

Eu sinto saudade dos tempos na casa da roça, onde havia água à vontade caindo na bica, chiqueiro com fartura de porcos, vaca de leite. Saudade de tudo o que eu tinha lá. Saudade de amarrar a vaca e tirar aquele leitinho, beber à vontade e fazer queijo. Fazíamos também rapadura, café de melaço e de garapa, e minha sogra fazia balaios de broa. Era muita fartura. Na cidade só se comprava sal e roupas.

A cada quinzena, aos sábados, havia pagode e dois vizinhos tocavam sanfona de oito baixos. Era muita alegria e diversão. Na época de São João, no dia 24 de junho, fazia-se uma grande fogueira e todos iam dançar. A casa era iluminada por lamparinas e ali as pessoas curtiam a noite dançando. Dali surgiam namoros, mas, naquela época, era a moça de um lado e o rapaz do outro. O rapaz namorava a mais nova e se casava com a mais velha. Tenho dois tios que são exemplos desse costume. Um fato interessante é que meu pai e dois de seus irmãos casaram-se na mesma família com três irmãs.

Na infância tive o costume de brincar de “gangorra de roda-roda”, uma brincadeira onde o cipó era amarrado na árvore para gangorrear. Meu tio Manoel aprendeu a fazer carrinho de madeira e a gente brincava nele descendo morro abaixo. Depois meu avô inventou uma bicicleta de pau, que também só andava nas descidas pois não tinha pedal. Dava certinho, inclusive eu tive a oportunidade de andar muitas vezes. Era um brinquedo que o meu avô fazia para todos os netos. Nós descíamos o morro montados nas bicicletas e depois subíamos carregando-as nas costas. Infelizmente não posso nenhuma foto de lembrança, pois na época não tínhamos acesso a máquinas fotográficas.

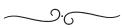
Lembro-me de quando eu estava com sete anos e havia, na parte superior da porta da minha casa, um pequeno buraco onde eu tentava colocar o dedo. Mas, por ser pequeno, não conseguia de maneira alguma. Passados dois anos, todo entusiasmado, me aproximei da porta e pensei:

“Aí, agora eu cresci!” Fui com toda satisfação e levei o dedo ao buraco da porta. Finalmente consegui alcançá-lo.

Antigamente era tudo muito difícil. Ninguém tinha luxo com nada. Entrávamos com os pés sujos de barro dentro de casa, dormíamos na esteira. A cama era feita da seguinte forma: pregava-se um pedaço de madeira na vertical onde era apoiada uma ripa, depois colocava-se o colchão de palha, que era feito em casa. A esteira também era confeccionada em casa, utilizando a taboa. Minha sogra fazia muito esse tipo de trabalho e chegou a fazer para comercializar. Produzia de vinte a trinta esteiras, colocava no animal e levava para vender no distrito de Alegria.

Foi uma época em que havia uma troca. O homem cuidava da terra e ela lhe devolvia em dobro, fornecendo tudo o que era necessário para a sua sobrevivência. Tudo através de muito trabalho, mas era uma vida saudável. A farinha de mandioca, o fubá feito no moinho de pedra, o melado, a farinha de pilão, tudo era fruto do trabalho da família. A gente comia o que produzia. Em todo lugar que existisse uma cachoeira, havia um moinho.

Carmen Lucia da Silva Baía



13/01/1956

Não me lembro dos meus avós porque, quando morreram, eu ainda era bebê. Sei que eles moravam no Córrego dos Três Coqueiros. Meus pais também eram da região de Simonésia e moravam no mesmo Córrego em que moravam meus avós. Minha mãe se mudou para a cidade depois que ficou viúva pois se cansou da lida na roça. Meu pai faleceu quando eu estava com doze anos. Trabalhavam na roça plantando milho e feijão e eu também ajudava trabalhando na plantação.

Casei-me com dezesseis anos, fui para a Cabeceira de Santana e morei lá por mais de quatro décadas. Meu filho, que faleceu aos dezenove anos, deixou uma lavoura de café. Eu e meu marido ficamos cuidando dela e plantamos também milho e feijão. Hoje moramos a um quilômetro de Simonésia, numa chácara de nossa propriedade.

Tivemos sete filhos. A primeira (falecida durante a pandemia da covid-19) nasceu quando eu tinha três anos de casada.

Frequento o “Grupo da Melhor Idade” sozinha pois meu esposo não gosta. Vou para a cidade caminhando e ele sempre me busca de moto depois que terminamos as atividades.

Eu sinto saudade do tempo em que os meus filhos eram pequenos e vivíamos todos juntos. Depois foram crescendo e agora são todos adultos e casados. Sinto também saudades do tempo em que eu morava na cabeceira de Santana e vinha ajudar a minha mãe, Maria José. Gostava muito de ajudá-la e vinha de quinze em quinze dias lavar roupas. Infelizmente, há dez anos ela faleceu.

No dia a dia, levantávamos de madrugada e íamos apanhar café fora. Plantávamos arroz, feijão e milho. Todos trabalhavam. Cada um apanhava sua enxada e íamos para a lavoura. O que produzíamos era para o sustento da família. A gente engordava porco e, às vezes, plantava até milho fora para tratar da criação.

Hoje tenho oito netos. Um deles, filho da filha mais velha (falecida), mora em Ipanema. Aposentei-me aos 55 anos. Meu marido ainda lida com a terra plantando algumas coisas em volta da casa.

Sobre o “Grupo da Melhor Idade”, eu acho que é muito bom. Às vezes fico desanimada, mas mesmo assim, não deixo de frequentar. Comecei a participar a convite da minha cunhada e já fiz uma viagem para Belo Horizonte com a turma.

Minha vida foi muito difícil. Meu marido e eu tivemos muitos conflitos e desavenças, mas agora vivemos em paz e eu trabalho menos, cuidando apenas dos afazeres da casa e aproveitando mais a vida. A participação no grupo é um dos prazeres que tenho. É uma prática que me possibilita cuidar da saúde, da mente e do corpo.

Na infância, eu vinha pouco à cidade, pois não gostava muito de sair. Apreciava brincar com minhas colegas de casinha, de boneca e meus pais deixavam, mas, primeiro, eu tinha que trabalhar. Comecei aos dez anos a ajudar na roça, capinando arroz, milho, apanhando café e todos os meus irmãos foram criados trabalhando juntos com nosso pai.

Hoje eu espero da vida que Deus me dê saúde e paz para aproveitar e viver bem os dias, participando das coisas da igreja e do grupo. Quero viver em paz com a minha família e com a comunidade.

Cleusa Maria de Oliveira Mansur



19/07/1951

Sou filha de Etiene Pinto de Oliveira e de Terezinha Coelho de Oliveira. Meus avós maternos, Pedro Coelho de Oliveira e Filomena Lopes da Silva, foram nascidos e criados em Simonésia, mas moravam no Córrego de São Pedro. Meu avô trabalhava na agricultura e fazia rapadura para a despesa, pois, naquele tempo, era com rapadura que se adoçava o café. Minha avó era do lar. Moraram lá por muito tempo. Quando meu avô adoeceu, foram para Manhuaçu, depois vieram para Simonésia, quando ele já estava bem velhinho.

Já meus avós paternos, João Pinto de Oliveira e Conceição Marques de Oliveira, residiam em São João da Alegria e depois se mudaram para Ipanema. Meu pai, Etiene, ficou em Simonésia e morava com dona Mariquinha, chamada por todos de “mãe velha” e com o Sr. Nenego, que era dentista na época.

Aos dezoito anos, meu pai casou-se com minha mãe, Terezinha, que estava com dezessete. Os dois ficaram morando próximos à casa da mãe

velha, onde tiveram a primeira filha, minha irmã Maria Tereza. Na época, minha mãe ficou doente, e seus tios e pais de criação, Virgínia Perígolo (madrinha Virgínia) e Manoel Coelho (padrinho Neneca) trouxeram a família para a cidade, onde ficaram morando. Três anos depois eu nasci. Meu pai trabalhava na roça com gado leiteiro, depois passou a trabalhar com o padrinho Neneca, comprando café e mais tarde começou a comprar bezerro em Ipanema para vender. Na época, não havia carros para fazer o transporte de gados, então os animais eram tocados. Assim meu pai trabalhou muitos anos. Nesse período, eles moravam no terreno que hoje pertence aos filhos do Senhor Antônio Colodino, no bairro São Geraldo, que na época ainda era uma área rural. Havia uma casa grande, alta e com muitas janelas azuis, estilo característico da época e que eu achava muito legal! Depois de alguns anos, meus padrinhos se mudaram para a cidade e meus pais passaram para a casa da sede que, na época, era de propriedade do padrinho Neneca e madrinha Virgínia.

Mais tarde, nos mudamos para a cidade e quando me casei, meu pai reformou a casa de janelas azuis (aquela casa que me encantava), onde eu e meu esposo, Joel Mansur, vivemos durante um ano.

Ainda na época de solteira, morei também com minha família em Bom Será do Ariranha, na chegada de Ipanema. Por ser um lugar de difícil acesso, eu e minha irmã Marlene, ficamos em Simonésia, na casa de madrinha Virgínia, para estudar. Eu fico emocionada quando lembro que nosso pai sempre vinha à cidade nos ver e, algumas vezes, tinha que atravessar a enchente a cavalo, com muita dificuldade, mas não deixava de vir. Depois de um tempo, o terreno foi vendido e nossa família voltou para Simonésia. Naquela época, moramos na sede do sítio do padrinho Neneca.

Passados alguns anos, o terreno foi vendido e a nossa família mudou-se para Manhuaçu onde o meu pai tinha um comércio e minha mãe fazia os salgados que ele vendia no estabelecimento. Lá nasceu minha caçula, Aline. Eles viveram na cidade por um determinado tempo e por fim voltaram para Ipanema. Arrendaram e trabalharam por alguns anos no antigo Hotel Ipanema. Meu pai trabalhou também em posto de gasolina e depois retornou para a zona rural, onde trabalhava com gado. Minha mãe, com a ajuda das minhas irmãs, confeccionava lindas sapatilhas bordadas a mão,

que eram vendidas informalmente por toda a região. Depois de anos de trabalho, construíram a casa no bairro Anchieta, onde moram até hoje. Meu pai faleceu no dia oito de novembro de dois mil e treze, dia em que sua tetraneta, Júlia, completou oito anos de idade. Minha mãe vive com as três filhas Marlene, Márcia e Marli em Ipanema.

Lembro-me que, na minha infância, Simonésia era uma cidade muito pequena, sem calçamento, sem luz e muito poucas casas. Não havia muito tempo para brincar. Quando era possível, brincávamos de casinha, fazíamos fogãozinho a lenha e cozinhávamos de verdade. Fazíamos também bonecas de sabugo de milho e no natal ganhávamos os chamados bonecos de papelão, feitos de papelão prensado. Eram grandes e lindos, mas não podíamos nem pensar em molhá-los, pois, além do estrago causariam também um odor desagradável.

Quanto à educação, meus pais eram muito bons e carinhosos, mas também muito bravos e rigorosos. Era obedecer ou obedecer, não havia outra opção. Éramos oito filhas em casa e tínhamos que andar na linha seguindo as regras, obedecendo aos limites.

No trabalho, minha mãe ajudava o meu pai a colher e guardar o milho e o arroz que eram plantados no terreno. Minha irmã mais velha, Maria Tereza, morava com a madrinha Virgínia e estudava no Colégio interno em Manhumirim. Marlene era seis anos mais nova, portanto era muito criança para ajudar o nosso pai. Depois nasceram as filhas Márcia, Marli, Virgínia e Aparecida.

Aos dezessete anos, eu estava cursando o terceiro ano do Ensino Médio e meu colega Joel Mansur, que trabalhava em oficina mecânica, sempre chegava atrasado. Para ser solidária com o companheiro de sala, comecei a copiar matéria para ajudá-lo. Todos ficavam zombando e dizendo que nós estávamos namorando, mas isso só foi acontecer depois de algum tempo. Namoramos durante três anos e nos casamos. Na época, não havia diversão para os jovens, só existia o cinema do Senhor Tom Mix. Ele colocava música, os rapazes ficavam de um lado, e do outro as moças ficavam passeando. Na hora do filme, quem tinha dinheiro entrava e quem não tinha ia embora. Essa era a única diversão e desse costume surgiram muitos casamentos. Eu e minhas irmãs normalmente só participávamos da missa que acontecia

antes, pois meus pais não permitiam que ficássemos para nos divertir com as outras jovens. Nem mesmo os bailes que aconteciam de vez em quando, onde cantava a Filha de Dona Noli, chamada Rosele, nós podíamos frequentar, embora a vontade fosse muito grande. Era um acontecimento na cidade. Eu me lembro que quando Dona Tonica (Antônia Josepha de Oliveira) e o Senhor Bola (Evandro Coelho Dornelas) dançavam, todos ficavam em volta para assistir, pois eles dançavam maravilhosamente bem. Eram a atração do baile.

A luz começou com um gerador do Senhor Ariosto, pai do Tom Mix, que só funcionava até as 22 horas. Depois disso, era a mais profunda escurdão. Mais adiante o Senhor José Miguel fez a barragem e, quando a luz acendeu pela primeira vez na cidade, houve um evento maravilhoso com foguetes, as pessoas todas na rua comemorando e vibrando. As pessoas que moravam na roça perdiam quase todos os eventos importantes, pois vinham para a cidade em casos de necessidade ou quando vinham às missas.

Depois de casados, eu e Joel tivemos quatro filhos: Maria Terezinha, Cristiano, Karine e Maria Dulce. A primeira nasceu com microcefalia e faleceu aos nove anos. Os outros são adultos e já constituíram família. Cristiano é motorista e mecânico. Maria Dulce é professora. Ambos moram em Simonésia. Cada um tem três filhos. Karine é assistente social no Hospital César Leite, tem dois filhos e mora em Manhuaçu.

Eu me formei em 1970, trabalhei como professora em Santana, Alegria, Rio Preto, Vargem Grande, São Pedro do Havaí (Manhuaçu). Na Escola Estadual Padre Miguel, trabalhei durante vinte e três anos. Entrei na demissão voluntária e depois de dez anos voltei para a escola. Quando me aposentei, estava trabalhando na Escola Estadual João Augusto de Carvalho, no Rio Preto. Concluí o curso de pedagogia junto com minha filha Maria Dulce em dois mil e onze.

Meu esposo, Joel Mansur, trabalhou a vida toda como mecânico e tem paixão por carros, paixão esta, que transmitiu ao nosso filho Cristiano, que o acompanhou desde criança.

Hoje sou aposentada e vivo para cuidar e dar apoio a meus filhos e netos, além de me manter firme na igreja e nas minhas orações.

Cleuza é uma mulher de fé que vive pela família. É alegre e não mede esforços para cuidar das pessoas que ama.

Conceição Egídia de Jesus



13/04/1923

Nasci no dia 13 de abril de 1923 e estou hoje com noventa e nove anos. Sou filha de Francisca Maria de Jesus, que faleceu quando eu nasci, e de Marciano Alves Pereira. Meus pais tiveram nove filhos: Raimundo, Francisco, Manoel, José, Conceição, Francisca, Maria Firmina, Ester e Maria Lúcia (Lia). Meus avós paternos são José Moisés Fernandes e Rita Bárbara de Jesus. Morávamos em São João Grande, na Alegria e nos mudamos para Simonésia em 1980.

Sou e sempre fui dona de casa. O meu marido trabalhava na roça como produtor rural. Era meeiro e trabalhava “à terça” para o dono da terra. Plantava tudo para consumo da família e comprávamos apenas sal e queirosene. Tivemos doze filhos.

Meu marido gostava muito de ir ao forró, mas não permitia que eu fosse. Eu trabalhava muito e gostava do trabalho. Nossos filhos e filhas iam com o pai ajudar no trabalho na roça e eu tinha que cuidar de toda a lida da casa, fazer todo o trabalho sozinha. Eu fazia garapa na engenhoca, socava,

limpava o café no moinho para depois prepará-lo. Plantava arroz, limpava, preparava a comida e levava para os companheiros na roça.

Quando eu tinha um tempinho, à noite, eu gostava muito de fiar algodão para fazer cobertor. Usava o fuso, que é um instrumento usado para fazer a linha com o algodão. Eu tinha que zelar pelo conforto e pensar no frio que meus filhos podiam sentir.

Dona Conceição, neste momento, com dificuldades auditivas, visuais e consequentemente na comunicação, contou essa proeza de fiar algodão, que nela despertava um grande prazer em realizar, mesmo no fim do dia, cansada. As filhas pensavam que não existiam mais o instrumento de fiar e nem um cobertor daquele tempo. Dona Conceição apontou e informou, com seu jeito possível de comunicar, onde estavam guardados o cobertor, o fuso e pediu que fossem buscados, surpreendendo as filhas. No seu modo de comunicar, ela mostrou entusiasmo em participar da entrevista. As filhas consideraram ser necessário passar informações da história e foram grandiosos os relatos e ação de Dona Conceição.

Dona Conceição, com o instrumento na mão, relata todo o processo e realiza uma das etapas de fiar deixando a linha pronta, firme, pois era importante fazer bem feito. O algodão se transformou em fio, pronto para chegar à confecção do cobertor que protegia do frio, naquela época. Em detalhes, ela mostrou quando o trabalho estava certo e quando era preciso melhorar. Ela explicava enquanto tecia. Observamos atentamente. Seu entusiasmo e alegria de participar eram contagiantes naquele momento.

Ela pediu para trazer o velho cobertor carregado de história e também de alegria. Através do seu relato, enquanto fazia a linha com o fuso, ficou evidente seu gosto em exercer um ofício ligado à arte. Aquele momento foi marcante. Ao trabalhar em detalhes que desafiaram suas mãos frágeis, Dona Conceição conseguiu mostrar o que gostava tanto de fazer. Com sorriso e muita satisfação, com a presença do instrumento que se encontrava esquecido, com o cobertor que também já se encontrava ali, Dona Conceição conseguiu mostrar a importância de, através de suas memórias, deixar o registro de um conhecimento.

Dalva Elias Ribeiro



22/12/1942

Sou nascida e criada em Simonésia. Meus avós paternos, Elias Mansur e Maria Abdala vieram do Líbano. Quando chegaram aqui em Simonésia, minha avó estava na primeira gravidez. Eles sofreram muito pois não sabiam falar português e eram analfabetos. Na verdade minha avó não viria para o Brasil com meu avô, mas quando chegaram no aeroporto, ela começou a chorar muito então acabou vindo também. Eles chegaram na cidade de Carangola pois era lá a última linha do trem. De lá eles vieram a pé para Simonésia com as malas nas costas. Na época os dois tinham seus vinte e poucos anos. Levaram uma vida muito difícil pois tiveram oito filhos. Meu avô era mais carinhoso e sempre gostou de dar presentes nos nossos aniversários. Dava sempre um dinheirinho.

No início ele era mascate, vendia mercadorias nas roças e era até meio coreunda de tanto carregar a mala nas costas por toda a cidade, a pé. Ele era chamado turco e corria uma história de que turcos comiam gente e, por isso, onde ele chegava todos corriam e fechavam as portas. Ele sofreu

muito com isso. Houve uma passagem em que ele chegou numa casa e as pessoas todas correram para o mato e ele resolveu jogar as malas no chão e correr atrás deles. Quando ele conseguiu apanhar um deles, o homem falou desesperado: “Pelo amor de Deus, sr. turco, não me come não !”

Na minha casa só os homens tinham vez. Quando os filhos nasciam, se fosse menino, era meu avô quem escolhia o nome, se fosse menina, minha mãe podia escolher.

Com o tempo, meu avô conquistou uma situação financeira boa, se tornou comprador de café, adquiriu muitas terras. Ele viveu 102 anos e no final ficou pobre, pois entregou suas posses aos filhos, parou de trabalhar e não tinha aposentadoria. Minha avó morreu mais nova, com sessenta e poucos anos e era dona de casa.

Meu avô era bem intrigueiro e não dormia com minha avó. Eu achava muito interessante que ele tinha um quarto com um guarda-roupa e uma cama patente de mola, que na época quase ninguém tinha. Ele era muito chique! O quarto ficava trancado e lá dentro sempre tinha doces árabes e outras coisas gostosas. Então, de vez em quando, nós assaltávamos o quarto dele. Ele ficava bravo, zangava mas no fim tudo acabava em festa.

Com os meus avós maternos tive pouca convivência pois eles moravam na roça.

Meu pai se casou muito cedo no primeiro casamento. A esposa morreu de tuberculose, que naquele tempo não tinha cura, e deixou a filha Dolariza, que ficou morando com os avós paternos. Meu pai, então, se casou com minha mãe e teve mais doze filhos. Eu sou a segunda dessa prole e minha infância não foi muito boa. Na verdade, minhas bonecas foram meus irmãos. Tive que cuidar deles e até dormiam comigo no cantinho da cama. Quando passavam mal e choravam, eu ficava balançando-os a noite toda. Foi muito difícil! Até na hora de brincar tinha que carregar os irmãos.

Fiz o primário em Simonésia e quando terminei fui aprender a costurar para poder me casar, que era a única opção na época. Casei-me com meu primeiro namorado aos dezenove anos. Ele era um rapaz da zona rural e meu pai sempre me dizia: “Minha filha, você não pode casar com esse rapaz porque você não vai se adaptar na roça e ele não vai se adaptar na cidade.”

Mas eu, nova e apaixonada, achei que seria tudo muito bom. Fui morar na roça e lá não tinha luz, tínhamos que andar a pé e na hora de ir embora eu chorava muito pois a vida era muito diferente. Como meu pai já havia avisado, não deu certo. Viemos então para a cidade depois de três anos, e meu marido abriu um comércio que, infelizmente, também não teve sucesso e então começaram as dificuldades. A essas alturas nós já tínhamos dois filhos e eu estava com vinte e dois anos. Meu marido começou a beber e foi uma fase muito complicada na minha vida. Mas meu pai não aceitava de maneira alguma que se falasse em separação e hoje dou graças a Deus por ele não ter deixado. Fui seguindo a vida e ouvindo os conselhos dele. Meu pai era um homem muito sábio! Era um homem além de seu tempo. Muito inteligente. Foi vice-prefeito e também vereador, por três vezes. Era como um juiz de paz. Era chamado para apaziguar as brigas entre famílias, ajudava a soltar as pessoas que eram presas. Era um fenômeno de pessoa e tenho muitas lembranças boas e muito orgulho dele. Era um homem pobre de muito caráter, muito dinâmico e ativo.

Quando o doutor Ibrahim Abi-Ackel era ministro da Justiça, veio a Simonésia, para a inauguração do Banco do Brasil. Como era muito amigo de meu pai, a recepção foi em sua casa. Lembro-me dele dizendo que precisávamos dar uma limpeza na casa para recebê-lo e a recepção contou com inúmeras pessoas, e isso para ele era motivo de orgulho.

Minha mãe veio de uma família humilde que morava na zona rural.

Minha juventude foi muito simples pois com doze anos terminei a quarta série, fui aprender a costurar, com dezenove me casei, não fui a bailes e outras diversões, mesmo porque,, naquela época não havia esse tipo de coisa. Mas a minha vida depois de casada sofreu muitas mudanças. Na época que vivi a crise no meu casamento meu pai dizia: “Cabe ao mais inteligente, a liderança.” Ou seja, a responsabilidade naquele momento era minha. Então segui firme nesta luta.

Nessa época, meu pai tinha um açougue e toda sexta-feira matava-se um boi e a carne tinha que ser entregue toda no mesmo dia pois não havia geladeira. Meu pai então me dava o bucho do boi, eu limpava e saia de porta em porta vendendo para trazer o sustento da minha casa. Fiz também

pastéis, para vender na porta da escola. Depois comecei a refletir sobre toda aquela situação. Meu pai tinha um certo status e eu estava nova ainda, então pensei: "Vou estudar. Eu faço os pastéis, levo para a sala de aula, coloco numa mesa do canto e vou estudar." Quando eu estava fazendo a sétima série, daquele tempo, engravidhei do meu segundo filho e tive que parar de estudar pois não tinha quem cuidasse dele para mim. Depois de três anos retomei os estudos. Naquele tempo se gastava sete anos para se formar no magistério e eu gastei dez. Quando eu estava no último ano, minha menina teve um problema de garganta e tinha que tirar as amígdalas. Então fui ao médico para saber por quanto ficaria a cirurgia dela. Ele deu o preço de, se não me falha a memória, mil contos de réis. Então a cirurgia ficou marcada para o mês de agosto. Em março voltei ao consultório e ele me questionou porque eu havia demorado tanto para voltar. Então expliquei que eu precisava conseguir o dinheiro para fazer o pagamento. Ele então me chamou a atenção dizendo que em questões de saúde não se deve ficar adiando. Mas naquela dificuldade, tive que juntar o dinheiro de centavo a centavo. Minha filha foi internada e a cirurgia foi feita. Na hora de fazer o pagamento, vi que só havia a cobrança do anestesista. O médico não quis me cobrar e eu senti tamanha alegria e gratidão que nem sei explicar. Foi um fato que jamais vou esquecer.

Depois, comecei a pensar: "Se encontrei um médico que nem me conhecia e ele fez tudo para mim, vou então procurar a delegada de ensino para expor a minha situação e pedir um trabalho. Tinha certeza que ela não ia me negar. Quando cheguei na rodoviária encontrei uma professora que me disse estar indo a Manhuaçu reclamar para ela, uma vaga que havia na escola de Simonésia. Então eu disse a ela: "Que bom, menina! Eu vou aproveitar porque tenho que ir lá também." Na verdade, eu nem sabia onde era. Quando chegamos lá, havia uma turma de professores, pois naquele tempo, formavam-se apenas filhas de fazendeiros. Aquelas mulheres todas bem arrumadas e cheias de joias, sentadas aguardando atendimento. A recepcionista perguntou meu nome e eu pedi às mulheres que estavam esperando que me deixassem ir na frente porque minha conversa seria bem rápida. Eu, muito mal arrumada, e minha filha, muito franzina, entramos

na sala e comecei então a falar. “Olha dona Vera, venho aqui pedir à senhora, pelo amor de Deus, arrume um serviço pra mim. Meu marido está doente e eu preciso desse serviço.” Ela me olhou e só pediu que eu procurasse a inspetora escolar e lá recebi a notícia que meu contrato já estava lá para ser assinado. Eu me senti tão grata, mas tão grata, que falei: “Eu vou ser a melhor professora que tiver, porque é uma gratidão imensa!” Eu estudava a noite inteira e até criei um método de alfabetizar. Peguei uma turminha de primeira série e dei tudo de mim. Aprendi a desenhar, a fazer cartazes. Não tinha muitas habilidades, mas a necessidade e a gratidão eram tão grandes que eu tinha que fazer tudo que fosse possível. Tornei-me uma grande alfabetizadora, e atribuo isso ao amor e à gratidão. Hoje sou voluntária alfabetizando crianças na Escola Municipal Rosalina Calegário de Souza, e faço esse trabalho junto com minha filha, Magaly.

Domingas Peregrine Clemente



08/08/1953

Nasci em Simonésia e morei na zona rural até os vinte anos de idade. Meus avós paternos, José Peregrine e Rita Maria Inocência, faleceram muito cedo quando eu ainda era bem pequenina, não me lembro bem. Sei que eles moraram no Córrego da Lage e no Monte Alverne. Trabalhavam na roça. Tinham suas próprias terras, mas depois de um tempo, perderam a propriedade e foram trabalhar como meeiros. Plantavam café, milho, arroz e outros alimentos. Meus pais, Raimundo Peregrine e Maria Zines Peregrine, também trabalhavam na roça e, na época, viveram com muita dificuldade, pois minha mãe era muito doente. Tiveram cinco filhos e somente eu sobrevivi. Depois que cresci, também ajudava no trabalho, na roça, apanhando café. Com o tempo, minha família mudou-se para a cidade.

Eu lembro que, na época, a luz da cidade apagava às 22 horas. Meu pai trabalhava na barragem vigiando, à noite toda, a hora de acender e de

apagar a luz. Havia poucas casas e com construções humildes, como a rua da Tabuinha, onde só havia casas feitas de tabuinhas. As crianças e adolescentes brincavam na rua de pique-esconde, peteca, pique-bandeira e outras brincadeiras da época. Faziam algum serviço durante o dia e depois se reuniam para brincar até a noite. Até tenho saudade. Quando ia chegando a hora da luz apagar, todos corriam para casa. Para mim, foi uma época muito boa, apesar das dificuldades. Meus pais eram tudo de bom, não havia brigas, faziam tudo para mim e me criaram com muito amor. Eles me fizeram até luxo demais, por eu ter sido a única filha, mas, às vezes, eu precisava levar umas “varadinhas”.

Minha bisavó por parte de mãe era descendente de italianos e conhecia bastante o idioma da família de origem. Meus bisavós vieram para o Brasil de navio e passaram por muito sofrimento.

Lembro-me, através das histórias que minha mãe contava, que minha avó materna, Vitalina Soti, teve uma vida muito sofrida, pois o marido, meu avô José Zines, perdeu a visão quando eles ainda tinham apenas um filho. Tiveram outras seis crianças e a minha avó cuidava sozinha de todas elas e do marido. Mesmo trabalhando incansavelmente, eles viveram muitas privações. Uma história muito triste que minha mãe contava foi quando minha avó teve uma criança de madrugada, com a ajuda de uma parteira. Na hora do nascimento, seu filho de cinco anos se sentou na beirada do fogão à lenha. Naquela época, se usava fechar o paletó com um alfinete e estava muito frio. Meu avô, como não enxergava, não viu o que estava acontecendo. Assim que o bebê acabou de nascer, ela ouviu gritos na cozinha e se levantou correndo para socorrer. Havia pegado fogo na roupa do filho e, infelizmente, não deu tempo de salvá-lo. Depois disso ela ficou totalmente desorientada. Ficava chamando pelo filho pelo terreiro e a vida nunca mais foi a mesma.

Eu estudei até o quarto ano, sendo uma parte na escola da zona rural. Casei-me aos 25 anos com Jovelino Langames e tive dois filhos: Jovelino Jr. e Hugo. Fiquei viúva e depois de um tempo casei-me com Lúcio Clemente e tive mais dois filhos: Danúbia e Lúcio.

Apesar das perdas e de toda minha luta, tenho muito bom humor, muita fibra e disposição. Eu trabalhei, por muitos anos, no Lar dos Idosos e foi um trabalho muito gratificante.

Considero que minha vida, apesar de todas as dificuldades e sofrimentos, foi muito boa! Houve muitas derrotas, mas também muitas vitórias. Tenho quatro filhos que são maravilhosos e faço questão de demonstrar minha gratidão por eles, por meus nove netos. Considero que sou uma “milionária” e uma mãe realizada.

Elza Fagundes da Silva



13/10/1938

Nasci no dia 13 de outubro de 1938. Minha avó materna era Hortência Ribeiro da Costa e o meu avô, pelo que me lembro, foi o segundo marido de minha avó e se chamava Manoel Marques. Ele gostava de mexer com onça e até tinha uma dentro de casa. Quem lhe trouxesse um gato, poderia ver a onça, caso contrário, teria que pagar.

Lembro-me que, quando era pequena e passava com meus irmãos na casa de minha avó depois da aula, meu avô reclamava que nós não lhe pedíamos a bênção e minha avó tinha que chamar a nossa atenção, senão ele ficava chateado. Mas, se a gente pedisse, ele dizia que não o estávamos deixando tocar violão sossegado e nós nunca sabíamos o que fazer, no final das contas. Meus pais e avós nos ensinavam e nos cobravam pedir a bênção, um costume respeitoso de nos relacionarmos com os adultos.

Eu era a preferida do meu avô. Na casa dele tinha um quintal com muita fartura de fruta. Se um dos meus irmãos pegasse, ele começava a

reclamar que estavam pegando frutas verdes, mas, se fosse eu, a situação era bem diferente.

Morei por um tempo na casa da minha avó e, daquela época, lembro-me de que a ajudava passando a ferro pedacinhos de tecido para que ela fizesse suas colchas e tapetes de retalho. Ela também torrava o café, moía e gostava sempre de ajuda. Meus avós, maternos e paternos, gostavam muito de mim. Tenho boas recordações e ainda guardo, com carinho, uma das colchas feitas pelas mãos da minha avó. Meus avós maternos moravam na cidade e eu na zona rural.

Perdi minha mãe com menos de cinco anos de idade e me lembro muito pouco dela. Um fato ficou marcado na minha memória. Havia um pé de manga em frente à igreja matriz, com algumas mangas maduras. Houve um temporal naquele dia, caiu uma fruta no chão e eu corri para pegá-la. Minha mãe deu um grito, preocupada comigo na chuva e esse grito ecoa na minha lembrança até os dias de hoje. Meu pai trabalhava no sítio do Senhor Rafael de Fúcio, onde nos criou: Eu (Elza), Marlene, Maria Íris e José Paulo, com todo cuidado e carinho. Nós, as mais velhas, ajudamos o nosso pai a cuidar do caçula, que tinha apenas um ano de idade quando a nossa mãe faleceu.

Em um determinado momento, considerei que o trabalho na roça era pesado e decidi que queria aprender a costurar. Meus tios me levaram para fazer um curso de corte e costura na cidade de Caratinga. Naquela época, meu pai, que já estava viúvo há oito anos, resolveu se casar novamente e nós nos demos muito bem com sua nova esposa. Depois disso, nos mudamos para a cidade e comecei a trabalhar como costureira. Trabalhava dia e noite e ajudava em casa.

Lembro-me da infância quando brincava na praça, na época era cheia de buracos, pois ali ficava o cemitério. Tenho saudade das brincadeiras e das colegas que moravam por perto. A lida na roça era muito difícil. Para que se chegasse ao cafetinho na xícara, era preciso moer a cana, torrar o café e moer, tudo tinha um processo mais longo. Quando chovia, era complicado o ir e vir da escola, pois havia muita lama na estrada e não se encontrava nenhum carro, mesmo porque, naquela época, eram raros. Estudei até a quarta série e depois ficou difícil continuar, pois eu tinha que trabalhar

para ajudar em casa. A família continuou crescendo depois que meu pai se casou de novo. Chegaram mais seis filhos.

Eu me lembro de quando eu era jovem, realizavam-se bailes na cidade, mas meu pai não permitia que eu fosse, pois ele se preocupava com bebidas e outras situações que pudessem acontecer. Em Santana também já havia algumas festas, mas não existia condução. Era preciso ir a pé, não havia estrada nem ônibus, o jeito era ir caminhando, em trilhas, nos caminhos que os cavalos podiam também passar.

Casei-me com José Rodrigues, que era comerciante. Antes de casar, ele trabalhava para o senhor Antônio Ferraz. Quando minha filha mais velha nasceu, a cinquenta e poucos anos atrás, só havia três carros na cidade. Lembro que, para chegar à Casa de Saúde em Manhuaçu, tive que ir na traseira do Jipe do senhor Daniel de Souza. Tive uma depressão pós-parto e fiquei um tempo mal. Depois, ficou tudo bem e voltei para casa. Tive mais três filhos, oito netos e um bisneto. Minha filha, Maria América reside em Manhuaçu e os outros em Simonésia.

Depois que me casei, meus irmãos foram para Belo Horizonte. A coisa mais importante para mim é ter me casado com o José e ter os filhos maravilhosos que tenho. Todos cuidam de mim com carinho, inclusive os genros e noras. Tenho uma história muito bonita de afeto e união de uma família. Hoje, sonho em viver mais. Se Deus me der mais alguns anos, que sejam bons e abençoados os tempos de vida.

O carinho da filha diante dos cuidados com a família após falecimento da mãe e a dedicação do pai são um reconhecimento honroso diante de dificuldades superadas. Os relatos de Dona Elza sobre um tempo em que a cidade tinha três carros levam a uma curiosa associação com episódios e fatos ocorridos com outras pessoas da cidade, na década de 1950. A suavidade está presente no modo como cada participante conta sua história e aqui a Dona Elza, singelamente, relata suas lembranças. A tranquilidade e leveza dos seus relatos finais mostram uma mulher que cumpriu sua missão vida, com gratidão.

Elzoni Alves Barros



28/11/1938

Meu nome é Elzoni Alves de Barros, mas sou conhecida como Dona Nita, do Senhor Cino. O apelido veio dos meus irmãos que achavam difícil pronunciar o meu nome e me chamavam de Nita. Era uma escadinha de crianças. O nome Elzoni foi escolhido por meu padrinho de batismo.

Meus avós maternos são Virgílio e Francisca. Os paternos são Joaquim e Leovegilda. Convivi muito com meu avô Virgílio, pois ele morava próximo de minha casa. Já o meu avô Joaquim faleceu novo e eu não o conheci. Naquela época, falava-se que ele havia contraído a gripe espanhola e não houve tempo de levá-lo para o hospital, pois era difícil. Era preciso colocar a pessoa em uma tábua, levar até a cidade e depois ser levado para Manhuaçu. Ele faleceu em poucos dias. Meu pai, que estava com 30 anos, ficou ajudando a mãe a cuidar dos irmãos mais novos e só depois de todos criados ele se casou. Teve dezessete filhos.

Eu lembro que minha avó era muito exigente. Ela ensinava as netas a cuidarem da casa e quando a gente varria, ela ia olhar debaixo da cama e em todos os cantinhos para verificar se estava tudo limpinho. As vasilhas tinham que ser bem lavadas e bem guardadas. Tudo isso foi bom porque aprendi muitas coisas com ela. Era uma avó brava, mas muito carinhosa. Meus irmãos tinham ciúmes, pois eu era a neta preferida.

Minha avó Leovegilda gostava de fiar e mandava que levassem os fios, a cavalo ou de charrete, para uma tecedeira em São Simão do Rio Preto. Com isso ela ganhava um dinheirinho, além de vender frango, ovos, e leite para os vizinhos. Em seu terreno havia uma horta muito boa e um pomar com variados tipos de frutas. Já minha avó materna era muito doente e não tinha condições de trabalhar. Então ela ficava por conta de cuidar de sua saúde e tomava muitos medicamentos.

Meus pais, Sebastião Alves de Oliveira e Acácia de Jesus eram muito bons! Quando os filhos completavam o terceiro ano na Zona Rural, eles nos mandavam para a cidade, para que continuássemos os estudos. Na cidade, fomos morar na pensão de Dona Laura e do senhor Manoel Marques. Meus irmãos iam para a cidade gradativamente, à medida que chegavam na quarta série. Quando foi a vez dos filhos mais novos, o meu pai comprou um sítio em Manhuaçu e acabou de criá-los lá. As mais velhas já estavam casadas naquela época. Os filhos estudaram, se formaram e três deles são sargentos da aeronáutica.

Foi uma vida muito boa. As coisas eram difíceis porque não tínhamos muito acesso a conforto e a roupas boas, mas havia muita terra e muita fartura. Minha mãe adotou vários filhos. Cuidava deles até que se tornassem independentes e se casassem, depois vinham outros. Era uma casa muito alegre. Os empregados eram tratados como filhos e, apesar de tantos, a casa era organizada, pois todos ajudavam nos afazeres desde pequenos. O serviço da roça ficava aos cuidados do meu pai, dos empregados e alguns filhos ajudavam um pouco. As filhas moças revezavam o fogão. A cada semana uma ficava responsável pelo preparo das refeições. Nós, as filhas, também ajudávamos lavando a roupa toda da casa, que não era pouca.

Casei-me com o Gumercindo (mais conhecido por Cino) e tivemos nove filhos. Quando chegaram na idade de estudar, nos mudamos para a cidade para que eles pudessem frequentar a escola. Cino trabalhava na roça e mais tarde montou um comércio.

A cidade era toda sem calçamento. Havia muita poeira ou muito barro e quando chovia, na rua onde morávamos, entrava água dentro das casas, que eram poucas e muito baixas. Não havia calçada.

As pessoas não tinham televisão e ficavam ouvindo tudo pelo rádio. A luz que tínhamos, na época, uma luz fraquinha, era do Senhor João Faustino e iluminava a cidade até as dez horas da noite.

Quando criança, eu brincava muito e gostava de brincar de zorra. Furava um buraco na imbaúba e fazia aquela zorra para a gente brincar. Uma criança ia e na hora que um de nós caía, entrava outra. Além disso, brincávamos de pique e era tudo muito divertido.

Na juventude, eu gostava de ir para o campo, perto da minha casa, para assistir aos jogos, todos os domingos.

Fui professora durante quatorze anos e, naquela época, meus filhos ainda eram pequenos. No dia em que minha filha Vanda nasceu, eu havia andado longe para dar aulas e, quando cheguei ao local, comecei a sentir mal. Cino pegou a bicicleta, foi chamar a parteira e minha filha nasceu naquele mesmo dia.

Minha mãe era muito católica e rezava o terço com os filhos todos os dias. Ela ia à missa das dez horas da manhã, a pé, fazia visita ao asilo, visitava as comadres, as amigas, sempre acompanhada de alguns dos filhos e levava uma quitanda para o café. Mamãe era cavadeira da sorte mesmo, Nossa Senhora!

Os relatos sobre a mãe, sobre os costumes de uma região, revelados por dona Nita, mostram uma admiração e muito respeito pelo passado. Os relatos de suas memórias revelam, com detalhes, a vida numa época, em que havia afeto e educação. Havia muito trabalho e desafios, mas também uma generosidade diante dos fatos e modos que a vida lhe

proporcionou viver. Ao ouvir suas memórias, nossa sensibilidade foi tocada, pois ouvimos relatos tão amáveis sobre superação de desafios.

Simonésia, antigamente, era uma cidade mais tranquila, hoje está ficando mais perigosa.

Já realizei muitos sonhos, fiz muitos passeios com os meus filhos, viajei para vários lugares que eu tinha vontade de conhecer. Meu marido não gosta de viagens, então vou na companhia dos cunhados e cunhadas. Não tenho mais sonhos a serem realizados, pois tenho muitas viagens em minha história. Hoje, Cino está com alguns problemas de saúde, então evito ficar saindo. Normalmente vou à roça para acompanhar o meu marido, que gosta muito de estar lá e de cuidar dos bichos, na medida do possível.

Ermínio Rodrigues da Fonseca



19/03/1938

O Senhor Ermínio, com muito interesse, escolhe iniciar a nossa conversa contando a trajetória do avô paterno, Sebastião Rodrigues de Oliveira, cuja história demonstra ter influenciado a sua vida devido às peculiaridades de uma doença mental. A doença do avô marcou muito a história de vida do neto.

Depois que meu avô paterno perdeu a primeira esposa, conheceu outra pessoa com quem se casou. No entanto, o casamento não deu certo, pois ele sentia falta da primeira mulher e passou a ter lembranças confusas dela, o que acabou causando-lhe algumas perturbações mentais. Quando meu avô ficou doente, eu e meu pai cuidamos dele.

Meu avô não gostava do meu pai. Um dia, meu avô ficou perto de uma vaca morta, cortando seus ossos com gurpião... Foi uma situação muito triste! A vaca já estava com mal cheiro e ele, com raiva, fazia os cortes e a

gente viu aquela cena com muita tristeza. Ele não estava bem, foi internado em Barbacena, numa “fazenda prisão”. Possuía uma ferramenta que utilizava de maneira inadequada, jogava as pessoas no chão e batia nelas. Por isso, ele nem pôde continuar em Barbacena. Porém, quando voltava para casa, as lembranças da mulher continuavam a perturbar sua mente e ele ficava muito mal. Batia nas pessoas, maltratava a égua que era seu meio de transporte. Um dia, fugindo da polícia, fez o animal passar, pular por uma cerca. Era muito difícil para a família lidar com ele e com a doença. Os próprios familiares denunciavam à polícia, pedindo ajuda, pois ele na verdade estava passando por uma crise. No meu tempo de juventude, eu trabalhava junto com meu pai, sem ter nada, até a época de me casar.

Já o meu avô materno, João Clemente, tinha uma fazenda de setenta alqueires, mas morreu pobre, pois tomaram-lhe suas terras. Ele emprestava dinheiro e as pessoas não pagavam. Ele trabalhava com tudo na roça, plantações e gado. Minha avó gostava de ajudar as pessoas e cuidar dos necessitados e doentes. Meu avô era um dos fazendeiros mais ricos da região. Só recebia em sua casa as pessoas ricas, e os filhos de seus amigos pediam que ele avalizasse empréstimos no banco. Eles não pagavam e por isso meu avô foi perdendo tudo.

Quando chegamos em Simonésia, fazia muito frio na cidade. Meu avô, João, costumava vestir três calças e fazer aquela fogueirinha dentro de casa. Mas, um dia, tragicamente o fogo alastrou por sua roupa e ele morreu sofrendo com as queimaduras.

Meus avós maternos tinham terra em São Miguel do Anta, e eu saí de lá para morar em Vermelho Novo, onde me casei e constituí família. Tivemos sete filhos que nasceram todos naquela cidade. Vim para Simonésia e comprei um terreno no Córrego do Marreco. Preparei a terra roçando e formei pasto. Hoje, são os meus filhos que cuidam da terra, cultivam café onde um dia havia somente pasto e samambaias.

Comprei um terreno onde formei pasto, cultivava milho e feijão, tirava um leitinho e fazia queijo para vender na cidade e era um queijo de qualidade, pois as pessoas gostavam muito. Não fui feliz no casamento, acabei me separando e ficando com minhas filhas. Mais tarde ocorreu algo que eu

jamais esperava. Tive prejuízos nos negócios, pois não fizeram a escritura de forma correta e acabei perdendo um terreno.

Eu não tenho muita felicidade não, mas consegui construir umas casinhas de aluguel e já faz oito anos que moro na cidade e gosto muito de ficar aqui. Conseguí estudar os filhos, mas eu mesmo tenho pouco estudo.

No tempo de estudante, fui muito “arteiro”. Havia fazendas no caminho da escola, e eu fazia o trajeto com outras crianças. Sempre fazíamos brincadeiras e em uma delas, encontramos umas três patas com ninhadas de vários patinhos. Eu comecei a brincar junto com um colega, jogando pedras nas patas e elas pulavam para cima caindo mortinhas. Depois disso, os patinhos também acabavam morrendo e as crianças achavam isso bonito. De vez em quando, eu também catava ovos nos lugares e trocava por pão. Um dia, um fazendeiro nos pegou, contou para nossos pais e então a situação ficou difícil. Parei logo de ir à escola. Eu fazia muitas “artes”, mas admito que fiz errado. Embora eu tenha sido muito levado, nunca permiti que meus filhos agissem da mesma forma. Pelo menos no que estivesse ao meu alcance.

Quando eu era criança, brincava de bola na escola. Eu chegava em casa e não ficava trinta minutos à toa, pois já havia tarefas ou trabalho para fazer. Não aprendi muita coisa, mas gostava da escola. Eram poucos alunos e as escolas eram nas fazendas.

Lembro que o meu pai era nervoso, tinha a cabeça muito quente, mas ensinava muito os filhos a trabalharem. Em São Miguel eram três irmãos, hoje estão vivos. A irmã ajudava a mãe em casa, e os homens ajudavam o pai em Vermelho Novo, onde ele tinha terras. Minha mãe herdou as terras da irmã solteira e vive lá até hoje.

Há quarenta anos, moro em Simonésia. Primeiro morei no Córrego do Marreco, e há oito anos moro na cidade, onde tenho mais conforto por ser uma casa baixa. Na época em que cheguei aqui, ainda não havia muita coisa, eram apenas casas velhas.

Quando me separei da minha mulher, ela ficou com a terrinha dela e algumas filhas. Os outros filhos vieram morar comigo. Não tenho muita felicidade, mas gosto muito de participar do grupo de idosos e das atividades da igreja.

Sou católico, faço muitas orações e agradeço muito a Deus.

Com tantas histórias tristes reveladas, ainda assim, Senhor Ermínio trouxe seus relatos sempre com um sorriso e interesse em participar do momento de contar sua trajetória. Ele manifestou muita gratidão pela oportunidade e declarou que é muito bom ser valorizado pelas pessoas. Para ele, hoje, é uma alegria ter a tranquilidade de morar em sua casa, há pouco construída, que atende às suas necessidades. Para ele, é também uma alegria participar do “Grupo da Melhor Idade”. Ele disse que tem muita satisfação pelos cuidados que recebe do grupo e dos filhos que estão sempre por perto, ajudando no que ele precisa.

Faima Egídia de Jesus



08/06/1956

A infância foi muito difícil, não tínhamos nada direito, éramos muito pobres. Tivemos que começar a trabalhar muito cedo para manter a vida, porque era muito difícil. Nosso pai estava doente e por causa disso trabalhava um dia sim e um dia não. Viveu muitos anos trabalhando doente para tratar dos filhos, todos pequenos porque vieram todos próximos uns dos outros. Eram doze filhos, mas apenas sete escaparam.

O pai era meeiro e trabalhava à meia com o patrão. A vida era difícil, com uma quantidade de filhos e muito trabalho. Ele precisava dividir com o dono da terra os alimentos que plantavam. O que nosso pai colhia não dava para passar o ano, então foi muito difícil a nossa infância.

Começamos a trabalhar mais ou menos com dez anos de idade. Os meninos iam trabalhar mais longe e as meninas nas plantações mais perto de casa. A gente plantava arroz, feijão, mandioca, batata, inhame, milho, tudo para o sustento da família. A gente capinava, roçava e colhia. As

mulheres tinham, inclusive, que serrar ou rachar a lenha, usando o gurpião. Limpávamos o arroz todo no pilão, socando de duas pessoas. Limpávamos para a gente e para os outros. Quando uma vizinha ficava doente, nos pedia ajuda. Então, além da gente trabalhar para a família, também ajudava as outras pessoas.

O cultivo do arroz, praticamente, só era feito no brejo. Então a terra era preparada e as mudas espalhadas no espaço.

Eu e minha irmã Elena já nos aposentamos. Trabalhamos muito em casas de família, desde bem novas. Hoje, dividimos as tarefas e também cuidamos da nossa mãe, que já tem noventa e nove anos.

As memórias da família mostram grandes afetos e a garra dos filhos junto com a mãe para superação de desafios. As irmãs, além dos cuidados com a mãe, têm um quintal e um jardim na frente da casa, onde cultivam flores. Elas gostam muito desse cultivo. A horta tem verduras e plantas medicinais com as quais fazem chás. Quando os vizinhos precisam, elas fornecem.

Floripes Benta do Nascimento

In Memoriam



21/11/1935 - 06/04/2024

Nasci no dia 16 de novembro de 1935. Não conheci meus avós. Meus pais eram muito bons, a minha mãe era rígida e o meu pai muito tranquilo.

Nós, os filhos, trabalhávamos na roça com ele, capinando e plantando. No fim da tarde, cada um voltava com um pedaço de lenha, pois, na época a gente não tinha fogão a gás. Eu me lembro, com saudade e alegria, de quando eu era pequena e em nossa casa havia um terreiro bem grande, com pés de fruta em volta e muitas flores. Eu e minha irmã mais velha, com quem eu me dava muito bem, varriámos, nos finais de semana, todo aquele terreiro até à beira da estrada. Ficava tudo muito limpo e havia também uma cruz onde, naquele tempo, as pessoas gostavam de rezar. Na época de secas, nossa mãe, junto com os filhos, levava garrafinhas de água, pedrinhas e colocava nos pés da cruz. Em menos de três dias a chuva caía. Outra boa recordação que tenho vem dos forrós que a minha mãe organizava, com sanfoneiros e cantigas de versos entre os namorados. Era um

respondendo ao verso do outro. Momentos inesquecíveis e marcantes da minha adolescência e juventude.

Minha mãe era muito brava e quando precisava dar um corretivo nos filhos, ela não tinha dó. Eu também precisei tomar medidas mais severas com meus filhos, pois tive doze e, para dar conta da educação de todos, era preciso ser enérgica. Lembro-me de uma passagem, quando eu morava com a família, próximo à ponte do Bandu. Numa noite, em época de enchente, meu filho Ismael desapareceu e todos ficamos preocupados. Foi um momento de desespero e muito choro. Começamos a procurar por toda parte e pensamos que ele havia caído no rio. No final, descobrimos que ele estava na casa do vizinho assistindo TV, pois naquela época poucas pessoas tinham uma televisão em casa. Foi uma mistura de alívio e nervosismo que resultou numa punição, embora ele tenha afirmado que avisou ao pai antes de ir.

Eu e meu esposo Ataíde cuidamos dos filhos em tempos de muitas dificuldades. Mesmo assim, conseguimos dar de comer a quem precisasse. Eu cozinhava banana verde no meio do feijão, aproveitava tudo que colhia e devagar fui vencendo as dificuldades. Eu mesma preparava as refeições para todos, inclusive para as pessoas que trabalhavam com a gente, eram os companheiros. Para levar a comida aos companheiros, eu usava um balaião comprido, colocava a comida separadinho em vasilhas dentro dele, protegia a minha cabeça com um pano para não me queimar e ia carregando até a lavoura. Lá eles se serviam com tudo organizadinho. Eu levava também café e quitandas. Sempre fazia comida três vezes ao dia: almoço às oito da manhã, o jantar à tarde e à noite outra refeição. Um dia, quando eu levava o balaião com o almoço, escorreguei e derramou tudo pelo chão. A comida foi toda perdida e caí no choro, tal qual uma criança. Não só pelo trabalho perdido, mas também pelo alimento. Naquele momento tive o apoio de minha cunhada que levou alguns mantimentos de sua casa, me ajudou a preparar outra comida que levamos até aos companheiros. Eu catava cachinhos de arroz, pois ainda não estava tudo no ponto de colher. Era necessário esfregar o arroz, torrar, colocar numa peneira para esfriar e socar, para depois poder fazer a próxima refeição. Sou muito grata à minha cunhada Maria,

pois ela foi uma grande companheira, me apoiando inclusive nos cuidados com as crianças. A vida não foi fácil. Às vezes, enquanto dormia, eu sonhava que estava fazendo todo o trabalho do dia-a-dia. Não conseguia desligar e descansar a mente.

Lembro que brincava, quando criança, de roda, de pular corda e outras brincadeiras, mas depois de casada não havia tempo para diversão. Meus filhos brincavam muito e tudo com brincadeiras criadas por eles, pois não tinham acesso a brinquedos comprados.

Vencemos todas as dificuldades, todos os meus filhos têm casa própria e alguns têm terreno e casa de aluguel. Todos são maravilhosos e atenciosos comigo. Quando Ataíde, meu marido, viajou para Aparecida do Norte, tive medo de ficar sozinha, mas logo vieram os netos e filhos e se juntaram todos para me fazer companhia. Foi aquela festa de colchões espalhados pela casa.

Eu não estudei e não sei assinar meu nome. Reconheço a importância do estudo, mas me faltou oportunidade na época. Tenho sabedoria conquistada pelas minhas experiências de vida. Tive uma grande tristeza em minha vida, mas fui sempre uma esposa muito dedicada, trabalhei muito, ajudei nas conquistas que minha família alcançou e, por fim consegui perdoar o motivo da minha tristeza e seguir em frente.

Dona Floripes, tem uma grande força e sensibilidade. Ela tem uma grande capacidade de perdoar e afirma que precisamos exercitar o perdão. Dona Floripes é uma mulher serena, humilde, alegre e de uma simpatia contagiatante. Ao falar de um sonho, ela sorri meio encabulada, mas relata, com um sorriso, que sempre sonhou ganhar do marido uma rosa branca grande ou cor de rosa, um buquê bem grande. Esse desejo que vem de muitos anos, desde que era jovem, revela a simplicidade de alma e coração de uma mulher guerreira, que traz uma história de superação e amor. Ela conta que o casal já fez setenta e um anos de casados e ela ainda tem sonhos. Ela reconhece que superou muitos desafios e hoje tem uma vida mais tranquila, os filhos por perto que sempre ajudam em tudo que ela e o marido precisam. Dona Floripes demonstra uma força feminina que, sutilmente, revela algo que o tempo silenciou: mulheres juntas nos empreendimentos do campo, contribuindo com o sucesso e crescimento dos negócios, além da educação dos filhos.

Geralda Dulce Mansur de Carvalho



20/09/1942

Nasci em Simonésia no dia 20 de setembro de 1942. Meus pais moravam na casa do meu avô que ficava próxima ao bairro São Geraldo, e foi ali que nasci.

Meus avós maternos, Nestor Mariano e Feliciana Breder, vieram de Friburgo, estado do Rio de Janeiro. Meu avô trabalhava na fazenda de um primo como encarregado de turma, onde havia plantação de café e criação de gado de leite.

Já os meus avós paternos Elias Mansur e Maria Abdala Mansur, vieram da Turquia. Meu avô era comerciante, o chamado mascate, naquela época. Andava montado em animal, carregando as malas com mercadorias para vender na roça. Depois se tornou famoso açougueiro e seu açougue ficava ao lado da casa onde eu moro hoje. Quando chegaram em Simonésia, ainda havia poucos moradores e meu avô comprou a casa onde viveu até falecer.

Tive infância muito boa! Meus pais eram muito carinhosos, eu tinha a companhia da minha irmã Arlete, que é seis anos mais velha, e juntas gostávamos de brincar de pique-esconde, passa-anel, brincadeiras de roda... Sempre brincávamos à tarde. Depois do banho, íamos para a porta da sala começar as festanças (as brincadeiras). Naquele tempo as ruas eram tranquilas e as crianças podiam brincar livremente. Tenho saudade daqueles tempos e lamento não ver mais a alegria da meninada pelas ruas a brincar. Hoje brincam dentro de casa ou têm que procurar lugares afastados das ruas para se divertirem com segurança. Guardo boas lembranças de um tempo em que fazíamos bonecas de milho, boizinho de chuchu e brincávamos debaixo da mesa da cozinha da minha mãe, que era muito grande. Ali fazíamos o pasto, as estradas e brincávamos sempre ali por perto. Assim foram criados também os meus filhos.

Naquela época, a cidade era bem pequena, não havia calçamento, a praça da matriz não existia. Na descida ao lado de onde eu moro hoje, havia uma rua chamada Rua do Sapo, hoje Rua 7 de Setembro, que tinha muitos buracos onde as crianças ficavam pulando e brincando.

A juventude não era livre como é nos tempos de hoje e sair para divertir à noite era raro. Às vezes aconteciam bailes no grupo escolar da cidade, mas eu só podia ir se fosse na companhia de uma pessoa mais velha, do contrário, meus pais não permitiam. No carnaval era da mesma forma, sempre na companhia de um responsável. Mas era tudo mais tranquilo, diversões mais saudáveis e com mais inocência. Sou apaixonada pelo carnaval e, desde criança, acompanhei o bloco carnavalesco da cidade, começando com o grupo de Geraldo Badroca, que saía por detrás da igreja, o bloco do Vicente Batatinha e, posteriormente, o do senhor Neném. Quando o senhor Neném adoeceu, passou para mim as dezesseis fantasias do boi e da mulinha. Eu criei então o bloco Tradição, por volta do ano 1992. E como o próprio nome diz, virou uma tradição na família e na cidade. Filhos, netos, genros, noras, amigos e pessoas da terceira idade se unem numa grande festa, onde crianças e adultos se divertem e resgatam os costumes do velho carnaval das marchinhas. Hoje, além dos animais que representavam os antigos blocos, acrescentei também duas bonecas, outra mulinha e uma

girafa. Para avisar que o bloco vai sair naquele dia, coloco na minha janela a mulinha e o boi como forma de convite a todos que queiram participar desse momento de alegria.

Minha história como esposa e mãe iniciou-se depois de um longo período de namoro com o Osmar, iniciado, como de costume na época, através de olhares à distância. Ele era comerciante, cuja loja de tecidos é a mais antiga da cidade. Nos casamos, tivemos cinco filhas e um filho. Todos constituíram família e nos deram treze netos e treze bisnetos.

Sempre fui muito envolvida com a política, algo que herdei do meu pai e do meu tio. Isso se fortaleceu ainda mais depois do casamento, pois meu esposo também veio de uma família de políticos. Candidatei-me pela primeira vez a vereadora e fui a mais votada na época, embora não tenha sido eleita por questões de coligação de partidos. Candidatei-me a vice-prefeita, mas não obtive o número de votos suficientes. Em 1976, fui eleita vereadora. Gosto muito de política! Sou política mesmo, sabe! Foi uma parte muito boa na minha vida! Nessa experiência política, embora eu tenha me esforçado para fazer o melhor, não foi possível realizar tudo que eu queria e sonhava para a minha cidade. Simonésia é um cantinho mineiro que eu gosto demais, admiro muito! Amo esta Terra! Acho que fiz alguma coisa boa, mas queria ter deixado mais.

Além de política, também fui professora e funcionária do Funrural (que prestava assistência ao produtor rural), através do qual consegui fazer um bom trabalho e conquistar muitas amizades. Aquela fase me deixou saudades e ficou marcada em minha vida.

Minha participação como vicentina também foi muito gratificante, pois pude ajudar as pessoas, levar uma palavra de fé e consolo aos que necessitassem. Há poucos dias recebi um abraço de um assistido meu que eu não via há vinte e dois anos e queria me dar um abraço. Só que ele não teve condições nem de falar nada porque ele já me abraçou chorando e eu também fiquei muito emocionada.

Nos dias de hoje, considero que o maior desafio é a criação de uma família, pois o mundo tem enfrentado muitos problemas que desequilibram e prejudicam a estrutura familiar. Meu desafio é a família, pois se ela vai

bem, tudo vai bem! Minha maior conquista é a minha família, que é unida para o que der e vier. Desejo que todos tenham uma família abençoada, pois a família é tudo.

A cidade tem um artista, o pintor Amado. Tenho uma pintura dele. Amado deixou um grande legado para Simonésia: os quadros que ficam na sacristia com o rosto dos padres, inúmeras fazendas da cidade e pessoas conhecidas ou anônimas se eternizaram através de sua arte. São Vicente de Paula foi a obra que ele fez com o maior carinho, pois o asilo da Sociedade São Vicente de Paula foi o lugar onde ele viveu o finalzinho de sua vida.

A senhora Geralda Mansur é uma mulher que toma a frente em movimentos ligados à cultura e lazer, também em movimentos religiosos e políticos. Ela é aberta à modernidade, mas valoriza costumes de gerações que têm laços positivos. Ela preserva os encontros familiares através de sua atividade cultural que envolve a cidade na singeleza das marchinhas, nas brincadeiras e alegrias do carnaval que ela ainda hoje promove.

Que as novas gerações possam pensar mais, rezar mais, compartilhar mais, serem mais amigas, mais carismáticas. Que saibam abraçar as pessoas que estão ao seu lado, conversar com os amigos. Que as pessoas saibam se desviar das drogas e vivam mais próximas de suas famílias. Deixo essas mensagens aos meus leitores.

Geralda Marques Oliveira Vargas



05/04/1938

Meus avós paternos, Rita Maria Patrícia e Joaquim Patrício, vieram de Santa Quitéria. Os meus avós maternos, Sebastião Marques Pereira e Patrocínia Marques, são naturais de Rio Pomba e, depois de adultos, residiam em São João da Alegria. Lembro-me deles morando na fazenda nessa mesma região. Quando minha avó Patrocínia faleceu, eu tinha apenas três anos de idade, por isso não me lembro bem dela. Meu avô então casou-se novamente. Era um homem jovem, muito inteligente e bem-apessoado. Ele trabalhava como comprador de café e farmacêutico, morava na Fazenda Novo Horizonte e comandava tropas para Manhuaçu, pois na época ainda não havia caminhões.

Eu fui criada num tempo muito diferente dos tempos de hoje. As pessoas eram muito diferentes. O amor nascia por amor, mesmo que não houvesse gestos e manifestações físicas de carinho. Meu avô faleceu há trinta e três anos, com noventa e cinco anos. Quando cheguei a conversar com

ele, eu já havia completado onze anos de idade, pois não era comum esse carinho e diálogo que se tem hoje. Meu pai também não tinha o costume de abraçar. Não cresci com meu pai me pegando e me abraçando todos os dias. Nos tempos de hoje, os pais dão todo carinho e atenção, mas muitos filhos nem se importam com eles. Apesar da criação com menos proximidade e intimidade, os filhos eram mais atenciosos e davam mais valor aos pais. Cuidei do meu pai até o último momento e durante trinta e três anos cuidei de minha mãe. Agora, por problemas de saúde, divido essa tarefa com os meus irmãos, mas não deixo de visitá-la praticamente todos os dias. A falta de carinho não era falta de amor, mas sim, uma forma diferente de amar, algo mais interno.

A esposa do meu avô, do segundo casamento, era considerada como uma avó de verdade. Era uma mulher muito boa e deixava os netos bem à vontade em casa. Eu entrava na despensa, pegava canequinhas esmaltadas, uma para cada irmão, colocava açúcar misturado com farinha e punha todos sentadinhos para comer, e ela, minha avó não se zangava.

Minha avó paterna gostava muito de andar, era muito falante e muito amorosa. Meu avô paterno faleceu quando ainda era muito jovem, por isso não o conheci.

Minha mãe nunca viveu em dificuldades enquanto era solteira, pois o pai dela, meu avô materno, era um fazendeiro e comprador de café. Meu avô foi um homem amoroso e zeloso, já a minha avó não era uma pessoa de muito afeto, mas muito boa mãe e criou os filhos com muita dificuldade. Minha mãe conta que, quando criança, recebia muito amor dos seus pais. Meu avô materno cuidava de mim e dos meus irmãos nos tratando com homeopatia Almeida Cardoso.

Eu gostava de brincar de pique, passa anel, roda e costumava fazer toca de palha de feijão com meus tios, irmãos da minha mãe. A gente batia as palhas, fazia montes e ia fazendo buracos até formar túneis que se encontravam lá dentro. Na tulha, o meu avô enchia de milho de um lado e do outro colocava o café que comprava. A gente brincava subindo naqueles montes e pulando do outro lado. E isso era mais uma das diversões, fruto da criatividade das crianças da época. Quando a gente se cansava,

procurava outra brincadeira. Fazia também fogãozinho e pegava panelas com as mães para cozinhar, fazia carrinho de boi com as rodas de inhame e um pauzinho para rodar. Com a esteira da bananeira e uma tabuinha, fazia a carroceria, amarrava uma corda em dois sabugos de milho para fazer as juntas de boi, colocava pedrinhas e puxava o carrinho com uma corda. A gente criava os próprios brinquedos e era feliz.

Até os onze anos, eu nunca tive um calçado. Vestidinho, geralmente tinha um ou dois. Aos quatro anos eu já tinha três irmãs, uma delas faleceu antes de completar três anos. Éramos muito pobres e chegamos a dormir em tarimas (estrados de madeira). Eram feitas espécies de cavaletes, depois a minha mãe buscava imbaúbas, rachava ao meio e fazia o estrado da cama. Depois colocava uma esteira feita de taboa retirada do brejo. Ali dormiam duas pessoas. O travesseiro era feito da taboa desfiada. A minha mãe colocava para secar e depois fazia as capas de travesseiro costuradas à mão. Não havia nem lençol. Por volta dos treze anos, tive oportunidade de experimentar o primeiro colchão. Meu pai, naquela época, podia ir até ao Distrito de Alegria, numa loja que pertencia a um parente, comprar tecidos para fazer roupas e colchões. A minha mãe descascava o milho, cortava o nó da palha e rasgava-as para encher os colchões. Quando o primeiro ficou pronto, peguei um banquinho, subi e fiquei pulando nele toda feliz porque finalmente ia poder dormir no macio.

Depois que meu avô se mudou para Manhuaçu, devido a problemas de saúde de sua filha caçula (minha tia), meus pais foram morar na casa onde meu avô morava na fazenda. Quando eu ia visitá-los, na hora de me despedir, eu ficava aos prantos, pois era muito apegada aos meus avós.

Estudei numa escola na fazenda e minha professora foi dona Edite Carvalho. Eu me esforçava tanto para aprender que até furava o caderno para fazer as letras. Estudei até a terceira série e, mais tarde, concluí o quarto ano para poder trabalhar. Com onze anos comecei a namorar, mas os namoros naquela época eram só através de recadinhos. Tinham o costume de dizer: “oh fulano, dá lembranças ao seu irmão para mim!” E assim foi até aos quatorze anos, quando fiquei noiva do meu único namorado. A maior intimidade que tive com meu marido, antes do nosso casamento,

foi o cumprimento com as mãos, no meio de todos. Casei-me aos quinze anos e sete meses, no dia quatro de setembro de 1954. O casamento foi na fazenda em que meu pai morava e, naquela época, a situação já estava mais estabilizada. A cerimônia foi realizada pelo Monsenhor José Paulo, que era muito amigo do meu avô. Ele e seu sacristão, João Folha, dormiam na fazenda quando iam celebrar missa em Alegria e chegavam na casa a cavalo. Nasci no dia cinco de fevereiro de 1939 e, para que eu pudesse me casar, meu pai fez o registro com a data de 5 de abril de 1938. Os casamentos eram decididos entre os pais e os filhos respeitavam.

Como todas as pessoas, tive meus momentos bons e momentos difíceis. Eu me casei muito inocente, sem nenhuma noção da vida e naquele tempo, na maioria dos casos, não havia a mínima intimidade antes do casamento. Morávamos num lugar muito difícil onde era preciso até buscar água no rio e a casa era muito velha. Eu dava conta das obrigações de dona de casa e me considero uma mulher que já nasceu adulta. Desde nova cumprindo com meu dever, nunca foi preciso que meu marido me corrigisse. Eu lavava e remendava as roupas à mão, fazia sabão em casa e tudo andava sempre limpo e bem cuidado. Com um ano e quatro meses de casada, tive minha primeira filha. Como eu era muito nova, não tinha experiência de que era importante conversar com a criança e ajudá-la no seu desenvolvimento. Então, quando ia para a casa de minha sogra para ajudá-la no serviço, ela ficava com meu bebê no colo enquanto eu trabalhava. Minha cunhada então dizia: “Geralda, a Edna não ri. Você não conversa com ela não?” Eu respondia que não, pois era tão jovem e inexperiente que desconhecia a necessidade desse estímulo para a criança. Quando fiz três anos de casada, minha sogra faleceu.

Na época em que minha filha estava com cinco anos, nos mudamos para uma aldeia que pertencia a Conselheiro Pena. A mudança de todas as famílias juntas coube em um caminhão da Chevrolet. Chegando lá, nos acomodamos em casinhas que havia no lugar e, como não foi suficiente para todos, minha cunhada e o marido se instalaram numa tulha. Quando eu ia levar a comida para os companheiros na lavoura, ia descalça, carregando um balaião na cabeça e era preciso colocar um pano embaixo para

proteger do calor da comida. Naquela época, eu tinha vinte e dois anos e engravidiei. Então resolvemos nos mudar para a Barra, que fica perto de Simonésia. Compramos a casa de um fazendeiro, meu filho Edmário nasceu e moramos ali durante um tempo. Depois nos mudamos de novo e a dificuldade continuou.

Com quinze anos de casada, foi o começo da minha vida de verdade. Até então, era tudo misturado com a família do meu marido e com isso não conseguíamos construir nada e nunca víamos o resultado do nosso trabalho.

Diante de tudo isso, deixo a seguinte mensagem para as novas gerações. Que as pessoas sejam mais fortes, mais compreensivas e mais amorosas. Digo aos jovens, principalmente nos assuntos de namoro e casamento, para não brincarem com a vida. Eu passei por tudo na minha vida e fui mulher o suficiente para me manter firme até a última hora. Entreguei meu marido, aos sessenta anos, três meses e um dia de casamento. Ele era boa pessoa, mas se eu não fosse a mulher que eu era, o lar teria sido destruído. Mas eu não deixei. Então o desafio é que as pessoas tenham mais garra para viver verdadeiramente o casamento.

A mensagem revela crenças e valores relacionados ao casamento que tinha vertentes indagáveis para o tempo de hoje. A mulher, com sua força, pôde bancar uma história, muitas vezes no silêncio, com garra, contribuindo na diversidade de trabalhos, compromissos, nos aspectos sociais, econômicos e na transmissão também de um jeito de educar, viver o casamento, se comprometer com o trabalho e ser subserviente ao longo de um tempo. As memórias nos revelam a mais pura sensibilidade e isto encanta o dizer sobre coisas da vida que movem ou moveram vidas. Há os tempos das histórias, das indagações e de um novo vir a ser.

Geralda Marques da Silva



26/02/1931

Meus avós maternos eram brasileiros vieram de fora para Minas Gerais. Não tive muita convivência com eles e por isso não tenho muito a contar. Via-os apenas quando vinham passear. Eu conversava e amava muito meus avós, mas infelizmente não convivi muito com eles. Minha avó, Maria Caetano, não chegou a conhecer, pois ela morava muito distante e naquele tempo era tudo muito difícil e além disso também não havia estradas. Meu avô, João Marques, quando o conheci, já não trabalhava mais. Tinha uma fazendinha onde cultivava algumas plantações e criava os filhos. Todos trabalhavam ajudando na plantação e na colheita dos alimentos.

Fui criada em outra fazenda mais distante e meu pai era uma pessoa muito querida lá. Foi farmacêutico homeopático no Distrito de Alegria e tinha uma fazendo de gado, onde criou a mim e meus irmãos. Tinha uma situação controlada, graças a Deus.

Depois que me casei, morei ainda por muitos anos em alegria, mais tarde me mudei para Manhuaçu com o objetivo de dar uma educação melhor para os meus filhos.

Meu avô materno, Manoel de Souza Lima, morava mais próximo, e por isso convivemos mais com ele. Eram dez filhos, contando com minha mãe. Vovô tinha um sítio com uma casa boa, e os filhos todos trabalhavam ajudando na lida do dia a dia. Ali eles se casaram e foram criando seus filhos. Era uma família muito unida e todos cuidavam juntos da plantação de café, que na época ainda não era tão valorizado, e cultivavam também outros tipos de alimentos. Meu avô era vendedor ambulante e negociava algumas espécies animais utilizando tropas de burro como meio de transporte.

Meu pai veio da região de Carangola mas foi praticamente criado na cidade de Taparuba. Depois de ficar viúvo do primeiro casamento, casou-se com minha mãe. Nessa época eles moravam em Simonésia, no distrito de Alegria. Meu avô, João Marques, foi embora para o Centenário de Mutum e vendeu a fazenda para o meu pai. Lá ele criava gado, era comprador de café e era o “médico” daquelas redondezas. Nasci e fui criada em Alegria, onde me casei aos 16 anos.

No meu tempo de criança, Alegria era um pequeno patrimônio, com uma igrejinha que todos frequentavam, mas para nós era como se fosse uma cidade. Muito simples, mas era muito bom! Meu pai era como se fosse um rei naquele lugar, pois tratava de todos os doentes e a cura muitas vezes parecia um milagre.

Meus pais moraram em Alegria até que chegou o momento dos filhos estudarem, pois lá só havia escola municipal que oferecia apenas o estudo primário. Então se mudaram para Manhuaçu para que meus irmãos pudessem continuar os estudos, eu e minhas duas irmãs ficamos em Alegria. Lá ele trabalhava como tratador, mexia com gado, comprava e despolpava café com maquinários e tinha muitos empregados. Minha mãe sempre foi uma boa dona de casa e administrava e cuidava de tudo com a ajuda de algumas pessoas que trabalhavam com ela. Era uma mãe muito cuidadosa com os filhos, muito ciumenta e não deixava que as filhas ficassem à

vontade pela rua, mesmo porque, naquele tempo, não existia isso. Os filhos ficavam sempre juntos ao pai ou à mãe. Meus pais moraram em Manhuaçu até o dia em que partiram desta vida.

Eu e meu marido Geraldo ficamos morando na fazenda que compramos do meu pai e fomos criando nossos filhos, até que chegou o momento deles estudarem. Eu sempre dizia ao meu marido: “Olha Geraldo, nós temos muito serviço aqui, mas não quero que meus filhos fiquem analfabetos não. Quero meus filhos estudados.” Então nos mudamos para Simonésia e depois para Manhuaçu e todos estudaram.

Embora minha mãe sempre tivesse pessoas trabalhando nos afazeres da casa, ela fazia questão que aprendêssemos os serviços domésticos. Aprendi também a costurar e bordar. Costurei por mais de sessenta anos e fui uma ótima costureira. Com meu trabalho ajudei a criar e educar todos os meus filhos. Fazia da menor até a maior costura. Vestidos de festa, de casamento e até vestidos de noiva e era uma costureira famosa por essa região de Manhuaçu e Simonésia.

Como já havia mencionado, meu pai tinha farmácia homeopática em Alegria e eu, desde pequena, ficava junto e fazia as manipulações para ele. Os remédios vinham de São Paulo e manipulávamos na água, com as doses certas, explicávamos como deveria ser tomado. Quando o remédio acabava, se estivesse tendo um bom efeito no paciente, continuávamos o mesmo, caso contrário, os medicamentos eram trocados. A consulta era feita apenas com uma conversa com o paciente. Depois de um tempo, quando meu pai se mudou para a cidade, me tornei “tratadora” no lugar dele e tratei das pessoas durante vinte anos e todos tinham muita fé nos meus medicamentos. Até alguns anos atrás as pessoas ainda me procuravam pois achavam que meus remédios faziam milagre, hoje já não faço mais. Agora tenho muitos médicos na família e deixo esse trabalho para eles. Já tenho netos, bisnetos e tetranetos.

Minha infância foi dentro da minha casa com os meus pais, meus irmãozinhos crescendo e eu ajudando a cuidar. Meu pai criou uma escola municipal na fazenda, onde estudei. Minha mãe sempre dizia que eu era uma menina muito inteligente e não poderia crescer sem leitura. Então

conseguiram uma professora particular e durante dois anos aprendi muito. Nesse tempo meu pai pediu ao então prefeito, Aparício Caldeira, que criasse uma escola na fazenda para que nós e os filhos dos empregados pudéssemos estudar. Nessa época, Simonésia ainda tinha o nome de São Simão. A escola então foi construída, muito bem organizada e recebeu o nome de Escola Municipal Novo Horizonte, como era chamada a fazenda. Com o passar dos anos ela passou a se chamar Escola Municipal São João de Alegría, mas não sei se ela ainda existe.

Gostávamos muito de brincar de boneca, de roda, pular corda, e participar dos eventos da escola, das marchas nas datas civis e era tudo muito bom e muito bonito. Éramos mais de duzentos alunos e com o tempo até passei a ajudar a professora. Na verdade era na escola que conseguíamos brincar e nos divertir mais, pois quando em casa tínhamos que ajudar nos afazeres.

Na juventude os pais eram muito presentes. A mãe sempre tinha que saber onde as filhas estavam e conhecer as amigas com quem andavam acompanhadas. Os assuntos entre elas eram sempre coisas simples do cotidiano pois eram muito inocentes e tinham pouco conhecimento sobre as coisas. Os namoricos eram sempre em casa ou no caso de passeio, sempre acompanhados de uma pessoa mais velha e responsável.

Meu pai era um homem muito animado e gostava de dança, de brincadeiras de caboclo e naquela época havia também os pagodinhos. Além dessas diversões participávamos também da festas religiosas e frequentávamos as igrejas vizinhas, sempre acompanhadas de algum responsável. Era tudo muito bom ! Uma vida simples mas era o que nós conhecíamos e estávamos acostumados. Ainda preservamos muitas amizades daquela época.

Conheci meu marido Geraldo aos seis anos de idade, pois seu irmão se casou com a minha irmã mais velha. Íamos passear na casa de sua mãe e fomos nos conhecendo melhor, crescendo e com o passar do tempo, fomos conquistando um ao outro, tudo no maior respeito, como era de costume na minha época. Então, quando eu completei dezesseis anos e ele, vinte e três, nós nos casamos. Vivemos juntos por sessenta e oito anos. Foi um amor muito grande e meus filhos foram testemunhas disso.

Nunca presenciamos uma briga entre nós. Nos amávamos muito e até hoje ainda choramos por ele. Tenho muita alegria pela família. Meus filhos nunca me deram trabalho, são todos formados e constituíram família. Meu filho Obedes morou um tempo com minha mãe em Manhuaçu para estudar, mas vinha nas férias para casa e foi criado com o mesmo amor que foi dedicado aos seus irmãos. Eu não queria que ele fosse porque eu não conseguia ficar sem ele, mas como era pertinho, deu tudo certo. Acabou se casando quando ainda morava lá.

O que mais marcou minha história de vida foi a boa convivência com meu marido e meus filhos. Eu era costureira e trabalhava muito, mas nunca desprezei minha casa, cuidava de tudo a tempo a hora com a ajuda de uma pessoa que trabalhava comigo. Depois minhas filhas foram crescendo e também ajudavam e assim minha vida foi muito feliz e é até hoje.

No meu trabalho como costureira eu gostava muito de fazer vestidos de noiva. Sentia prazer em ver as noivas tendo preferência pelos meus vestidos. Mas, com o tempo as pessoas passaram a alugar e eu então passei a fazer os vestidos de formatura, que por sinal, hoje são muito chiques. Eu sentia muita alegria em ser essa pessoa que vestia todos tão bem. É uma lembrança que vou guardar para o resto da vida. Uma de minhas clientes até já me disse : “Dona Geralda, quando a senhora era costureira eu tinha roupa bonita, hoje não tenho mais. A gente não veste mais aquelas roupas bonitas que a senhora fazia, temos que vestir do jeito que achamos para comprar.”

Minha mãe era muito caprichosa e ensinava que tudo que fizéssemos teria que ser bem feito e eu considero isso muito importante. Meus pais eram maravilhosos e eu tive muitas felicidades na minha vida.

Antes de vir para Simonésia, morei em Manhuaçu para estudar minhas filhas numa fazenda que tínhamos lá, chamada Fazenda Espírito Santo. Meu marido trabalhava com criação de gado. Depois disso, a fazenda foi vendida e compramos outra na cabeceira de Santana, que fica mais perto de Simonésia.

Acho que para educar uma família hoje é preciso mais que dinheiro, é preciso muito cuidado pois o mundo está muito difícil. Graças a Deus já eduquei e casei todos os meus filhos. Já tenho netos casados, tenho bisnetos

e tataranetos. Só tenho a agradecer. Casei-me com um jovem pobre e conseguimos educar muito bem nossos filhos. Todos formados e com suas profissões. Tenho netos engenheiros, médicos, dentistas, nutricionista e me considero uma pessoa realizada, apesar de acreditar que sempre estamos querendo e sonhando mais. Hoje tenho meus noventa e dois anos e tive uma vida de luta, mas enfrentei tudo com amor e hoje me considero uma pessoa realizada.

Geraldo Luiz da Terra Pereira



21/02/1945

Meu avô paterno, Manoel da Terra Pereira, tem uma história que não foi conhecida nem pelo meu pai. Ele era um homem muito fechado, veio de Campos, no estado do Rio de Janeiro e era descendente de portugueses. Minha avó paterna, Rosinélia, era descendente de italianos e veio da Itália com catorze anos de idade. Quando meu avô chegou na cidade, conheceu Rosinélia minha avó e eles se casaram, antes que ela completasse os quinze anos de idade. Dessa união vieram os filhos, inclusive meu pai, Jovelino da Terra Pereira.

Eles tinham uma loja de tecidos e minha avó tratava as pessoas com remédios manipulados, chamados na época de específicos, algo parecido com homeopatia. As pessoas faziam fila na casa deles, pois não havia médico e nenhum outro recurso de tratamento. Era uma dificuldade muito grande. Depois de um tempo, adquiriram algumas terras, sendo que parte delas

passou a ser de propriedade do meu pai, além de outras que ele conquistou com o passar dos anos.

Já a minha tetravó materna, foi pega no laço e era uma Puri. Tinha olhos azuis e nunca foi citada a sua descendência. Mas acredito que seja brasileira. Meu avô materno, Joaquim José de Cristo, era fazendeiro na região de Simonésia e viveu uma história muito dolorosa, pois era perseguido na época e teve um fim muito triste. Minha avó ficou viúva e acabou de criar os filhos sozinha. Minha mãe chorava muito quando se lembrava da história de seu pai.

Meu pai, Jovelino da Terra Pereira, foi comerciante até uma certa idade. Em 1930, mudou-se para a zona rural, para um local que até hoje é de propriedade da minha família. Na época, ele já tinha três filhos e depois disso nasceram os outros. Trabalhava e gostava muito da vida na roça. Meu pai contava que não havia estradas nem pontes, apenas trilhas onde as pessoas passavam a cavalo e os rios tinham que ser atravessados. Não existia também escola naquele local, então o meu pai conhecia um senhor que tinha mais cultura e colocou-o para dar aulas dentro de sua casa, que na época tinha apenas sala e quarto. Assim ele conseguiu ensino para muitas pessoas. Depois, esse senhor começou a ensinar a nós, os filhos, e com o passar dos anos, meu pai conseguiu construir uma casa, cedendo então a sala e dando estadia a uma professora, enviada pela prefeitura. Mais tarde, construiu outra casa, com mais duas salas de aula e mais professores e passou a ser uma escola municipal. Passado mais algum tempo, doou um terreno no Córrego de Vargem Grande onde foi construída a Escola Estadual Jovelino da Terra Pereira. Em meio a esses acontecimentos, meu pai se envolveu na política, foi vice-prefeito e candidato a prefeito, perdendo a eleição por quarenta e três votos. E assim foi, seguiu sua vida, cuidando do gado, da lavoura de café, fazendo rapadura.

Eu ajudei muito na época, apesar de ainda criança. Minha mãe cuidava da casa e dos onze filhos. A gente tinha muito respeito, e obrigação de obedecer aos mais velhos. Então, eu tomava bênção de manhã, na hora que me levantava. Todos os irmãos: “papai, mamãe... bença”! Eu e meus irmãos, aquele carinho toda vida.

Quando eu era pequeno, tinha os cabelos bem cacheados, batendo nos ombros, que eram feitos pela minha irmã, com todo carinho. Quando chegou o momento de cortar o cabelo, ela ficou tão chateada que passou três dias dizendo que não queria conversar comigo, pois ela não se conformava. Minha família foi sempre unida e amorosa.

Meus pais procuraram criar a família toda com muito carinho. Minha mãe, além das obrigações diárias, era costureira, bordadeira e fazia trabalhos lindos. Teve cinco filhos homens e seis mulheres. O trabalho era dividido da seguinte forma: os homens tinham o dever de aprender tudo que fosse de roça e as mulheres tinham a obrigação de aprender tudo o que a mãe fazia e serem boas donas de casa no futuro. Por isso, nunca aprendi a fazer nada na cozinha. Desde pequeno, antes de ir para a escola, eu tomava o café, eu ia para o curral tirar leite. Se tivesse cana para moer, eu tinha que tirar o bagaço no engenho e à tarde juntar e colocar para secar. O carreiro carreava os bois. Eu e meus irmão íamos na frente guiando para puxar a lenha e a cana. As irmãs ajudavam em casa aprendendo a bordar e a costurar. Quando chegava a hora de ir para a escola, era arranjar rapidinho e seguir nosso caminho. Tínhamos que estudar, fazer tudo direitinho. Não havia tantas tarefas de casa como hoje. Então, eu chegava, mudava a roupinha e ia trabalhar. Às vezes eu tinha que ir até um brejo arrancar inhame para poder preparar e cozinhar para os porcos, no tacho onde tirava o melado. Era o inhame rosa da cabeça grande. No outro dia de manhã, até a gente comia desse inhame, pois ficava muito gostoso com o sabor adocicado do melado.

A gente costumava brincar de pique, passar anel, jogar futebol. Juntávamos as turminhas dos meeiros e dos vizinhos no terreiro, depois do trabalho, para bater uma bolinha. Trabalhávamos desde o amanhecer até pôr do sol. O relógio era o sol. Era criação de gado, plantação de café, arroz, milho, feijão, mandioca, enfim, a gente colhia de tudo. Minha mãe fazia polvilho, farinha de mandioca e era muito boa em fazer quitandas (biscoitos, broas). Ela fazia fornadas de biscoito e as meninas todas ajudavam. Eu não esqueço que ela costumava fazer a rosca doce. Ela punha o fermento, colocava em cima de uma mesa, pegava um lençol muito clarinho, jogava em cima e depois jogava até um cobertor para aquilo fermentar. Aí, ela

falava assim: “Oh, amanhã nós vamos ter que levantar três horas da manhã porque já deve ter fermentado.” A gente levantava de madrugada e ela punha o fogo no forno. Quando dava a hora de “fornar”, ela ficava com uma pá e nós todos correndo, levando para ela colocar, porque tinha que tampar a boca do forno depressa para poder crescer. Então eram aquelas delícias que ela fazia. Tínhamos também uma horta muito bonita e produtiva. Eu saía a cavalo levando um tabuleiro cheio de alface, com uma alça na cabeça, repolho na garupa, farinha de pilão, farinha de mandioca, polvilho, manteiga, requeijão, queijo, tudo isso eu levava para vender na cidade. Lembro que um dia o cavalo caiu e machuquei a boca. Até hoje tenho a cicatriz. Na hora, chegou um rapaz e conseguiu me ajudar. Quando eu chegava na cidade, tinha a casa de uma tia onde eu deixava o cavalo e dali seguia pela rua vendendo os produtos que eu tinha levado. Antes de voltar para casa, comprava o sal e o macarrão. Massa de tomate era muito raro comprar, pois minha mãe utilizava o urucum para dar cor à macarronada. Aos domingos, tinha aquele franguinho caipira e, se tivesse visitas, tínhamos que esperar que eles se servissem primeiro. Durante a semana sempre tinha carne de porco.

Quando eu era rapazinho, gostava muito de jogar futebol e jogava tanto no time da roça quanto no time da cidade, que se chamava Cruzeiro. Era um time muito bom. Eu trabalhava até as três horas na roça. Pegava um cavalo lá no pasto, descia montado em pelo, chegava em casa, punha o arreio, tomava um banho rápido e descia a galope para treinar na sexta-feira. Do contrário, não poderia jogar no domingo. Às quartas-feiras, passava na casa da namorada e assim era minha vida de solteiro.

Na Sexta-feira da Paixão, ninguém podia andar a cavalo, nunca. Então quem quisesse ir para a cidade, tinha que ir a pé. Eu descia com minhas irmãs, inclusive em outros dias também, como no primeiro domingo do mês que tinha as filhas de Maria e os Marianos. Na entrada de Simonésia, corria uma água e ali parávamos para lavar os pés, pois íamos descalços, com os sapatinhos nas mãos para não estragá-los na estrada. Calçávamos e partíamos para a cidade encontrar com os amigos. Na praça era aquele ritual: os rapazes subiam e desciam, as moças faziam a mesma coisa, nas idas

e vindas iam se flirtando, dando piscadinhas e quando percebiam uma abertura, tentavam uma aproximação. Mas não era permitido nem pegar na mão, pois os irmãos ficavam por perto vigiando e as moças também não davam essa liberdade. Sentavam-se no jardim e ficavam conversando.

Eu nunca pensei em ser político. Sempre estive na política junto ao meu pai e ao meu irmão, Armando Terra, que foi vice-prefeito e várias vezes vereador. Eu gostava de ajudar, trabalhando e apoiando os candidatos. O último político que apoiei antes de ser candidato foi o senhor Jorge Carvalho. Um dia, chegando numa festa na cidade, sem nem pensar em me envolver efetivamente na política, ouvi Jorge Carvalho falando do palanque: “Está entrando no campo agora, meu candidato a prefeito de Simonésia.” Nessa hora eu assustei e quase voltei dali mesmo. Era um mandato de seis anos e ainda faltavam quatro para a próxima eleição. Depois disso foi o maior sofrimento, pois eu tinha acabado de comprar um supermercado e sem conhecimento na área do comércio, a política chegando junto, a secretaria mandando fazer compras, o povo numa dificuldade enorme e isso me causou muitos problemas. Veio então a eleição e fui eleito com maioria dos votos, sendo mais votado que os três adversários juntos. Isso foi muito difícil, pois eu não tinha nenhuma experiência de Prefeitura e não tinha passado pela Câmara antes, para adquirir um conhecimento. Depois veio outra eleição e eu apoiei o senhor Francisco Joviano de Carvalho. Conseguí elegê-lo sem que ele precisasse fazer sua campanha na zona rural, o que o próprio senhor Francisco afirmava. Em meu primeiro mandato, comecei a construir o hospital de Simonésia e o Francisco fez o compromisso de terminá-lo. No final, o então prefeito não continuou a obra e veio a política de novo. Decidi que tinha que voltar, pois queria muito terminar aquela construção, que era um sonho, pois eu achava que já era hora das crianças de Simonésia poderem nascer na própria cidade. Venci as eleições, terminei a obra, mas não consegui fazer com que funcionasse como hospital, pois a Câmara, na época, não votou uma verba de suplementação orçamentária necessária para pagar os equipamentos. Isso para mim foi uma grande desilusão. Quando veio a eleição, depois de tanto trabalho, não consegui ser reeleito. Das obras realizadas, a que mais foi expressiva, além da construção do hospital, foi a compra do prédio da prefeitura, onde era o Banco do

Brasil. Outras foram importantes também: o asfaltamento das principais ruas da cidade, a reabertura das pontes que eram estreitas, a reforma e construção de escolas. Além de muitas outras pelas quais me sinto grato por ter conseguido realizar.

Uma das lembranças mais marcantes da minha vida foi o nascimento do meu primeiro filho. Foi um momento sofrido para minha esposa, pois ela teve um parto difícil, a criança nasceu arroxeadas e com dificuldade de respirar. Minha vida toda foi um desafio. Comecei trabalhando, sempre numa luta muito grande, o casamento foi com muita dificuldade até que eu conseguisse me estabelecer. Depois, outra luta para adquirir bens. Tive grandes conquistas materiais e também muitas perdas. Diante disso tudo, sou um homem de fé e agradecido por todos os momentos bons que já passei na vida.

Por fim, o Senhor Geraldo Terra faz uma reflexão sobre a vida e deixa uma mensagem aos jovens. Ele falou sobre a importância dos jovens conhecerem a história de seus pais, procurarem viver um pouco do que eles viveram, ao menos no que se refere à educação que tiveram. Uma educação de respeito aos mais velhos, aos pais, aos professores. Os jovens devem rever tudo isso que está acontecendo. No seu ponto de vista, se as coisas continuarem desenfreadas como estão, em pouco tempo, talvez, não existam mais famílias. Ele ressalta a importância de se buscar o verdadeiro conceito desta palavra.

Aproveitando uma oportunidade e arriscando não encontrar o senhor Geraldo em casa, segui até a fazenda e assim fui encontrá-lo. Chegando lá, o filho me informou que ele não demoraria para chegar, e assim foi. Ele mora numa casa em uma de suas terras. Fomos recebidos por ele e a esposa, com carisma tão comum aos moradores do campo. Simonésia, por ser uma cidade com grande parte de sua população no meio rural, traz nas histórias as ligações da cultura campestre (rural) com suas particularidades, num jeitinho de falar, acolher e prosear com causos, risos e degustação das experiências. A esposa foi elogiada pelo marido, ele apresentou a história da produção de uma cachaça campeã.

Revelou também os segredos do trabalho bem feito e contou a história de como surgiu os nomes: Cachaça, pinga e aguardente junto com a bebida, que também consta no rótulo do produto. O Senhor Geraldo disse que hoje não mais produz a cachaça, por consideração a valores que o fizeram refletir. Ele contou a história e falou do tempo que seguiu como produtor da cachaça. Abaixo, a história contada por ele e que se encontra no rótulo do produto.

A Cachaça da Terra – Antigamente, no Brasil, para se ter melado, os escravos colocavam o caldo da cana de açúcar em um tacho e levavam ao fogo. Não podiam parar de mexer até que uma consistência cremosa surgisse. Porém um dia, cansados de tanto mexer e com serviços ainda por terminar, os escravos simplesmente pararam e o melado desandou! E agora! A saída que encontraram foi guardar o melado longe das vistas do feitor. No dia seguinte, encontraram o melado azedo (fermentado). Não pensaram duas vezes e misturaram o tal do melado azedo com o novo e levaram os dois ao fogo. Resultado: O “azedo” do melado antigo era álcool que aos poucos foi evaporando e se formaram no teto do engenho umas goteiras que pingavam constantemente, era a cachaça já formada que pingava (por isso o nome pinga). Quando a pinga batia em suas costas marcadas com as chibatadas dos feitores, ardia muito, por isso deram o nome de “aguardente”. Caindo em seus rostos e escorrendo até a boca, os escravos perceberam que, com a tal da goteira, ficavam alegres e com vontade de dançar. E sempre que queriam ficar alegres repetiam o processo. A Cachaça da Terra é artesanal de Minas Gerais, região montanhosa da zona da mata, produzida na Fazenda Boa Esperança, Simonésia-MG, com cana sem agrotóxicos e colhida sem queimadas. Sua história vem dos idos de 1950, época em que o pai de seu produtor, senhor Jovelino da Terra Pereira, descendentes de italianos, desbravadores de nossos rincões brasileiros, receitava a seus companheiros de lida na roça, lida que durava de 10 a 12 horas diárias, sempre no final de cada jornada, ingerir um trago de Cachaça da Terra, fabricada por ele mesmo para espantar a friagem. Pois é dessa época que remontam seus segredos desta preciosa bebida, hoje feita com carinho e dedicação por Geraldo Terra, para vossa deleite.

Gilmar Alves de Barros



07/05/1959

Nasci em Simonésia no ano de 1959. Sou filho de Elzoni Alves de Barros e Gumercindo Bertolar de Barros. Eu morava com os meus pais no Córrego do Sossego e aos sete anos fui morar com meus avós Avelino Dutra e Zulmira Bertolace, em Manhuaçu. Eu já estava na idade de estudar e como tinha dificuldades de locomoção, morar na zona rural ficava mais difícil para mim, pois na época não havia ônibus escolar. Morei lá por dois anos e estudei na Escola Estadual Antônio Welerson. Depois disso, morei por quase um ano na casa de meu tio Manoel, em Belo Horizonte. Foi um período em que fiz uma cirurgia na perna, pois tive paralisia infantil. Depois disso, voltei para Simonésia, estudei até a 8^a série e continuei os estudos em Manhuaçu junto com os irmãos. Lá, fiz o curso de contabilidade e depois de formados, eu e meus irmãos voltamos para Simonésia.

Não exercei a profissão, então meu pai, numa oportunidade, alugou um estabelecimento e deixou aos meus cuidados. Era um bar onde se vendia bebidas e salgados mas infelizmente não durou muito tempo. Depois disso, meu pai arrendou uma mercearia e cuidei dela por uns dois anos, mas não consegui crescer, pois eu tinha medo de comprar e vender. Então meu irmão Vandinho, que trabalhava no banco Nacional, veio trabalhar comigo, juntamente com outros irmãos e com o tempo a mercearia foi crescendo. Eu trabalhava no balcão atendendo e fazia cobranças, quando ainda tinha mais facilidade para andar.

Na infância, não me lembro muito de brincar, mas costumava jogar bola e andar na bicicleta dos colegas. Na juventude, eu gostava de ir ao cinema em Manhuaçu.

Ele diz que sempre foi muito alegre, que gosta de se divertir e hoje, gosta de participar do “Grupo da Melhor Idade”, onde conversa, conhece as pessoas e gosta também dos movimentos que são realizados no grupo. Sempre muito positivo.

Gumercindo Bertolar de Barros



31/12/1934

Sou conhecido como Cino, 88 anos, sou filho de Avelino Dutra de Barros e de Zulmira Bertolar de Barros. Lembro-me que eles faziam tudo de bom para os filhos. Meu pai trabalhava na roça e minha mãe tirava leite. Ela ajudava na despesa e cuidava da casa. Depois nos mudamos para Santana e moramos lá por mais ou menos cinco anos. Naquela época, meu pai comprou um terreno em Manhuaçu e a família mudou-se para lá. Esse terreno era parte de uma fazenda muito grande, com muita lavoura de café, mas com o tempo, venderam partes em que foram construídos casas e comércios, onde hoje ficam a baixada e o bairro Santa Terezinha. Meu pai era um homem bom e tranquilo, só não gostava que a gente fizesse arte. Todos o respeitavam muito e a família vivia muito bem. Meus avós maternos são Ângelo Bertolace de Barros (descendente de italianos) e Cornélia Perígolo e os paternos, Manoel de Barros e Marília Conceição.

Minha mãe tirava leite, mas eu não sabia tirar. Eu amarrava as vacas, punha o bezerro para pojar e minha mãe tirava o leite enquanto eu preparava a outra vaca. Depois eu levava o leite até a ponte que atravessa para Palmeiras, e dali ele era transportado por um caminhão até Realeza.

Quando eu era jovem, gostava de jogar futebol e joguei até aos quarenta e cinco anos, já estive até em Ipanema participando de campeonatos. Depois que parei de jogar, passei a levar os jogadores de caminhão. Eu e meu cunhado costumávamos carregar oitenta pessoas em dois caminhões. Muitas vezes pediam para parar nos botequins na estrada e atrasavam toda a viagem de volta.

Trabalhei trinta e três anos com caminhão e, na época, só havia cinco na cidade. Os caminhoneiros eram Juquinha da Galiopa, Norival Breder, João Jacó, Sebastião Alves e eu. Simonésia era uma cidade muito pequena, com poucas casas e poucos carros de passeio.

Eu vinha sempre com o caminhão fazer compras na cidade para levar para casa, na roça. Moro há cinquenta e dois anos na mesma casa e me lembro da data devido ao nascimento de meu filho caçula que já completou seu quinquagésimo segundo aniversário.

A questão do comércio na família começou com minha filha Vanda, que ainda trabalha com materiais de construção, depois meus outros filhos também ingressaram nesse ramo, trabalhando com distribuidora para supermercados, bares e mercearias.

Minha esposa era professora e no período em que ela adoeceu, lecionei substituindo-a durante três meses numa escola da zona rural. Lembro que as crianças gostavam de mim e foi uma experiência muito boa.

Sou católico, mas hoje em dia não posso frequentar muito a igreja devido a problemas de saúde. Passei por cirurgias cardíacas e preciso ter alguns cuidados por isso.

Meu avô morava e trabalhava na zona rural, mais precisamente, no Córrego do Sossego. Ele tinha lavoura de café, criava gado de leite e plantava também milho, arroz, feijão, o suficiente para o consumo da família. Já faleceu há uns cinquenta anos.

Meus avós paternos moravam em Sacramento e eu ia de vez em quando levar o meu pai para visitá-los. Meu avô já não trabalhava mais, somente seus filhos.

Eu dirigia sempre para o meu pai, pois era o único que tinha carteira. Eu o levava a Brasília cinco a seis vezes ao ano para visitar os irmãos. Durante a viagem, fazia tudo que ele pedia. Lembro-me de uma passagem em que eu havia acabado de chegar de Brasília e o meu pai pediu que o levasse a Guarapari no outro dia, pois tinham uma casa lá. Eu nunca negava e, no dia seguinte, seguimos viagem novamente. Naquela época, eu ainda morava na roça e “tocava” lavoura. Eu então levava meu pai e voltava para cuidar da obrigação. No dia marcado, voltava para buscá-lo.

Trabalhei como motorista de caminhão durante trinta e três anos e depois passei a cuidar do café, acompanhando a colheita, transportando trabalhadores e dirigia para o meu pai sempre que eu era solicitado.

Helena Muniz de Oliveira



12/01/1948

Meus pais tiveram onze filhos. Meu irmão Amado era solteiro, não teve filhos, era pintor e viveu um bom tempo de sua vida em Simonésia, até seus dezenove anos. Depois foi para Belo Horizonte, retornou para o interior com quarenta e cinco anos e veio a falecer aos noventa e quatro, no ano de dois mil e vinte e um. Meu irmão José Muniz tem noventa anos, mora em Manhuaçu e viveu aqui até o ano de 1990. Minha irmã Ana Rita faleceu em 1992. Também residiu aqui durante um período e mudou-se para Manhuaçu em 1969. Joaquim Salustiano, outro irmão, morou em Simonésia até meados dos anos sessenta depois mudou-se para Manhuaçu. Já o meu irmão Messias Muniz permaneceu em Simonésia até aproximadamente 1970, depois foi para Brasília. Meus irmãos Manoel e Maria Muniz moraram em Simonésia até 1960, depois ele foi para Belo Horizonte e ela para Brasília. Antônio Muniz mora aqui na cidade e é aposentado. Sou a nona filha.

Minha irmã Rita era Musicista e fazia shows. Ela dominava a arte dos instrumentos, tocando sanfona, violão e guitarra. Foi para Brasília quando se casou. O décimo primeiro filho, meu irmão, João Carlos de Oliveira, morou em Simonésia até aproximadamente mil novecentos e oitenta e também foi para Belo Horizonte, onde reside até os dias atuais.

Morei em Simonésia até os vinte e um anos, vivendo um período também no Distrito de Alegria. Depois fui para Caratinga, em 1988, e passados seis anos me aposentei e me mudei para Curitiba, onde vivi durante quinze anos. Em 2000 fui para o Distrito Federal e hoje divido minha vida entre Brasília e Simonésia durante os semestres pois tenho filhos nas duas cidades. O meu marido faleceu em 2014.

Minha mãe casou-se com quinze anos. Era descendente de índios e foi pega no laço. Depois de dez anos de casada, veio para Simonésia. Minha avó paterna, por volta do ano de mil e oitocentos, foi mucama. Não sei falar sobre meus avós paternos porque eles eram escravos e iam para outras fazendas, dificultando os convívios familiares.

Meu pai, Sebastião, é filho de africanos e veio nos navios negreiros para trabalhar nos engenhos, cafezais e fazendas. De acordo com o que os meus pais contavam, minha avó paterna veio diretamente da África. Ela trabalhou nas senzalas e teve vários filhos, inclusive o meu pai, que era negro e filho de um dos chefes da senzala. Por isso eu e meus irmãos somos mestiços. A família de minha mãe era daqui do Brasil mesmo.

Meus pais vieram para cá na década de quarenta e sempre residiram na região de Santana do Manhuaçu, onde começaram a criar os filhos. Meu pai comprou uma propriedade, formou a família e trabalhava na lavoura cultivando café, milho, arroz, enfim, era uma cultura bem diversificada. Ele criava gado também e, naquela época, se usava transportar os alimentos em carros de boi. Meu pai foi tropeiro, transportava alimentos nas tropas de burro e era também carreiro, fazendo transporte com carros de boi para Manhuaçu, Ipanema e outras localidades próximas. Ele também transportava gado. Era um homem bastante reservado, mas dava para perceber que vivia feliz nas suas andanças. Tinha onze filhos e todos trabalharam unidos na fazenda até a década de sessenta. Cada um tinha sua lavoura, os casados já tinham suas famílias, mas eram todos envolvidos no trabalho.

Minha mãe era dona de casa e fazia ótimos quitutes. Eu me lembro muito das suas broas de arroz e de seus biscoitos de polvilho feitos no forno a lenha. Nós morávamos numa casa grande com uma área enorme onde havia um engenho de moer cana. Na parte de baixo ficava o pomar que tinha várias qualidades de frutas, pois meu pai era muito cuidadoso nessa área.

A educação dos pais com os filhos era a melhor possível. Cada um de nós tinha seus afazeres. Comecei aos dez anos a ajudar na lavagem de roupas e na limpeza dos terreiros.

Terminei o primário aos dez anos e fiquei até os doze sem estudar porque aqui não havia escola. Logo surgiu a oportunidade de fazer admissão. Fiz o teste, passei e comecei a estudar. Depois fiz o ginásio e o curso de magistério. Terminei os estudos aqui mesmo, em Simonésia e segui a profissão de professora.

Comecei a trabalhar no distrito de Alegria em 1970 e, em 1986 fui para Caratinga, me aposentando oito anos depois. Fui com minha família para Curitiba acompanhando o meu marido que estava doente e precisava de tratamento. Ele foi intoxicado com produtos utilizados na lavoura e só havia tratamento lá. Ele ficou curado.

Ilza Francisco Campos



31/07/1946

Eu faço crochê, ponto cruz, macramê, que se chamava antes *broiler*, um tipo de arte de amarração. Quando não tinha linha, a solução era desfiar um saco e fazer com a própria linha retirada dele. Minha mãe fazia muito isso. Aprendi a marcar e a fazer *broiler* desde os sete anos de idade, mas o crochê, aprendi depois dos quarenta anos, quando a minha filha se preparava para o casamento e começou a fazer seu enxoval. Eu, vendo minha filha fazer um jogo de cozinha, resolvi aprender também e aprendi sozinha.

Meu pai me ensinou a ler em casa aos cinco anos, com uma cartilha de letras miúdas e eu, com sete anos, já fui para a escola alfabetizada. Estudei até o terceiro ano, mas queria muito ter sido professora. Dona Laura do senhor Manoel Marques, que morava na praça na época, queria muito que meu pai permitisse que eu continuasse meus estudos, mas ele dizia que as filhas só sairiam de casa depois de casadas.

Minha mãe teve cinco irmãos, dentre os quais ela é a caçula. Das irmãs mais velhas, uma morreu com sarampo aos sete anos, a outra teve paralisia infantil. Minha mãe nasceu, cresceu e ajudou a cuidar da minha irmã que faleceu aos 30 anos. Maria, a mais velha.

Mamãe olhava as prateleiras de tábua nas casas das pessoas com paninhos marcados, tudo arrumadinho e ficava encantada. Eu então dizia: Pode deixar mãe. Eu vou crescer, vou aprender e vou fazer para a senhora. Então apareceu uma vizinha Leopoldina, e minha mãe pediu que ela me ensinasse a marcar. Comecei fazendo carreirinhas de ponto cruz no pano de saco e depois disso fui aprendendo e aprimorando sozinha. Ultimamente não faço mais trabalhos para vender, pois eu mesma cuido de todos os afazeres da casa, inclusive da horta, por isso não sobra tempo.

Não me lembro muito de meus avós porque sou a filha caçula e conheci minha avó materna aos treze anos. Ela e os outros parentes da minha mãe moravam na região de Santa Margarida e eu não tive muita convivência com eles. Meu avô paterno morou no Córrego dos Três Coqueiros e faleceu quando eu ainda era criança, por isso tenho poucas lembranças dele.

Cuidei do meu pai até ele falecer. Meus pais moraram no Córrego dos Três Coqueiros, foram para Córrego Palmeiras, depois venderam esse terreno, e compraram outro no Córrego do Sossego, município de Simonésia e lá eu morei durante vinte e sete anos. Meus pais trabalhavam com a produção de cana e faziam rapadura para vender. A vida na roça era difícil, mas era muito boa, pois eu gostava de trabalhar. Meu pai plantava o arrozal e não precisava pagar “companheiro”, pois eu capinava sozinha. Ia para a roça de manhã, enquanto estava fresco, e capinava um pouco, ia para casa, descansava e voltava a capinar. Enquanto descansava em casa, eu marcava uma colcha, que hoje já não existe mais de tão velhinha. Com cinco dias eu conseguia capinar uma quadra de arroz plantada pelo meu pai. Eu era esperta demais na enxada! Colhia, batia o arroz, secava e guardava no cai-xote grande que meu pai tinha. Numa determinada época, quando meu irmão veio de Belo Horizonte, juntos colhemos setenta quilos de arroz, enchemos o caixote de um canto ao outro, com casca e tudo. Quando não socávamos no pilão, a gente levava na rua para limpar. O arroz era somente

para despesa, a não ser uma moita que eu plantei, uma vez, e vendi, conseguindo ganhar meu primeiro dinheirinho. Lembro que meu pai me levou até Manhuaçu, a cavalo, e lá comprei várias coisinhas: sombrinha, calçado, roupas e outros. Tudo com o dinheirinho do arroz.

Apanhei café na época em que se jogava o café no chão, no meio da terra, depois tinha que juntá-lo com terra e tudo, coar na peneira e colocar no saco. Ganhei um bom dinheirinho com esse trabalho. Nunca tive preguiça, sempre gostei de trabalhar.

Tive doze filhos e perdi cinco deles. Eu me casei com quase vinte e três anos. Tive a primeira filha, depois o segundo viveu vinte e quatro horas, a terceira teve sarampo e depois passou a meningite, falecendo aos dois anos. Ela era uma criança muito esperta e inteligente. A perda foi um choque muito grande na minha vida. Quando veio o quarto filho, perdi novamente. O quinto é meu filho Magela, que hoje está com quarenta e seis anos. O sexto viveu apenas cinco dias. O sétimo e o oitavo filhos são Osmar e Batista, o nono filho eu perdi quando estava ainda grávida, após um tombo que levei numa charrete que tombou. Depois de tantas perdas, quando eu deitava, ficava pensativa. Achava que nunca mais iria ver duas meninas brincando juntas, como eu via a Maria José e a Maria de Lourdes. Passado algum tempo, engravidei da filha Marileia. Dez meses depois de Marileia nascer, veio outra gravidez de uma menina. Foi muita alegria ter novamente duas meninas e vê-las brincando juntas. Tenho muita gratidão a Deus por isso. Hoje eu tenho sete filhos vivos e quatorze netos. O mais velho mora comigo.

Já ganhei um dinheirinho bom com minha arte, eu fazia muita marca de encomenda quando era nova. Como fonte de renda, eu apanhava café e fazia meus artesanatos. Ponto de cruz, crochê, e outros. Gosto muito do que faço, é uma forma de me distrair e descansar a cabeça.

Minha mãe veio de Ribeirão de São Domingos-MG, do Córrego da Pimenta, localizado depois de Santa Margarida e o meu pai veio de uma localidade perto de Carangola. Tiveram seis filhos: Hamilton, Osvaldo, Maria, José Oscar, Eva e eu, Ilza. Os últimos três nascidos em Simonésia.

Quando eu era criança não havia quase nada na cidade. Atrás da igreja havia apenas a casa de dona Maria Donara, os médicos consultavam as pessoas na praça, perto de onde é a prefeitura hoje. Às vezes, as pessoas se consultavam com o senhor José Miguel ou o senhor Bem, que eram “tratadores” na época. Eles passavam remédio para as pessoas, olhavam febre...

Quanto à educação todos tinham muito respeito pelos pais. Toda a vida, fomos criados com muita educação. Meu pai sempre foi muito bom e não tenho nada a reclamar dele. Meus irmãos sempre falavam que meu pai era assim porque eu era a única filha mulher que restou. Ele deixava que eu viesse para a cidade com minha colega, dormisse na casa dela e voltasse no outro dia. Eu nunca pensei em fazer nada de errado, só pensava em coisas boas. Tanto que eu me casei com mais idade e ainda era moça pura (virgem).

Nunca pensei em coisas erradas e ruins. Sempre tive pensamentos bons. As diversões e brincadeiras, quando eu era criança e adolescente, eram mais na escola: brincar de roda, cantar verso com as colegas. Eu ia com meu irmão para o forró e dançava muito. Falavam versos na sala. Era assim antigamente e era muito bom!

O “Grupo da Melhor Idade” é bom demais! Tenho muito carinho e adoro participar. Uma vez fui com a turma para Belo Horizonte e acabei ficando lá, na casa de um sobrinho e fui passear mais.

As crianças de hoje são criadas com muita tranquilidade, sem nenhum compromisso, ao contrário da criação que tive. Meus pais eram bons, mas davam responsabilidades para os filhos. Cada um tinha sua obrigação desde pequeno. Na minha visão, hoje em dia as crianças não estão querendo nada com a vida, só querem tranquilidade.

Minha vida hoje é muito boa! Eu morava na roça, criei meus filhos todos e casei o caçula. Morei três meses com minha nora, mas tinha muita vontade de morar na cidade. Sempre falava desse desejo com o meu marido. Eu achava que na cidade eu poderia aproveitar mais das coisas, participar mais da igreja, do “Grupo da Melhor Idade”, passear e aproveitar a vida enquanto ainda há tempo. Então me mudei. Na cidade, fiz muitas amizades, participei do grupo desde o início e, através dele, já fiz vários

passeios. Fui à praia duas vezes em Piúma, fiz passeios em Aracruz e em Belo Horizonte.

A participação no “Grupo da Melhor Idade” promoveu movimentos de lazer através de viagens, de atividades ligadas à saúde, de práticas esportivas, de oficinas de artesanato e criatividade e também através das boas convivências nos eventos sociais. Morando no meio rural, não havia condições para Dona Ilza aproveitar essas oportunidades. Ela relata suas memórias com vivacidade, cheia de energia, com uma alegria em sua comunicação. Os desafios parecem ser fatos rotineiros de superação. Dona Ilza transmite um alto astral. Toda frase dita por ela é pontuada com um sorriso. Foi gratificante estar diante dela e sentir a suavidade em sua forma de contar. Demonstra muita garra e muito amor quando relata suas experiências de vida.

Joana D'Arc Rodrigues Pena



06/03/1959

Nasci numa família muito pobre, numa época em que não existia luz elétrica. Era luz a querosene e a casa não tinha banheiro. O meu pai consumia bebida alcoólica e, de vez em quando, havia algumas desavenças com minha mãe. Meu pai não tinha muito juízo. Ele batia na gente e nos colocou (eu e meus irmãos) para trabalhar. Não tivemos oportunidade de estudar, tínhamos que trabalhar e começamos na lida desde os sete, oito anos. A gente trabalhava trilhando e fazendo covas para plantar café, enchendo saquinhos para fazer mudas. A gente moía cana, plantava arroz, milho e andava longe para fazer esse trabalho. À medida que íamos crescendo, trabalhávamos mais e em lugares mais distantes.

Minha mãe teve muitos filhos e, devido às dificuldades, faltavam roupas. Então ela acendia a fogueira para que elas secassem mais rápido. Minha mãe morreu com problemas provenientes do diabetes. Ela era

muito sentida devido a toda aquela situação que viveu, pois o meu pai não tinha juízo e dispunha de tudo que ganhávamos. Nós, os filhos, trabalhávamos durante cinco a seis meses na lavoura, enchíamos os cômodos de café e quando meu pai vendia, a gente não via um tostão do dinheiro. A vida foi muito difícil!

Minha avó paterna gostava muito dos netos e sempre que acontecia alguma coisa, a gente chamava por ela. Então chegava com seu lencinho branco na cabeça e vestido comprido para ver o que estava acontecendo. Sempre nos socorria quando nosso pai era severo com a gente e o aconselhava a não agir daquela maneira, dizendo que ele ainda ia sofrer muito na vida se continuasse se comportando daquele jeito conosco. Ele realmente veio a sofrer muito com problemas sérios de saúde. Apesar de tudo, eu gostava do meu pai e cuidei dele com todo carinho.

Na infância, eu costumava brincar com os meus primos na rua e nas noites de lua clara, a gente brincava de pique, de roda... Aos sábados e domingos, brincávamos de escorregar no meio do pasto com canoas de casca de coco. Me lembro com muita saudade!

Moramos sempre na roça como meeiros. Primeiro em Pedra Santa, Divino – MG, depois moramos no terreno do Senhor Saulo Brandão, retornando para Pedra Santa após um tempo. Lá eu me casei mesmo não querendo, pois o meu pai havia dito que se eu não me casasse, não poderia sair de casa mais.

O casamento durou por vinte anos, mas com muito sofrimento. Quando eu estava grávida, tive um acidente e corri o risco de perder meu bebê. A carroça tombou e eu fiquei pendurada. Minha filha não teve problemas, mas, hoje em dia apresenta algumas alterações de comportamento. Ela é nervosa e dá crises, tudo por conta do pai.

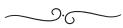
Tenho seis netos e uma netinha. Duas filhas moram em Reduto, o meu filho em Jaguaraí e a outra ainda mora comigo. O que me deixa feliz são meus filhos e netos.

Sofri muito por causa de um neto que, aos três anos de idade, teve leucemia. É uma alegriavê-lo bem hoje, já com quinze anos. Agradeço a Deus pela nova chance que deu a ele.

Eu ainda trabalho na lavoura, pois não consegui me aposentar por não ter contrato e nem contribuição para o INSS. Me preocupo muito com isso, pois tenho que pagar aluguel, comida, as despesas todas da casa. Agora voltei também a estudar e a frequentar o “Grupo da Melhor Idade”, mas fico cansada na escola, pois trabalhar na lavoura e ter as preocupações é difícil. Quando estou na escola, o aprender fica complicado, mas vou continuar. A convivência com o meu marido foi muito difícil, mas quando me separei, mesmo com tudo que precisei fazer, hoje ainda é melhor do que com ele.

Meu sonho: conseguir me aposentar para ter melhor condição para pagar aluguel, as despesas e poder passear com o “Grupo da Melhor Idade”.

Joana Rosa Soares



24/07/1957

Moro em Simonésia há aproximadamente vinte e cinco anos e sou casada há quarenta e oito anos.

Meus avós maternos, Generoso e Maria, sempre trabalharam na roça. Não cheguei a conhecer meus avós paternos, Sebastião e Joana, por isso não me recordo do sobrenome de ambos. Morei com uma tia um tempo depois que a minha mãe morreu. Eu e minhas irmãs ficamos com meu pai. Eu só tinha uma irmã casada, que mora em Curitiba, já faz bastante tempo.

A minha família veio da região de Fervedouro, lá em Bom Jesus do Madeira, passando por São Pedro do Glória. Eu nasci lá, num lugar que se chama Baú. Viemos para Simonésia há vinte e quatro anos, quando meu filho Valcir, que já é padre há oito anos, veio com o Padre Célio da Rocha, este de Ipanema.

Viemos seis meses depois do meu filho e moramos no terreno do senhor José Santos durante sete anos. Dali, mudamos para a virada do Pereirinha onde vivemos por seis anos, voltamos e moramos na Dona Maria Ananias por três anos. Por último, mudamos para o bairro Bela Vista. Moramos seis anos de aluguel e agora já temos nossa casa própria. Nos lugares que moramos anteriormente, trabalhamos na lavoura. O meu marido trabalhava a dia. Agora já faz mais ou menos sete anos que nós dois estamos aposentados. Em São Francisco do Glória também trabalhamos na roça. Moramos por lá durante dois anos antes da nossa vinda para Simonésia.

Tive quatro irmãos, filhos do meu pai e da minha mãe, duas irmãs por parte de pai e um casal por parte de mãe. Uma das minhas irmãs mora em Curitiba e a outra em Carangola. Um de meus irmãos sofreu um acidente e perdeu um braço. Ele aposentou e hoje mora no mesmo lugar que foi de minha mãe, em Bom Jesus do Madeira.

Sou a filha caçula. Minha mãe morreu quando eu tinha apenas quatro anos, a minha irmã com dez e outra irmã que já era casada. Uma senhora que não tinha onde morar passou a viver em nossa casa e morou com a gente por muitos anos. Depois que ela morreu, fui morar com uma tia, depois com um tio e por último, antes de me casar, morava com a minha irmã. Todos ajudaram a cuidar de mim. Quando meu pai faleceu, o meu filho Valmir já estava com cinco ou seis anos.

Meu avô mexia com tropa de burro, o meu pai também e hoje o meu único irmão vivo dá continuidade a esta tradição.

Minha infância foi bem difícil. Os meus pais não faziam questão que os filhos estudassem, por isso crescemos todos sem estudo. Depois dos meus filhos todos casados, voltei a estudar e estou gostando muito, embora seja difícil ir e voltar a pé. À noite, fico com medo, mas vou assim mesmo.

Sou mãe de quatro filhos: Valcir é padre e mora em Santa Bárbara, Ivanildo é produtor rural e mora em Muriaé, Valmir trabalha na ótica Veja e mora em Manhumirim, e Valdinei é pedreiro e mora comigo em Simonésia.

Já tenho quatro netos: duas meninas e dois meninos. Uma neta já é enfermeira, um neto com nove anos, a Sofia com cinco anos e o Arthur com dois anos.

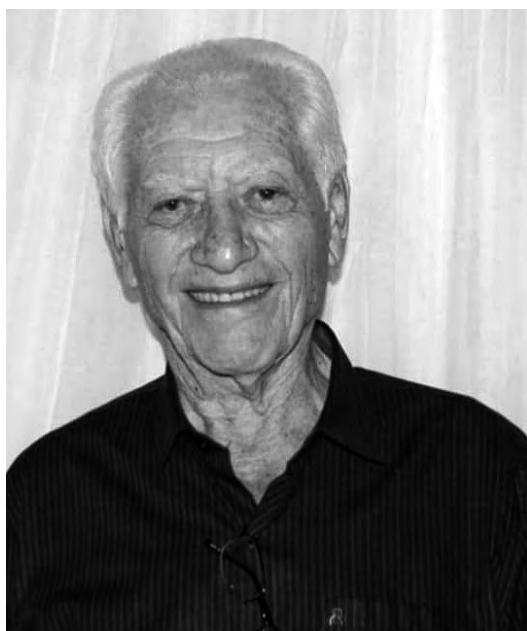
A vida de aposentada é muito boa, pois hoje tenho menos disposição para trabalhar e levo uma vida mais tranquila. Sou agradecida pela ajuda dos filhos.

Gosto muito de participar do “Grupo da Melhor Idade”, procuro fazer todas as atividades que o médico permite que eu faça e gosto muito dos passeios que são realizados com a turma.

Nunca aprendi a fazer artesanato (crochê, tricô, essas coisas). A minha vida era mesmo só cuidar de criação na roça, cuidar da casa, levantar de madrugada para cozinhar para os companheiros, socar arroz, carregar lenha, moer cana e outros serviços do dia a dia. Uma luta de solteira e de casada. Na casa de minha sogra, eu ajudava na produção da farinha de pilão e todo serviço necessário. Faziam farinha a meia e meu filho aprendeu a fazer também. Hoje ele fabrica e vende farinha para a região.

Uma mensagem minha para quem não está participando do “Grupo Melhor Idade” é dizer que estão perdendo, pois a convivência com as pessoas naquele momento é muito gratificante e divertida. É uma distração que contribui muito para a qualidade de vida. Eles cuidam da nossa saúde, pois ali também se faz o controle da pressão, da glicose e a atividade física que é essencial.

João da Mata Perígolo



08/02/1923

Meu nome é João da Mata Perígolo, mas sou conhecido como Joãozinho Jacó. Nasci no dia oito de fevereiro de 1923, numa quinta-feira, às cinco horas da tarde.

Ele fez questão de contar, pois sua mãe deixou tudo anotado, o nascimento e casamento de todos os filhos.

Meu apelido vem do nome de meu avô paterno que se chamava Jacó Perígolo, o meu pai era chamado de Antônio Jacó e assim eu também acabei sendo chamado de Jacó. Meus avós paternos são Jacob Perígolo e Anna Sotti. Os maternos são Joaquim Rodrigues Valentim de Andrade e Maria da Conceição de Andrade.

Meu avô paterno contava que ele e minha avó vieram da Itália ainda solteiros, mas quando chegaram no Brasil se casaram. O navio era tocado por meio do vento. Minha avó chegou a ver a terra do Brasil, mas o navio voltou e já não se via mais a terra, por isso demoraram a chegar. Desembarcaram em São Paulo, onde ficou o irmão do meu avô e ele veio para Minas Gerais, então se desligaram um do outro. Naquela época era difícil se comunicar pois não existia telefone e cartas demoravam muito para chegar. Meu avô dizia que sentia saudades do irmão, mas não tinha notícias dele.

O meu filho foi trabalhar em São Paulo e, sabendo da história do tio-avô, descobriu uma família Perígolo na cidade e procurou investigar com esperança de encontrá-lo. A família realmente era descendente dele. Começaram então a se comunicar e chegaram a vir a Simonésia, depois os parentes daqui foram a São Paulo. Mas, depois acabaram se perdendo de novo e até hoje não sabem mais notícias uns dos outros. Meus avós eram muito pobres e na época vieram juntos a família Perígolo e a família Soti, à qual a minha avó pertencia. Da família Perígolo eram nove irmãos: Antônio, José, Alberto, Alfredo, Cornélia, Tereza, Maria, Virgínia e Amália.

Com o passar do tempo, meu avô, com a ajuda dos filhos, conseguiu comprar um pedaço de terra. Depois de muitos anos, meu pai também adquiriu um terreno e todo aquele sofrimento vivido pela família foi diminuindo gradativamente a cada geração.

Naquele tempo, era muito difícil o acesso à educação, então eu só tive oportunidade de estudar depois de adulto. O professor trabalhava na roça o dia todo e à noite iam todos estudar numa tulha iluminada por uma lâmparina. O professor era também companheiro de jogo de bola e de pagode dos alunos. Foi assim que aprendi a ler, escrever e fazer contas. Até então, ninguém da família era alfabetizado. Na verdade, não tínhamos condições de vir para a cidade, pois todos trabalhavam na roça para ajudar meu pai. Trabalhavam capinando, roçando, plantando, colhendo. Na época o café ainda era pouco. Quando meu pai comprou o terreno, não havia nada plantado, então ele resolveu plantar café.

O meu pai tinha um problema nas mãos que causava rachaduras então, muitas vezes, tinha que parar com o trabalho. Eu, junto com um

empregado, continuávamos o serviço. Levamos um tempo para formar o café e termos uma renda. Depois as coisas começaram a melhorar. Na tradição da família, os filhos trabalhavam para os pais enquanto eram solteiros e não tinham salário. Mas quando se casavam, recebiam ajuda do pai de acordo com o que ele tivesse condições. Eu e minha esposa ficamos morando um tempo na casa de meu pai. Era combinado que eu poderia trabalhar para ele durante um ano sem receber, mas tendo casa e tudo o que precisasse. Depois disso eu teria que “me virar”. Então depois de um ano mudei para minha casa e trabalhei mais seis anos na roça.

Aos vinte e seis anos, aprendi a dirigir caminhão, em mil novecentos e quarenta e nove, tirei minha carteira de motorista e um ano depois, comecei a trabalhar com caminhão. Depois de trinta e nove anos como caminhoneiro me aposentei e não trabalho mais. Mas foi um momento difícil, pois emprestei minhas economias e perdi o dinheiro, ficando somente com meu salário de aposentado. Contribuí sobre sete salários, com uma dificuldade enorme, mas nunca recebi esse valor.

Meus pais deram muito bom exemplo para os filhos e só tenho elogios para eles. Eram muito bons e os filhos muito obedientes. Ele tinha confiança em mim desde que eu era menino. Quando eu namorava minha esposa, ela foi morar na casa de uma tia no Espírito Santo. Eu e meu sogro montamos num cavalo e fomos até onde ela estava. Como a dificuldade de transporte era muito grande, eu já aproveitei a viagem e marquei o casamento e meu pai confirmou. Quando Marilindes Cândida Perígolo, minha namorada que era conhecida por todos como Linda, voltou para Simonésia, nos casamos.

Trabalhei como caminhoneiro durante muitos anos, sendo autônomo. Comecei a trabalhar puxando café de Manhuaçu para o Rio de Janeiro e era estrada de chão até o Areial. Não existia caminhão a óleo, só a gasolina. Carregava madeira em tora, madeira cerrada, cereais, cargas da Usiminas, em Ipatinga, etc.

Fui morador de Simonésia, trabalhei em Valadares por vinte anos, fichado na empresa de asfaltamento, carregando cascalho, mas minha família ficou aqui. Hoje moro na mesma casa que é da família há mais ou

menos sessenta anos. Tive treze filhos, três deles faleceram novos. Tenho vinte e dois netos. A família é grande e muito unida. Meus filhos são muito melhores para mim do que eu fui pra eles. Acho que nem mereço o que eles fazem pra mim.

Simonésia, quando eu era criança, era uma cidade muito pequena. Chamava-se São Simão do Manhuaçu. Não tinha nem luz. Quando trouxeram gasolina para a cidade, era preciso tocar a bomba na manivela para abastecer, mas isso não era muito problema, pois quase não havia carros, aliás, nem bicicletas. Conheci uma quando já era rapaz.

Meu pai tinha colocado uma usina com água de moinho para tocar o gerador para ter uma luz muito fraquinha. Então comprei um rádio pequeno numa época em que ninguém sabia o que era. Quando o coloquei para funcionar, começou com muita chiadeira e depois que funcionou as pessoas iam para ouvir as novelas e jornais. Comentavam entre elas: "Ah, mas dizem que tem um aparelho que a gente vê a pessoa nele. Será que tem?! Dizem que tem. Será possível?" E assim ficavam naquela dúvida.

Euclair Caldeira puxava café para o Rio de Janeiro e um dia resolvi ir com ele. Quando chegamos na estrada, senhor Euclair queria que eu fosse dirigindo. Fiquei assustado, pois eu não estava acostumado com caminhões maiores. Depois de muita insistência, aceitei e pouco tempo depois o passageiro deitou-se do lado. Fiquei todo orgulhoso, pois entendi que isso era uma aprovação, sinal de que eu estava indo bem. A cada cidade que passava, o senhor Euclair só me informava a localização e dormia de novo. Assim foi até quase chegar ao destino. Quando chegamos no Rio, vi pela primeira vez uma televisão e fiquei impressionado. A partir daí eu trouxe a certeza para os moradores de São Simão de que o tal aparelho realmente existia. Isso aconteceu por volta de 1951. Dirigi caminhão até 1988.

Tenho até hoje guardado um pedaço de meu cabelinho de criança, como recordação, guardado pela minha mãe. Loirinho, você precisa ver. Bonitinho o cabelo.

A diversão na roça era o pagode com bons cantadores, iluminado à luz de lamparina. Dançávamos com todo respeito. Os namorados só colocavam a mão nas namoradas quando iam dançar, eu gostava de um pagode, dançava e tocava sanfona muito bem.

As brincadeiras na infância eram pique e brincadeira de rodopiar uma pedrinha.

Quanto aos costumes religiosos, naquele tempo era mais difícil, pois não havia missas com a frequência que temos hoje. Além disso, era necessário vir a pé para a cidade. Vínhamos descalços, pois o calçado machucava muito. Quase chegando na cidade, parávamos na laje que tinha uma água e ali todos lavavam os pés para acabar de chegar dentro da rua. Assistíamos à missa e logo, quando terminava, tirávamos os calçados, pois já não aguentávamos mais e retornávamos para casa novamente com os pés no chão. Andávamos seis quilômetros.

Para ir namorar, quem tinha animal ia a cavalo, quem não tinha, ia a pé. Todos andavam descalços, mas não deixavam de usar paletó. Não eram de linho, isso era só para doutores, na época.

Ele fala, mostrando na foto, o time de futebol que tinha na roça quase todo formado por familiares. Todos de uniforme e bem organizados. Ele jogava na defesa e era bom de bola. Depois disso, veio jogar no time da cidade e disputou vários campeonatos. Parou de jogar depois que se tornou caminhoneiro.

Eu trabalhava a semana inteira com o serviço da roça. No domingo, almoçava e vinha para a cidade a pé, passando por uma trilha. Chegando na cidade, eu pegava um caminhão que era dos Caldeiras, com os bancos de tábua e ia jogar bola em Ipanema, Alto Jequitibá, Manhumirim. Chegava por volta das onze da noite a uma hora da madrugada e voltava para casa pela mesma trilha, sozinho. Ouvia dizer que as estradas eram assombradas, mas nunca vi nada de errado pelo caminho. Na segunda-feira, eu pegava no serviço e começava tudo novamente. Eu fazia tudo isso e não sentia cansseira. Hoje saio daqui para ir à igreja, chego lá quase sem fôlego.

Um conselho que dou: em primeiro lugar, não fumar. Eu nunca fumei. Beber, eu nunca bebi. Procurei conviver bem com todo mundo e graças a Deus, não tenho nenhum inimigo! Nunca briguei com ninguém. Nunca ameacei ninguém, ninguém nunca me ameaçou. Nunca corri atrás

de ninguém, ninguém nunca correu atrás de mim. Esse é o recado que dou aos jovens. Se quiserem aproveitar, será muito bom. Fazer sempre o bem é algo também muito importante, pois veja os ditados: “Bateu, levou”, “Não levo desaforo para casa”, “Se você me joga uma pedra eu jogo duas”. Interpreto assim: Eu seria burro se seguisse os ditados. Agora, se você me joga uma pedra e eu te jogo uma flor, aí é diferente, né? É melhor levar o desaforo para casa do que aguentar as consequências do que vem depois.

A filha de Senhor Joãozinho Jacó acrescenta que ele é um homem muito religioso. Quando ele era jovem, não tinha muito tempo para se dedicar às coisas de Deus, mas agora que está aposentado, as coisas são diferentes. Todos os dias ele se levanta às seis da manhã e dedica uma hora e meia rezando o terço e as orações que aprendeu desde criança. Para ele, a pessoa que tem fé tem sempre Deus em sua companhia.

Ele faz uma comparação com os tempos antigos quando, em Simonésia, as pessoas da roça eram consideradas “macaqueiras”. Às vezes havia moças da cidade que queriam namorar os rapazes da roça e eles achavam que não daria certo. Da mesma forma acontecia com as moças. Hoje as coisas mudaram e os moradores da zona rural têm as mesmas oportunidades de conforto, educação e acesso à informação que as pessoas da cidade.

Simonésia era uma cidade muito pequena. No mês de maio, havia reza. Alguns moradores saíam com um andor das suas casas em direção à igreja rezando. Havia coroação de Nossa Senhora e depois da reza iam namorar. Iam e voltavam de um lado para o outro na praça, sem pegar na mão, só com troca de olhares.

Em sua casa há várias fotos de seus familiares na parede. Senhor Joãozinho foi mostrando e explicando.

João Domingos Pires



21/08/1947

Nasci em Santana no dia vinte e um de agosto de mil novecentos e quarenta e sete e aos sete meses fui para o Rio de Janeiro. Morei lá até os quarenta e oito anos, voltei para Simonésia há duas décadas e meia. Meus avós paternos são José Bonifácio Pires (Juca) e Maria de Souza Lima. Os maternos são Teófilo Pereira Baía e Antônia Pereira Agostinho.

Meus pais biológicos são Albertino Domingos Pires e Ana Rosa Pires, porém fui criado pelos tios Amado Domingos e Eldair Pimentel Pires. Sou o quarto dentre os oito filhos. Quando pequeno, eu era muito doente e fiquei aos cuidados da minha madrinha e, caso eu me recuperasse, moraria com ela e o esposo.

Tive uma vida meio conturbada. Fui criado em favela e até os vinte e cinco anos foi muito difícil. Cheguei a dormir na rua e me tornei um

dependente químico. Então, minha história de juventude não é boa. Mas hoje as coisas são muito diferentes, tenho tudo que preciso e levo uma vida digna, apesar de todos os altos e baixos que vivi.

Trabalhei como segurança, passei um tempo na Marinha, depois fiz um curso, fui militar e posteriormente fui para a Polícia Civil.

Imagino que devido ao meu tipo de trabalho, tive dificuldade de estar mais próximo dos outros. Não consegui ter amizades e me relaciono com as pessoas mais superficialmente. Saio, converso, brinco, mas não aprofundo nas amizades. Não frequento bares, não jogo sinuca, não gosto de pescar e para mim, isso também dificulta a convivência com outras pessoas.

Quando deixei de ser adolescente, minha vida mudou. Parei de estudar, não porque precisava, mas se tivesse estudado poderia ter sido um grande homem. Ao mesmo tempo, digo que o que vale no ser humano é a bondade que ele tem no coração. Dinheiro ajuda, claro, vivo tranquilo quanto a isso, mas sou uma pessoa só. Há cinco anos perdi a companhia de minha esposa devido a uma separação. Hoje moro com minha filha adotiva e meu neto. Tenho também uma filha casada e mais dois netos.

Não me acostumo ao modo como as pessoas vivem hoje. Não uso celular, sinto dificuldade em fazer amizades e por isso quase não tenho amigos. Sou um homem religioso, vicentino há quarenta anos.

Gosto muito de participar das atividades do “Grupo da Melhor Idade” e tenho prazer em participar dos movimentos ajudando, embora não consiga me entrosar muito bem. Fui convidado a participar da festa junina com a turma, mas não gosto mais de dançar quadrilha, apesar de ter aprendido com minha madrinha e até ter gostado durante um tempo. Gosto muito de música e, para mim, é um momento de alegria quando ouço uma melodia e vejo as pessoas dançando. Apesar de não ser um bom dançarino, me arrisco na pista do meu jeito.

Tenho um problema cardíaco e estou em tratamento há uns dois anos. O coração cresceu e chegou a ter apenas 25% de funcionamento. Agora, com o tratamento e as atividades físicas, já recuperrei bastante e estou com 50% do coração funcionando. Para mim, viver feliz não tem idade, o importante é viver com Deus e no caminho certo.

Falo de Simonésia com muito amor e orgulho. A cidade dá segurança e tranquilidade à população. Houve muita evolução e crescimento, depois que eu cheguei na cidade. Tive a oportunidade de percorrer as ruas e acompanhar cada passo da formação dos bairros e das novas construções, pois eu trabalhava com venda de leite e percorria as ruas diariamente. Fiz isso por muito tempo.

José Abreu de Souza e Lourdes Ribeiro Abreu



18/10/1926 e 23/02/1932

José

Só me lembro das avós materna e paterna. Moravam na Barra de São Pedro. José Augusto de Souza, meu avô paterno morreu muito novo. Tinha seis filhos e um pedacinho de terra. Era uma chácara.

Meu pai se chamava Antônio Hilário de Abreu e a minha mãe Maria Augusta de Souza. Lembro-me que sempre foram agricultores, só trabalhavam com coisas da terra. Capinavam, plantavam e colhiam.

O senhor José conta sorrindo que sempre gostou de todo tipo de planta, principalmente aquelas que trazem alimentos. Milho, arroz, feijão. Dona Lourdes completa dizendo que, naquele tempo, se plantava muito arroz, pois se não plantasse teria que comer sem ele. Havia muitos arrozais e hoje quase não se vê. Plantava-se apenas para a despesa pois era difícil sobrar para vender, diz sorrindo senhor José.

José

Quando eu era criança e estava na escola, gostava de brincar de bola. Só me lembro de brincar nessa época, pois comecei a trabalhar muito novo. Com sete anos eu já trabalhava e ia para a escola. Eu levava o almoço para o meu pai na roça, o café, e a janta. Estudei até o terceiro ano, naquela época era assim. Mas eu estava bem adiantado. Quem cursava os três anos sabia fazer muito bem as quatro operações e aprendia a ler bem. Eu trabalhava para os meus pais e não ganhava dinheiro. Eram todos trabalhando, ajudando e produzindo para o sustento.

Lourdes

Não cheguei a conhecer meu pai. Quando a minha mãe ficou viúva, ela veio morar na fazenda do senhor Estanislau (apelidado de Bandu), onde acabou de criar seus filhos. Ela trabalhava no engenho, fazia rapadura, era lavadeira da fazenda, tudo era ela quem fazia. Eu tinha uma irmã, quatro irmãos e cada um tinha uma tarefa. O mais velho tomava conta de boi, o outro era leiteiro e os outros dois eram pequenos.

Havia uma escola particular na fazenda onde se pagava um pequeno valor para estudar. Eu estudei até o 3º ano e passei a ajudar minha professora a dar aulas. Não consegui cursar o 4º ano porque era difícil vir para a cidade todos os dias.

Um pouco antes de completar dezesseis anos, casei com o José, que tinha vinte e dois. Fomos morar em terras dos outros porque não tínhamos nossa própria terra. Ele pegava o serviço com um fazendeiro e trabalhava ali. Passados alguns anos, o pai do José comprou um terreno em São Vicente e nos mudamos para lá, onde trabalhamos e tivemos quase todos os nossos filhos. Mais tarde, o meu sogro veio morar com a gente. O José então deixou o serviço na nossa terra para o pai e passou a trabalhar para os vizinhos, inclusive para o senhor Nezito, irmão do senhor José Coelho. Lá ele trabalhou muitos anos. Formou café e plantava roça, tudo à meia. Vivemos por quatorze anos morando em São Vicente com a família, numa casa que construímos perto da casa do pai do José. Lá tivemos cinco filhos.

Mudamos depois para Ipanema onde vivemos por pouco tempo, pois não conseguimos nos estabelecer. Lá foi muito difícil. Primeiro, o José comprou uma sapataria, depois pegou um pedaço de terra para plantar, mas ficou ali por pouco tempo. Depois, comprou um botequim na beirada da estrada, perto da igreja, mas também não deu certo porque ele queria comprar a casa onde ficava o bar, e ela não podia ser vendida, pois pertencia à igreja. Então resolvemos mudar para Manhuaçu onde ficamos por poucos meses. Ofereceram ao José uma venda no São Pedro, em Simonésia. Fomos e moramos lá durante dois anos. Como estava dando muito certo, o filho do dono se interessou em ficar com a venda e tivemos que sair de lá. Naquela época, o José já tinha condições de comprar uma casa na cidade. Era uma casa pequena, mas o suficiente para a família. Ele fez uma tulha boa para o caso da gente precisar. Depois derrubou a casa e fez outra maior. Fez mais ou menos umas seis casas. As coisas ficaram ruins, ficou difícil arrumar trabalho e o José resolveu ir embora para Belo Horizonte trabalhar. Alugamos a casa aqui e fomos.

De Belo Horizonte viemos morar no Córrego do São Pedro, onde nasceu mais um filho. Mudamos para a cidade e tivemos os dois últimos filhos. Hoje um deles mora na cidade de Manhuaçu e os outros em Simonésia. Um é contador e os outros todos trabalham com comércio.

Nossa vida foi muito difícil. As crianças ficavam doentes e não havia médico aqui naquele tempo. Perdemos uma filha com dois anos e um filho com trinta e oito, vítima de um acidente.

Lembro que há cinquenta anos a cidade era muito pequena, tinha poucas ruas e sem calçamento. Morávamos perto do grupo escolar.

Sempre trabalhei em casa nos afazeres domésticos, cuidando das crianças, levando comida na roça e era tudo muito difícil. Se a gente quisesse comer arroz, tinha que socar no pilão e o café tinha que socar e torrar para depois beber. Quase não sobrava tempo para eu ajudar o José, a não ser levando para ele comida e café na roça. Sou muito grata a Deus, pois, graças ao intenso trabalho do meu marido, sempre tivemos muita fartura. Havia uma tulha que ele fez que vivia cheia de milho até o teto. Para fazer o fubá, era preciso descascar o milho, debulhar e levar onde tivesse um moinho. Eu também costurava para os meus filhos todos.

José

Trabalhei por muitos anos na roça à meia e à terça com os donos de terra. Quando eu estava na cidade, trabalhei também como pedreiro, mas sempre gostei mesmo de trabalhar com comércio. Quando morávamos na roça, havia um quarto desocupado na casa, onde montei uma vendinha. Lá eu vendia bolachas, leite em pó, refrigerante, vinho e outras mercadorias. Depois que mudamos para a cidade, passamos a trabalhar só no comércio. Naquela época, já era uma mercearia onde se vendia todo tipo de produtos alimentícios. Mais tarde vendemos a casa onde morávamos e compramos do senhor Antônio de Carvalho o imóvel onde ele morava na época. Hoje, no lugar da casa, existe o prédio onde moramos eu, a Lourdes e alguns filhos com suas famílias. No prédio, alguns filhos também têm comércio e o mais novo tem seu escritório de contabilidade.

Eu me cansei de trabalhar na roça à meia e à terça. Resolvi me aventurar no comércio. Nos primeiros anos não deu muito certo, mas depois as coisas foram caminhando. O segredo para dar certo foi não cruzar os braços nunca e estar sempre disposto a trabalhar. No início, eu deixava meus filhos cuidando e ia para a roça capinar. Chegava da roça, tomava banho e ia cuidar do comércio. Trabalhava até nove ou dez horas da noite.

Lourdes

Foram muitas as dificuldades enfrentadas na época. Quando ainda nosso comércio era a mercearia, o açúcar, o fubá, o feijão, o arroz vinham num saco e era necessário empacotar tudo para vender. Vendia-se muito pesando na hora também. Mas depois que passou a ser supermercado, tinha uma pessoa para embalar tudo. Nossos filhos sempre trabalharam com o pai. O que mais se vendia eram cereais e bebidas alcoólicas. José diz que o que mais gosta de vender é aquilo que se vende mais. Vendia muita cachaça e nunca pôs um gole na boca. A gente comprava e vendia também mercadorias produzidas pelos produtores da região.

Não conheci meus avós e não tenho lembrança quase nenhuma do meu pai, pois, quando ele faleceu, eu tinha mais ou menos quatro anos de idade. Eu e os meus cinco irmãos fomos criados só com minha mãe. O meu

pai foi casado três vezes e eu sou filha do último casamento. A primeira esposa ficou doente e faleceu, a segunda morreu no parto, então meu pai se casou com a terceira e última. Do primeiro casamento do meu pai, eu não conheci nenhum irmão. Já do segundo, conheci bastante, pois eles ainda moravam com o meu pai quando ele se casou pela terceira vez.

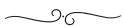
Minha mãe nunca estudou e não sabia ler, pois ficou órfã aos dez anos de idade e teve que criar os irmãos. Depois que ela se casou, foi cuidar da família. Perdeu o marido quando ainda estava grávida e com quatro filhos pequenos. Mas ela não quis ficar no terreno que o meu pai deixou. Tinha muito medo e, quando os irmãos saíram de lá, ela quis acompanhá-los.

Na infância, eu quase não brincava, ficava mais trabalhando, não tinha lazer.

Depois de tanta luta, tanto trabalho, hoje a vida está boa. Eu e José estamos com saúde, a não ser algumas coisas da idade. Os filhos moram todos por perto, convivem muito bem e têm muito cuidado com a gente.

Eu participo do “Grupo da Melhor Idade” e lá eles fazem muitos exercícios. Ultimamente tenho faltado um pouco. Tive covid e fiquei muito mal, internada no hospital em Manhuaçu por vinte e sete dias e isso deixou sequelas. Dores no joelho, pernas bambas e por isso tenho que fazer exercícios. Estou frequentando outra academia também e estou gostando muito.

José Alves de Oliveira



01/10/1935

Meus avós maternos vieram do patrimônio de Palmeirinhas, pertencente a Manhuaçu e os paternos vieram de Palmeiras, distrito de Manhuaçu. Todos trabalhavam com agricultura, plantando e colhendo café e outros tipos de plantação para despesa.

Também comecei trabalhando no cultivo do café, mas depois me tornei caminhoneiro, profissão que segui por mais ou menos dez anos. Trazia carga, até geladeira, de São Paulo. Inclusive no dia em que Getúlio Vargas suicidou-se eu estava colocando uma carga no caminhão e os empregados todos pararam o trabalho e começaram a chorar e choraram durante três dias. Para eles, Getúlio era o protetor dos trabalhadores. Fez reforma agrária, dividia com os pobres as terras do governo e as terras dos grandes proprietários. A morte dele então foi gerada por isso. Eu lembro que parava o

caminhão e perguntava às pessoas porque estavam chorando e elas diziam: “Nosso chefe e pai acabou de suicidar.” E eu preocupado porque precisava completar a carga para viajar para o Amazonas, um lugar que ficava a 50 km da Argentina. Amazonas era praticamente uma mata, havia apenas algumas cidades, mas eram muito poucas. Todas as mulheres saiam para trabalhar, cortando palmito para vender. Eu pegava cargas de palmito e levava para São Paulo onde vendia toda a carga. Eu levava geladeira e trazia palmito. Conheço o Brasil de ponta a ponta. Eu tinha um caminhão grande, Alfa Romeo e viajava o país todo.

Nasci no Córrego do Sossego, município de Simonésia, onde meus pais moravam e onde nasceu também meu pai. Lá ele tinha uma boa propriedade, inclusive foi ele quem me deu o primeiro caminhão para trabalhar: um Chevrolet. Eu trabalhava transportando café e até mudanças para as pessoas. Na infância, trabalhei muito com meu pai na lavoura, mas não trabalhei na roça por muito tempo. Gostava de brincar de carrinho de quatro rodas, feito de madeira, no terreiro, nas estradas perto do sítio; escorregava nos morros sentado na folha de coco e muitas outras brincadeiras daquele tempo. Na juventude gostava de participar dos bailes na roça e ficava a noite toda dançando ao som da sanfona. Ali também aconteciam os namoros.

Meus pais eram muito bons com os filhos e ao mesmo tempo também eram rígidos. Meu pai tinha muita terra e, apesar de ter empregados, nós também tínhamos que trabalhar junto. Éramos uma família católica e costumávamos realizar as rezas em casa. Cada mês nos reuníamos na casa de uma família. Havia um rezador chamado Avelino Dutra, que morava no Córrego do Sossego, que fazia as celebrações muito bem e sempre era chamado para dirigir as rezas.

Aos vinte anos conheci minha esposa Deene, Alfa Marques de Oliveira, que morava em Ipanema. Fui apresentado a ela através do meu cunhado Etiene Pinto de Oliveira, que é irmão dela e sua esposa, Terezinha Coelho de Oliveira. Ela era mais nova que eu quatro anos e tinha dezesseis anos quando nos casamos. Moramos na roça, no Córrego do Sossego, durante

muitos anos, viemos para a cidade e moramos na nossa casa. Somos apsentados, tenho lavoura de café que meu filho toca a meia comigo e sempre vivemos bem, apenas pequenos desentendimentos comuns do dia a dia. Ela sempre foi uma mulher de respeito e uma esposa exemplar.

Minha profissão principal, a que sempre gostei, foi a cafeicultura. Na época de caminhoneiro, também tive muitas experiências boas. Já tive até oportunidade de conhecer o carnaval do Nordeste numa dessas minhas viagens. Fui até Xique-xique, no estado da Bahia fazer uma entrega de geladeiras e, quando terminei de descarregar o caminhão, o rapaz me convidou para ficar e curtir o carnaval, já que eu estava lá. Quando entrei no salão onde aconteceria a folia, me pediram os documentos e ficaram sabendo que eu era delegado de polícia na minha cidade. Então, o organizador da festa não quis me cobrar a entrada considerando que eu era uma autoridade. O cargo de delegado, naquela época, não era remunerado, por isso eu tinha que trabalhar em outras funções. O rapaz se empolgou comigo e quis me apresentar umas moças que tinham parentesco com ele, mas fiz questão de dizer a ele que não tinha interesse nisso, pois eu já era casado, e muito bem casado.

Houve uma época em que surgiu uma epidemia de Coqueluche e morreram muitas pessoas. Eu sofri com a doença e estive até internado no Hospital de Manhuaçu, com uma tosse muito forte, mas graças a Deus me recuperrei.

Quando eu tinha caminhão, ia muito a Urucânia levar as pessoas que iam buscar orações e deu-se que, num dia, fui chamado pelo padre da cidade, Padre Antônio. Ele me fez um pedido dizendo que precisava de um sacristão para cuidar da oferta da igreja, pois o rapaz que o ajudava havia se ausentado por motivos pessoais. Fiquei lisonjeado pela confiança depositada em mim e garanti ao padre que poderia ficar tranquilo pois eu cuidaria direitinho. Era um padre muito querido e famoso por defender os índios. Para mim, fazia até milagre. Um dia, estava eu transportando umas quarenta pessoas e fui parado em Realeza. Fui para um canto tomar alguma coisa enquanto os policiais decidiam o que iam fazer. Uma das pessoas

chegou perto de mim e questionou porque eu estava tranquilo naquele lugar e não estava dando jeito para resolver o problema. Então expliquei que era preciso ter paciência, pois a gente não resolve as coisas com grosseria, principalmente com a polícia. Daí a pouco, eles vieram e me entregaram a chave e até pediram desculpas pelo engano. Depois fiquei sabendo que tinha sido obra do padre Antônio. Ele fazia orações muito poderosas que curavam as pessoas.

Deixo aos jovens uma mensagem: Não matar, não roubar e não prostituir. Procurar viver sempre no caminho do bem.

José Severiano Pereira e Maria Aparecida Belonato



08/11/1939 e 14/05/1949

Dona Maria Aparecida Belonato e o senhor José Severiano Pereira contam que viviam na maior dificuldade. Não tinham um lugar para morar. Moravam no terreno dos outros. Foram criados na maior dificuldade do mundo. Seus pais trabalhavam na roça na enxada. Plantavam arroz, feijão, milho, café, mas tudo no terreno dos outros.

Maria

Não conheci meus avós. Minha mãe teve doze filhos e apenas sete escaram. Todos eles ajudavam muito. Trabalhavam na roça plantando, tratando dos animais e tudo o que produziam era para o sustento da família. E ainda falavam: "Isso aí é para nós comer". A plantação era à terça com o dono da Terra.

Morávamos dez pessoas da família, incluindo uma tia, em uma casa pequena de apenas quatro cômodos e sem banheiro. A gente se virava como

podia. As plantações eram feitas em volta, no quintal da casa e distante também, pois a nossa família era grande e a área no entorno da residência era pequena.

Eu lembro que gostava de brincar de boneca, mas não tinha tempo, pois comecei a trabalhar muito cedo. Aos dez anos de idade, eu já capinava, juntamente com os meus irmãos, nos cuidados com a plantação. A minha mãe ficava em casa sozinha cuidando de tudo e preparando o almoço e o café da família. Ela moía cana na engenhoca para fazer o café e fazia quase tudo na mão. Minha mãe sofreu demais! O arroz era colhido e depois socado no pilão, a gente limpava bem limpinho, fazia e comia. O feijão era colhido, depois a gente batia, deixava bem limpinho, e guardava. O milho era colhido, limpo e guardado. De pouco a pouco era descascado para tratar das criações e levado para moer no moinho distante para fazer o fubá.

Meu pai era muito bravo e não gostava que seus filhos saíssem de casa. A gente passava os dias trabalhando de segunda a sábado, tendo folga apenas aos domingos. A família se levantava de madrugada para ir à missa, pois a igreja era muito distante e a gente não tinha nenhum tipo de condução, não tinha animal, nem carro, nem nada. O domingo era também o único dia em que a gente podia brincar um pouco.

José

Meu pai lutava pelo pão de cada dia da família trabalhando no terreno dos outros, sempre cuidando de plantação. No tempo dos meus pais, era tudo difícil demais. Para mim foi um pouco mais fácil, para os meus filhos foi ficando mais leve e para os netos ainda melhor, cada um fazendo para si.

Já trabalhei muito e agora não posso mais, porque tomo remédio de pressão e labirintite, por isso fico sem controle. Quero fazer as coisas, mas fica difícil. Agradeço muito a Deus por tudo, pela minha história de vida e pela trajetória dos meus pais, hoje falecidos.

Herdei um pedaço de terra, onde trabalhei muito plantando e colhendo de tudo, agora pertence aos meus filhos.

Dona Maria e Senhor José vivenciam o segundo casamento. Hoje são aposentados e moram no terreno dos filhos do Senhor José. Ele já fez a partilha dos bens para os filhos. Eles dizem ter estudado muito pouco, começavam e não conseguiam dar continuidade porque tinham que trabalhar, por isso aprenderam apenas a assinar o nome.

José

Meus filhos puderam estudar e cursaram o ensino fundamental, alguns mais, outros menos, mas tiveram a oportunidade que eu não tive. A única filha do primeiro casamento da Maria também estudou. Um estudo bem bom! Ela tem dois filhinhos que estão estudando, moram na roça e gostam de cuidar das criações.

Dona Maria fala com muito entusiasmo do “Grupo da Melhor Idade”. Se pudesse, ela frequentaria todos os dias, mas o fato de morar na roça dificulta um pouco essa constância. Já o Senhor José considera que, às vezes, é sacrificado para ele participar do grupo, porque ele não sente vontade de sair de jeito nenhum. No entanto, não deixa de frequentar o “Grupo da Melhor Idade” porque, para ele, o marido e a mulher devem andar sempre juntos. Os dois concordam que participar do grupo faz muito bem. É bom sair de casa, ver outras pessoas, fazer atividades físicas, sair um pouco da rotina de trabalho na roça.

Lourdes Gonçalves de Figueiredo



13/11/1945

Eu morava em Simonésia e minha avó paterna, Bertolina, morava em Palmeiras, que pertence a Manhuaçu. Ela sempre vinha a pé, mesmo velhinha, para passear na casa do meu pai. Na semana Santa, costumava vir para ficar alguns dias.

Lembro-me de um fato que marcou muito minha infância. Quando eu ia a pé com meu pai até a casa da minha avó, a gente chegava lá, ela logo pegava uma tigelinha esmaltada, colocava o polvilho e fazia bolinho para nós. A minha avó e os meus tios trabalhavam na agricultura, cultivando café, milho e outros.

Quando o meu pai, Manoel Gonçalves de Figueiredo, se casou com minha mãe, Maria José de Figueiredo, mais conhecida como dona Maria Cardosa, ele morava em Palmeiras e ela no Cachoeirão. Minha mãe então foi morar naquele distrito onde meu pai já residia e viveu lá por alguns anos.

Algum tempo depois, com os filhos crescidos, eu com mais ou menos 10 anos de idade, minha família se mudou para o Cachoeirão e morávamos perto de meu avô materno, José Cardoso Filho. A minha avó materna já era falecida.

Lá era muito bom. Havia muitos vizinhos, brincávamos de roda, de pique, esconde-esconde e quando a lua estava clara, brincávamos até a noite. Moramos ali também por alguns anos e meu avô resolveu mudar para a cidade, mas a atual esposa não quis ir. Fui então com o meu avô, que já era meio adoentado (tinha asma) e posteriormente a minha mãe com o restante da família foi para a cidade. Em 1958 meu avô faleceu e minha mãe então se mudou com a gente para a casa dele, onde eu moro com as minhas irmãs Marta e Alcina até os dias de hoje.

Eu me casei, desquitei e me divorciei. Agora sou viúva.

As minhas irmãs são solteiras. Meus pais tiveram doze filhos, mas seis deles viveram pouco tempo. Em 1993 morreu um irmão. Agora, em 2019 morreu outro irmão. Então ficaram quatro. Um irmão mora em São Paulo.

Fiquei casada no máximo cinco anos e tive um casal de filhos. O menino faleceu aos dois anos de idade. A minha filha é casada e já tem um filho adulto.

Fui professora durante muitos anos, trabalhei em várias escolas da rede estadual e por pouco tempo na rede municipal. Trabalhei em escolas do Córrego do Funil, Cachoeirão, Barra, Lauro Homem, Palmeiras, Vargem Grande e na escola da sede. Naquela época, a locomoção era muito difícil e para chegar até as escolas era necessário andar a pé, normalmente durante duas horas, ou de carona, inclusive em caminhões de leite. Os alunos muitas vezes me faziam companhia nesta caminhada. Em outros momentos, tinha também a companhia de colegas de trabalho, inclusive minha irmã Alcina.

Eu me lembro com carinho daquele tempo, dos alunos que eram muito educados e que até hoje têm muito carinho quando me encontram. O ensino era mais básico, focado mais em português e matemática e havia muito pouco material para se trabalhar, entretanto, os alunos eram muito

mais interessados e tinham bom comportamento. No finalzinho de minha carreira de professora, trabalhei fora de sala dando assistência aos alunos que precisavam e auxiliando os outros professores.

O serviço era a única coisa que havia para fazer aqui na época, então os professores abraçavam a causa e se sentiam muito felizes com esse trabalho, além de aprenderem bastante inclusive com os alunos. Eu lembro que os pais eram muito educados com os professores e agradecem até hoje pelo trabalho realizado com seus filhos.

Hoje, participo das atividades na igreja, gosto muito de artesanato, bordado, costura e eu adorava fazer colchas de retalho.

Sobre o “Grupo da Melhor Idade”, Dona Lourdes fala com muita satisfação do quanto faz bem para sua saúde e a deixa feliz. Ela conta também dos encontros da igreja, das festas religiosas, quando ajudava nas barracas cozinhando e preparando tudo juntamente com as outras pessoas. Era muito divertido e agradável. Hoje em dia, ela busca participar e fazer coisas agradáveis, mas sem o compromisso que tinha antes. Ela deixa uma mensagem: os jovens precisam passar a ouvir mais os pais, frequentarem e participarem mais das coisas da igreja e ficarem menos tempo no celular. Os pais precisam observar o que seus filhos estão fazendo e acompanhá-los.

Margarida Maria da Costa Machado



02/01/1959

Sou filha de Francisca Rosa de Jesus e Martimiano Bento da Costa, que faleceu quando eu estava com dois anos. Fui criada pelo padrasto que tinha também um filho rapaz. Eu era muito apegada à minha mãe. Ela tinha uma dor muito forte no peito e isso me causava um grande medo de perdê-la. Pedia a Deus que não a deixasse morrer enquanto eu não me casasse, pois eu tinha muito medo de ter que ficar com pessoas estranhas.

Sempre tive pensamentos e preocupações com o que poderia acontecer no futuro. Minha infância foi muito boa, apesar de todas as dificuldades, pois fui criada igual a um ovinho de beija-flor, porque eu era a última dos filhos e única filha mulher. Tanto a minha mãe quanto o meu padrasto cuidaram de mim com todo carinho. Eu gostava muito de brincar de pique-esconde, pular corda, jogar belisca, gangorra, fazer casinha na árvore e, apesar de brincar sozinha, eu achava que era muito legal.

Fiquei muito triste quando o ginásio foi demolido. Eu morava em Itaperuna quando fiquei sabendo e chorei muito. Para mim, aquela escola marcou um momento difícil da minha vida, quando eu havia concluído a quarta série e só entrava no colégio quem pudesse pagar. Minha mãe, na época, vivia com muita dificuldade e eu tive que parar de estudar.

Então, aos dezesseis anos, tive a sorte de me casar com um rapaz da roça, de família boa. Depois de dois anos de casados, montamos um bar e ele começou a beber. A partir daí se tornou alcoólatra. Vivemos quase trinta anos juntos, tivemos oito filhos, graças a Deus, as bênçãos que eu tenho. Foram criados com muita luta, em meio ao vício do pai. Eu sempre fui muito rígida e brava, tentando mostrar aos meus filhos que ninguém precisa de álcool nem cigarro para viver. Assim passei a fazer o papel de mãe e pai, pois o meu marido já não dava fé de nada que acontecia com eles. Mas no final venci a luta, cuidei do marido até o fim. Ele faleceu no dia 24 de novembro de 2003.

Passado um ano, eu me casei de novo pensando que, dessa vez, eu iria viver o que não vivi no primeiro matrimônio. Naquela época, eu com 45 anos, procurava uma vida melhor, mas não foi bem assim. Meu filho veio morar conosco e foi uma luta a convivência entre eles. Então vivemos quatro anos e dez meses juntos e acabamos nos divorciando. Eu vivi mais sete anos sozinha. Para mim, outro casamento era algo que estava fora de meus planos, pois fiquei traumatizada com as experiências que vivi. Entretanto, conheci outra pessoa e decidi me dar uma nova chance. Infelizmente veio outra experiência ruim. Aos 60 anos, me separei novamente. Agora vivo bem e tranquila, meus filhos todos criados e cuidando da vida. Não quero mais tentar outra experiência.

Eu já trabalhei como lavadeira, faxineira, trabalhei numa escola e na APAE, num escritório de engenharia, no Salão Paroquial e hoje estou aposentada. O que eu desejo para o momento é me sentir bem em minha casa, como já me sinto. Sou feliz em viver sozinha e morar onde moro. Curto os momentos com o “Grupo da Melhor Idade” e priorizo os encontros. Outras coisas ficam para depois. Já viajei com a turma e pretendo fazer outras viagens, pois foi um passeio maravilhoso.

Uma mensagem para as novas gerações: tenham calma, paciência e perseverança, pois foi através dessas atitudes que consegui vencer todas as batalhas da minha vida.

Algo muito admirável em dona Margarida é a forma como ela se coloca diante da vida, com amor-próprio, coragem e muita fé.

Maria Aparecida Andrade



08/11/1943

Maria Aparecida foi muito fotografada quando criança, mas na época poucas eram as pessoas que possuíam uma máquina fotográfica. Esta oportunidade, fez com que, em seus guardados ainda possua muitas fotografias de pessoas conhecidas, e hoje vem mobilizando uma ação para entregar as fotos antigas que possui, de todas as pessoas. A satisfação de quem as recebe, tem muito alegrado os momentos de reencontro dos personagens com as revelações em fotografia.

Maria Aparecida Andrade começa sua história falando da avó Teodora.

Quando eu era criança, minha família morava na zona rural, numa casa próxima à casa da minha avó materna. Eu me lembro de um fato muito interessante. Nós passeávamos juntas e a minha avó gostava de contar

história, mas só conhecia “A Gata Borralheira”. Contava uma, duas, três vezes a mesma história e eu adorava ouvir. Lembro que eram muito bons esses passeios com ela, pois era amiga dos netos e uma mulher extremamente sábia. Nas conversas sempre nos transmitia suas experiências e conhecimentos.

Seus pais, José Eleutério Andrade e Angélica Onofre de Andrade, são lembrados com muito carinho e admiração. Para a filha, não existia pessoa mais sábia que seu pai e alguns de seus ensinamentos nunca foram esquecidos.

Meu pai sempre me pedia que eu me calasse quando não tivesse conhecimento sobre algum assunto, pois, segundo ele, quanto menos se fala, menos se corre o risco de errar. No meu tempo de escola, ele sempre me pedia, antes de sair, que eu evitasse brigas por ser algo muito feio, principalmente para meninas. Mas um conselho do qual eu falo com maior encanto é sobre maldizer as pessoas. Meu pai sempre enfatizava que não se pode falar mal de alguém que não está presente para se defender e quando eu presenciasse um indivíduo com esse tipo de atitude, eu devia apontar as qualidades da pessoa de quem se estava falando, para dar fim à conversa. Isso tudo me causava uma grande admiração. Ele era um homem com apenas três meses de escolaridade, que só escrevia seu próprio nome soletrando. Ainda escrevia com z, pois não concordava que o s teria som de z. Se é José, então tinha que ser com z. E assim o fazia. Por outro lado, ele tinha uma grande facilidade com os números e ensinava aos filhos com toda paciência.

Dentre muitos episódios interessantes sobre minha mãe, que era muito brava, conto sobre a borracha que ela sempre escondia quando eu ia estudar. Ela dizia que, quando sabemos que podemos errar e depois consertar, não prestamos muita atenção nas coisas. Mas o meu pai sempre escondia uma borrachinha no bolso para me socorrer, caso fosse necessário. Ao refletir sobre isso depois de adulta, cheguei à conclusão de que, no fundo, minha mãe sabia desse segredinho, pois era uma mulher muito ativa, além de extremamente brava, exigente e corajosa. Ela não admitia que os filhos

tivessem medo de nada. Eles tinham que enfrentar tudo com coragem, de um jeito ou de outro. Assim eram dois extremos. Meu pai, um exemplo de sabedoria e serenidade; minha mãe, exemplo de bravura e coragem. E assim se manteve o equilíbrio da família.

Sou única filha mulher e só tenho um irmão doze anos mais velho que eu, numa época em que a maioria dos casais tinha muitos filhos. A família era pequena, mas o coração era grande e minha mãe adorava receber pessoas em casa. Aos domingos ela fazia uma panela bem grande de angu, fervia leite e dedicava isso às pessoas que iam visitá-la.

Perto da nossa casa havia um campo que ficava sempre cheio nos finais de semana. Meu irmão e todos os parentes homens jogavam futebol ali. Ela, muito brava e dinâmica, quando acontecia uma briga, entrava no meio para separar e até batia, caso fosse necessário. Nesses dias de jogos, as crianças, filhas dos jogadores e outros parentes e amigos, ficavam brincando na nossa casa e essa é mais uma lembrança boa que tenho da infância. Adoravam brincar de fazer comidinha.

Minha mãe era tão dinâmica que as festas em nossa casa sempre duravam uma semana. Geralmente a comemoração oficial acontecia aos sábados, mas os quitutes começavam a ser preparados na segunda-feira. Broas e biscoitos variados eram feitos com a ajuda dos sobrinhos queridos que gostavam de participar desse momento e assim os preparativos também se tornavam uma festa. A única parte disso tudo que me desagradava era nos dias de baile, quando os adultos iam dançar e as crianças iam para a cama. Nessa hora sempre faltava um cantinho para mim.

Algo que me recordo com carinho também é o dia do natal. Naquela época, talvez pela falta de costume das pessoas, as crianças normalmente não ganhavam presente, mas minha mãe sempre fez questão de dar presente aos seus filhos, ensiná-los a colocar o chinelinho na janela e esperarem a vinda do Papai Noel, em cuja existência acreditei por um bom tempo.

Sobre os estudos, minha mãe era muito exigente. Tinha que estudar e ponto final. Quando eu morava na zona rural, vinha para a cidade na segunda-feira e só voltava para casa na sexta-feira. Quando terminei a 4^a série, em Simonésia, não havia como dar continuidade, então fui para

Manhuaçu e a minha mãe sempre junto, organizando e providenciando tudo, casa, escola e o que mais fosse necessário. Lembro que era muito bom e sempre fui estudiosa. Além disso, eu gostava de encontrar os colegas de escola, conversar e me distrair. Cursei o magistério e graduatei-me em Letras e Pedagogia. Hoje sou aposentada como professora de Português e como Orientadora Educacional. Considero-me muito realizada, pois me aposentei gostando do que fazia.

Para ela, ser professora foi a melhor escolha, o que é nitidamente perceptível pelo entusiasmo com que fala de sua profissão.

Minha trajetória também é marcada por um repertório recheado de viagens inesquecíveis. Recentemente estive na Europa. Conheci a Itália, a Alemanha, a França e outros países na companhia de minha filha Jacqueline e algumas amigas muito especiais. Já estive também no México e na Terra Santa, mas tenho o desejo de conhecer outros lugares também no Brasil, além daqueles que já tive a oportunidade de visitar.

Ela se refere com muito carinho à Priscila, professora que acompanha o “Grupo da Melhor Idade”, e diz que gosta muito de seu trabalho, do quanto ela é atenciosa com cada um dos participantes. Dona Maria Aparecida conta que, além das atividades que faz com a turma, também frequenta o Pilates e isso tem ajudado a melhorar muito sua qualidade de vida.

Refletindo sobre momentos felizes que deixaram marcas, Dona Maria afirma que são tantos que é impossível falar de apenas um. Mas, através da fé, que é algo marcante em sua caminhada, fala de algo que ela sempre pede em suas visitas ao Santíssimo: “Eu quero um coração agradecido! Essas são suas palavras para definir como algo marcante a gratidão por tudo, pelos filhos, netos e pela sua história de vida!

Maria Aparecida Nunes de Arruda



10/12/1946

Vim para Simonésia em 1957 com dez irmãos, há cinquenta e três anos. Trabalhei como professora formada, porém durante só dez meses. Por ter filhos gêmeos, precisei deixar a função de professora.

Nasci na zona rural, região de Palmeiras. Meu pai era meeiro do senhor Chico Prata, cuja fazenda posteriormente passou para seu filho, Gigi Pratinha. Lá eu nasci e me lembro perfeitamente da casa onde morava em Palmeiras.

Meu pai é natural de Simonésia, bisneto de Luciano Galo, um dos fundadores da cidade.

Seu avô saiu de Simonésia para Imbé de Minas. E como tinha uma filha casada com o seu tio e já era família conhecida, seu pai e sua mãe

começaram a namorar. Depois de casados foram morar em Palmeiras, na fazenda do Gigi Prata.

Minha mãe, Sebastiana, sempre teve muitos problemas de saúde, era muito doente, desde solteira, segundo contava minha avó. Por isso todos cuidavam muito dela. Em Palmeiras, morei com minha família até os seis anos de idade. O meu pai tocava lavoura e com o café conseguiu juntar um dinheiro. O sonho dele era abrir um comércio, então conseguiu comprar, naquele distrito, uma casa que tinha um ponto que ele precisava. O dono até passou para ele o restante das mercadorias. Ele comprou e se mudou com a família para a cidade.

No ano seguinte, já comecei a estudar. A escola, naquele tempo, se falaava escola reunida, era apenas uma professora para a turma toda. Minha primeira professora se chamava Síria Maria do Nascimento. Era uma professora leiga que não tinha nem a quarta série, mas era muito boa para ensinar. Estudei com ela até o terceiro ano. Aprendi a ler corretamente e era muito boa em matemática. Sabia a tabuada, sabia fazer contas de dividir com três números na chave ou mais, fazia multiplicação com vários números. Sempre gostei muito de ler e estudar.

Mas com o tempo, devido ao problema de saúde da minha mãe, meu pai se viu obrigado a mudar para Simonésia porque na cidade havia um médico e ela estava precisando fazer um tratamento. O médico disse que ela precisava vir pra cá. Então nossa família se mudou em 1957, devido a esse problema.

Meu pai trouxe o comércio para cá. Naquela época se chamava Secos e Molhados, pois se vendia de tudo. Era atacado. Vendia-se desde a cachaça em dose para o freguês no balcão até o arame farpado. Houve uma época que ele vendeu até tecidos, calçados, remédios. Lá no córrego do Palmeiras mesmo ele já vendia assim. Eu não trabalhava com meu pai. Meus irmãos foram crescendo e passaram a ajudá-lo. E foi assim. Ele nunca gostou de pôr empregado para trabalhar.

Eu e meus irmãos fomos estudar e terminamos a quarta série primária aqui em Simonésia. A escola só tinha até a quarta série. Quando concluí,

já havia ginásio aqui na cidade, na época chamado Ginásio São Simão, nome dado pelo Monsenhor José Paulo Araújo e pelo prefeito da época, Antônio de Carvalho. Era necessário mais um ano de estudos pela frente, falava-se, na época, a admissão ao ginásio. Então fiz admissão e depois passei a dar aulas na admissão para o ginásio também. Eu e o meu irmão. Quando estávamos terminando a quarta série ginásial, foi implantado aqui em Simonésia o curso normal para professores normalistas. Não era curso magistério, como é chamado hoje, falava-se curso normal. Era o Colégio Normal São Simão que aderiu ao ginásio. Eu me formei no dia vinte de novembro de 1969. Foi a primeira turma de professores a se formar na cidade, há cinquenta e três anos. Formamo-nos eu, meu irmão e mais dezenove colegas.

Fui professora por pouco tempo devido ao problema de saúde da minha mãe. Era uma família de cinco irmãos, e eu a única mulher. Dois deles morreram novos e não lembro nomes. Minha mãe não ficava sem mim, então assumi a responsabilidade da casa com quinze anos, cuidando dos meus irmãos pequenos, da escola deles e de tudo mais, pois eu era a filha mais velha. A minha mãe sofria de uma depressão que, segundo o médico, não foi tratada e nem curada, por isso ela não tinha condições de cuidar de nada.

Quando eu me formei, já estava namorando e logo ficaria noiva. Meu namorado era daqui e era meu parente distante, pois o pai dele é bisneto de Luciano Galo e minha sogra também. Ele foi trabalhar em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, em uma barbearia. Ficamos namorando durante sete anos por correspondência, pois naquele tempo não havia telefone. Quando foi chegando o momento de ficarmos noivos, minha mãe disse a ele que poderíamos até nos casar, mas que ela não deixaria a filha ir embora para longe, e que ele deveria vir morar aqui. Surgiu então a oportunidade de comprar um salão de um rapaz que estava de mudança para Caratinga e assim aconteceu. Nos casamos, mas só tive oportunidade de ter minha própria casa por oito meses, pois não sabia se eu me preocupava com minha casa, meu trabalho (estava dando aulas na época), com a gravidez ou com a casa da minha mãe. Na minha mente, era eu quem tinha que administrar tudo. Então meu pai propôs que fôssemos morar com eles, pois a casa era grande e, além disso, também sairíamos do aluguel. Assim foi feito.

Os filhos foram chegando. Tive que parar de dar aulas porque meus primeiros filhos são gêmeos. A minha mãe então ficou preocupada, dizendo que eu não poderia mais trabalhar, pois ficaria muito difícil sair e deixar duas crianças. Ela não aceitava babá. Achava que não olharia direito os bebês. Então, assim o fiz, para não contrariar minha mãe, pois isso poderia ser prejudicial à saúde dela. Eu não me arrependo, pois cumprí meu dever de filha. Parei de trabalhar e fui cuidar dela(cuidei até o último momento de sua vida) e de meus filhos.

Depois cuidei também de meu pai até o dia de sua partida, no dia 3 de agosto de 2020, na mesma casa onde moro até hoje e que foi construída por ele. O meu pai sempre dizia que a casa era da filha. Não era eu quem morava com eles, mas sim, eles que moravam comigo.

A educação naquela época era rígida. Não era permitido à mulher usar short, nem calça. Vestido tinha que ser abaixo do joelho e tinha que ter manga. Minha mãe não me deixava usar roupas sem Manga, de jeito nenhum. Depois que aprendi a costurar também, comecei a fazer minhas roupas, mas tinha que ser do jeito que meu pai falava: roupa decente. Costurei muito para fora também. Em relação a namoro, o meu pai também era bastante rígido!

Quando nos mudamos para Simonésia, a casa onde moramos era a penúltima. Só havia mais uma que fica à frente. A cidade terminava na primeira ponte, onde é o posto de gasolina. Subia o morro e terminava onde é hoje propriedade do senhor Antônio Jacó e, na época, pertencia ao senhor Silvino de Mello. A cidade terminava lá. Apenas a avenida Governador Valadares era calçada.

Naquela época não havia diversão, eram apenas festas religiosas. No mês de maio acontecia a procissão de Nossa Senhora, depois as festas de São Vicente de Paulo, São Simão, que era o padroeiro da cidade, era a festa mais afamada e Nossa Senhora das Graças. Havia missas às sete da manhã, dez horas e procissão às duas e meia da tarde.

Depois, passados muitos anos, abriram um barzinho ali onde é lotérica e o posto do Banco Bradesco, na avenida Governador Valadares hoje. O filho do proprietário abriu um barzinho e as moças e rapazes começaram a frequentar, mas antes não havia nada.

Era assim. Teve uma época que a missa era celebrada às quatro horas da tarde. Não podia passar das quatro, tinha que ser exatamente nesse horário e à noite não tinha nada, exceto no mês de maio, quando aconteciam as rezas e coroação de Nossa Senhora. Quando tudo terminava, todos iam para casa e a rua ficava deserta. Havia também um cinema chamado Cine Brasil de propriedade do senhor Antônio Alves Porfirio, conhecido como Tom Mix. Era a única diversão que os jovens tinham. Eu ia muito pouco porque dependia da autorização do meu pai e, às vezes, isso era difícil. Por terem se passado já tantos anos, eu não me lembro mais dos filmes que assistira.

Quando eu era criança, brincava na rua. Onde é a praça, próxima da Matriz hoje, era apenas um espaço largo. À noite, quando tinha a Lua clara, eu brincava de roda e queimada com as outras crianças. Aconteciam também as dancinhas e bailes para arrecadar dinheiro para a formatura da escola. Mas havia muito respeito. Não é igual hoje, não é?

Ninguém sabia nem o que era a droga. Ninguém conhecia. O vício que tinha era a bebida, mas eram poucos. A maioria dos jovens não tinha vício. Era aquela amizade com respeito. Os colegas de escola, colegas de sala, era um respeito grande que havia uns pelos outros. Era muito bom viver naquele tempo. Era mais difícil, mas era melhor, uma convivência próxima.

Comecei a participar do “Grupo da Melhor Idade” em 2009, depois que minha mãe faleceu, porque antes estava cuidando dela. Minha mãe ficou acamada por muito tempo e, mesmo quando ela andava, precisava de cuidado. Quando comecei a participar do grupo, os encontros eram no poliesportivo, com o fisioterapeuta Marcos Vinícius. Depois, passaram para o salão da prefeitura e um tempo depois foi inaugurada a academia, na área de festa. A fundação do “Grupo da Melhor Idade” ocorreu no mandato do prefeito José Miguel de Abreu. Ele era farmacêutico e fundou também a APAE, no mesmo período. Sempre foi muito bom, já participei de vários movimentos. Já fizemos visitas a outros grupos em Conceição de Ipanema, São José do Mantimento, Alegria e o restante da turma já foi à praia. Infelizmente eu não pude ir, pois estava cuidando da minha mãe, do meu pai e do meu marido que passavam por problemas de saúde. Eu sem condições de sair um dia de casa. Eu já tive uma participação ativa sendo

secretária do “Grupo da Melhor Idade” antes da pandemia. Antes havia diretoria, presidente, secretário, tesoureiro e outros membros que faziam parte.

A senhora Maria Aparecida de Arruda compara o seu tempo de jovem com a juventude de hoje, que está muito aberta para as coisas, principalmente para a vida sexual.

Hoje em dia há muito mais liberdade. Antes não. O namoro era um namoro sério. Até o casamento tinha que ter respeito. Hoje em dia já não há mais, acabou. Acredito que, por isso, muitos casamentos de hoje não dão certo. Aquele respeito, aquela coisa de trinta anos, tudo mudou muito. Eu lamento e alerto.

“Há um livro do José Miguel no qual consta história do meu pai e tem até uma foto minha,” diz a senhora Maria Aparecida no momento da confirmação e autorização para publicação, demonstrando satisfação de fazer parte deste livro.

Nesta história, e em outras também, me chegam lembranças relacionadas aos cuidados familiares e à intensidade das relações sociais, que começavam no núcleo familiar e se seguiam nos parentescos com as formações de novas famílias. Muitas vezes poderíamos considerar isso como um exagero dos “seres sistemáticos”, aqueles que criavam conceitos e se mantinham neles sem muita abertura a novos conhecimentos. Tudo isso, no contexto de hoje, me faz pensar o quanto esses “seres” podem ter deixado de experimentar outros saberes. Mas através das memórias relatadas, chego a uma sensibilização carinhosa, honrosa, quando dona Maria relata o amor de seus pais e cuidado deles, por ser única filha mulher e o quanto ela retribui cuidando de todos: pai, mãe e marido quando precisaram, demonstrando uma dedicação e zelo.

No deslizar das memórias sinto o aconchego do amor e a defesa dos

costumes familiares. Os relatos difíceis vêm com a mesma garra do fazer o que precisa ser feito. Há poucos sinais de reclamações. Constatou que as pessoas, nos relatos, apresentam suas dores, mas penso que as dores vividas foram bem maiores do que expressam em suas formas de relatar. Vejo isso como saúde fortalecida para este experimentar a vida. O tempo? Os jeitos de viver dos tempos passados foram daquela maneira, mas as pessoas tiveram muita coragem, muitas dores, amores, trabalho, vida social numa simplicidade e grandeza. Partilharam coisas, atuaram em manifestações de artes, danças. Buscaram Deus com a fé que fortalecia mais para fazer o bem aos outros, do que a si mesmo. Por vezes, as memórias me levam a refletir e encontrar novas indagações.

Maria Aparecida Soares



01/06/1942

Sou filha de João Barraque (descendente de italianos), que veio para Simonésia em 1943. Eu estava com dois anos. Meu pai trabalhou na prefeitura como quebrador de pedra e trabalhou também na roça com lavoura de café. Os filhos também ajudavam. Meus avós maternos são Maria Clara de Jesus e Francisco Nazário. Os paternos são César Barraque e Maria, moradores da cidade de Chalé. Francisco, meu avô materno, veio de Carangola, trabalhou na prefeitura, na época em que Antônio de Carvalho era prefeito. Meu avô faleceu bem novo. Ele era gari e morreu com a vassoura na mão. Quando ele estava chegando na porta da escola, o sinal tocou. Ele caiu e morreu na hora. Eu estava trabalhando na casa de uma senhora e ouvi as pessoas falando: “Senhor Chico que varre a rua morreu!” Eu corri assustada em direção à casa da minha mãe e foi um dia muito triste.

Minha avó materna, Maria Clara faleceu aos quarenta e cinco anos com anemia no sangue. Eu ficava mais na casa dos avós e os ajudava no comércio. Eles vendiam picolé, café com leite, o bolo que minha avó fazia e outras guloseimas. Eu lembro que eles eram bravos e se zangavam quando eu me atrasava, mas eram pessoas muito boas e fizeram de mim uma pessoa boa também.

Eu trabalhei, por muitos anos, sempre em casa de família, cuidando do lar e das pessoas, quando havia idosos na família.

Casei-me aos dezessete anos com Joaquim Soares Filho e tive oito filhos. Dois eu perdi quase nos dias de nascer, uma menina com sete meses, outra com onze. Perdi também um filho de quinze anos, num acidente de bicicleta quando ele vinha da casa da irmã. A perda do meu filho foi um grande trauma em minha vida.

Já tive casa própria e hoje moro de aluguel numa casa perto do rio. Fico com medo, pois, às vezes, ocorrem enchentes. Moro em situação de risco, mas tenho determinação para buscar alternativas. Fiquei viúva duas vezes e vivo sozinha há oito anos. Sou aposentada e recebo também aposentadoria do segundo marido. Morar em Simonésia é muito bom, tudo tranquilo, o custo de vida é mais barato e tem de tudo que é necessário.

A alegria da minha vida são minhas filhas, duas que moram no Rio de Janeiro e uma em Simonésia!

Maria Aparecida Vicente



05/06/1950

Perdi meus avós quando ainda era muito nova. Meus pais eram bons para os filhos, fomos criados com muita dificuldade. Comecei a trabalhar na roça com oito anos de idade apanhando café, roçando, levando milho no moinho, socando café, arroz e outras atividades.

Tive oito irmãos e todos trabalhavam na roça com nosso pai enquanto a nossa mãe cuidava sozinha dos afazeres da casa. Estudei até a quarta série em uma escola que ficava a sete quilômetros da minha casa e todo esse percurso era feito a pé.

Fomos criados dentro de uma educação rígida, principalmente por parte do meu pai. Não era permitido namorar, a não ser que assentasse um distante do outro, sem poder ao menos pegar nas mãos. A gente se divertia brincando de roda, queimada e fazíamos visitas para oração nas casas na companhia dos pais.

Casei-me aos quinze anos de idade e vivo há cinquenta e dois anos com meu esposo. Tivemos seis filhos, todos são casados, trabalham e têm suas famílias. Tenho doze netos e sete bisnetos. Morei mais de trinta anos na roça e cuidava da casa, das criações e apanhava café, quando queria um dinheirinho.

Na minha infância, Simonésia era uma cidade com muito mato, poucas casas e ruas sem calçamento. Eu nasci no Córrego de Roça Grande, próximo a Simonésia, Tenho saudade da minha infância, de balançar nos galhos das árvores e brincar com a minha irmã.

Os tempos de hoje estão muito avançados. Os menores de dezoito anos não podem trabalhar, os namoros com intimidade exagerada, as pessoas se separando com muita facilidade, as crianças não respeitam os mais velhos e a vida, no geral, está muito desregrada.

Sigo a vida cuidando do meu lar, curtindo a minha família e frequento o “Grupo da Melhor Idade” buscando qualidade de vida, pois através das atividades físicas realizadas, consigo aliviar todas as minhas dores nas pernas e nos ossos.

Maria Bento dos Santos



16/10/1944

Nasci no dia dezesseis de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro. Meus avós maternos moravam em Simonésia, próximo ao local onde hoje é o Poliesportivo. Meu pai já faleceu há trinta anos e a minha mãe há cinco anos. Tiveram quatorze filhos. Sempre moraram e trabalharam na zona rural. Na época, a colheita de café era muito apertada. Naquele tempo se falava derriçar o café. Fazia-se isso por muitos dias e depois voltavam para juntar.

Na minha época de criança não existia o momento de brincar. Comecei a trabalhar por volta dos sete anos. Buscava água, varria terreiro, ajudava em casa no que fosse preciso.

Casei-me aos dezesseis anos e a partir do casamento moro na cidade. Tive quatro filhos e quando o primeiro nasceu eu havia completado quatro anos de casada. Hoje a caçula já completou cinquenta e um anos. Meus

filhos estão todos criados e eu ainda chamo de “meus meninos”. Todos moram na cidade e eu moro sozinha, mas conto com a companhia do meu neto de dezoito anos. Além dos filhos e netos, eu também tenho quatro bisnetos e a convivência é muito boa entre eles.

Sobre o “Grupo da Melhor Idade”, considero que é muito bom. As pessoas são unidas, sempre com palavras boas e o atendimento é muito bom. As pessoas são atenciosas, educadas e é muito agradável fazer parte desse movimento que eu participo desde o início. No começo, ainda não havia todos os benefícios e a organização que existe hoje. Era apenas uma reunião de idosos.

Simonésia, há sessenta e um anos, era uma cidadezinha. Havia poucas casas e não existiam os bairros nos arredores de onde hoje é o centro da cidade. Na época havia lojas de tecido e calçados do senhor José Coelho e seu irmão Nezito, e outra do senhor Antônio Ferraz, que vendia também vasilhas.

Quanto à religião, frequento a missa todos os domingos, faço visita ao Santíssimo e participo da Conferência Vicentina. Para mim, a igreja, as amizades e a família são tudo de melhor. Quando vou ao Santíssimo sinto-me como se estivesse conversando de pertinho com Deus. Depois de toda a conversa sempre vem aquele pensamento: ah, o Senhor sabe do que eu preciso e sei que o Senhor vai reservar o que há de melhor.

Uma passagem que marcou muito minha vida foi o nascimento de meu primeiro neto, que era uma criança especial. Eu sentia muito medo e sofria com a possibilidade de perdê-lo. Pedia a Deus que não deixasse isso acontecer. Mas com o tempo fui compreendendo e com a ajuda dos médicos, comecei a me preparar para quando chegasse o momento da despedida. Lembro-me desde o dia em que comecei essa preparação até o dia em que ele faleceu. Eu pedia a Deus que, quando chegasse a hora, o meu neto se despedisse de uma maneira tranquila e eu fosse fortalecida e confortada pela fé. E assim Deus atendeu. Depois disso, todas as vezes que eu pensava nele e sentia vontade de chorar, lembrava-me de tudo que tinha feito por ele e do quanto eu o amei, e isso me consolava. Sou muito grata e considero a vida muito boa.

Maria da Glória Lucas



13/09/1956

Nasci no dia 13 de setembro de 1956, moro na Avenida Joaquim Vicente Alves, sou viúva há vinte e nove anos. Fiquei viúva com trinta e sete anos, com três filhos um de quinze, treze e nove anos de idade. Meu marido sofreu um acidente de bicicleta e veio a falecer.

Fui lavadeira durante dezessete anos, boia-fria, limpava quintal. Trabalhava muito e com dignidade para sustentar meus filhos. Com muita luta e sacrifício, abri uma lojinha com três vestidos. No início, sentia vergonha porque as pessoas chegavam e perguntavam pelas roupas e eu dizia que estavam alugadas, mas na verdade eram os únicos. Eu só tinha aqueles três vestidos para começar. Depois disso cheguei a ter três lojas de vestidos de noiva, mas depois da pandemia, das três ficou apenas uma. Eu ainda hoje trabalho também na roça, cuido da minha horta e vendo as verduras na academia da melhor idade, que frequento há três anos. Entrei no grupo

por necessidade, pois eu precisava cuidar do meu psicológico conquistando novas amizades e tendo uma rotina mais agradável que não envolvesse apenas trabalho.

Aos sete anos perdi a avó materna, Justina Maria Alves, por quem fui criada. O meu avô José Geraldo Rodrigues faleceu quando eu completei dezenove anos. Ele era ferreiro e juiz de paz. Foi um grande homem. Gostava de marcar quadrilha, vestia-se de palhaço, tocava sanfona oito baixos, era rezador e era uma pessoa muito boa. Quando faleceu deixou muita saudade.

O local onde foi construída a área de festa pertenceu ao meu tio Wanor Hugo Alves, irmão da minha avó Justina.

Eu perdi uma irmã de dois anos e seis meses num acidente. Enquanto meu pai curava o feijão, nós duas brincávamos perto do local e acabamos inhalando o Gesarol, que naquela época era muito forte. Ficamos nós duas muito mal e, lamentavelmente, apenas uma resistiu.

Pouco tempo depois, minha mãe teve outro filho, que hoje está com sessenta anos.

Voltando ao meu tempo de criança, eu lembro que ia para a escola a pé, correndo de vaca brava. Era um percurso difícil. Conseguí terminar a 4^a série e depois fazer a admissão, mas tive que interromper os estudos, pois precisava ajudar o meu pai na roça. Plantava milho, feijão, arroz, cana, cortava banana, fazia rapadura, arrancava mandioca, fazia farinha, polvilho, sabão de abacate, enfim, todo serviço bruto e eu era a única que enfrentava. Nas horas vagas, aprendi a costurar com minha mãe e hoje faço vestidos de noiva, de daminhas, e outras roupas por encomenda. Agradeço muito a Deus e à minha mãe por ter me ensinado.

O terreno onde eu trabalhava com o meu pai foi herança dos meus bisavós e foi passando de geração em geração. Hoje uma parte pertence a mim.

Perdi minha mãe há dois anos e o meu pai há cinco meses.

Eu me casei novamente, mas não me adaptei ao sistema do meu marido, embora ele fosse um homem bom, dedicado, esforçado, preocupado com minha saúde e ter me ajudado muito na educação de meus filhos. Ele ensinou meu filho a dirigir e a ser comerciante. Separamos há vinte anos e até hoje somos amigos e sempre prontos para ajudar um ao outro.

A boa lembrança que trago no coração é o nascimento dos meus filhos.
Tive os três de parto normal e sozinha.

A minha filha mais velha é enfermeira e trabalha no Hospital César Leite, em Manhuaçu, e no SUS de Simonésia. A minha filha Rose reside em Manhuaçu e o meu filho Marcos Vinícius trabalha com lanternagem. Tenho quatro netos: Victor Lucas, Laura Cândida, Leila e Juliana.

Maria da Penha Oliveira



08/08/1942

Não conheci meus avós maternos que viviam no Córrego do Sossego, na época chamado de Córrego do Pela Macaco. Os meus avós paternos moravam em Palmeiras.

Meu pai já era viúvo quando conheceu e se casou com minha mãe. Ela morava no Pela Macacos e ele em Palmeiras, onde continuaram morando depois de casados. Meu pai era contador de histórias, rezava ladainha cantada. Costumava cantar as ladainhas de Nossa Senhora nas casas e tinha uma liderança na igreja, na época chamada Liga Católica e ele era o líder do movimento.

Meu pai machucou os olhos na lavoura apanhando café e teve que vender o sítio para fazer tratamento em Belo Horizonte. Depois de uma cirurgia, ele perdeu a visão quando estava com sessenta para setenta anos. Devido à cegueira, voltou para Palmeiras e foi morar com os filhos.

Minha mãe faleceu muito cedo, eu ainda tinha nove anos e passei a cuidar de meus quatro irmãos. Devido a isso não pude frequentar a escola e só aprendi a ler depois dos sessenta e oito anos, quando o senhor Geraldo Perígolo abriu o antigo Mobral em Palmeiras.

Eu fazia o que podia em casa para ajudar meu pai. Eu fazia o pesado, principalmente na hora de matar porco e preparar as carnes. No dia a dia era eu quem cozinhava. Eu cuidava dos meus irmãos e na hora de lavar as roupas era muito difícil, pois eu ainda não havia aprendido. Mesmo assim, eu não deixava de tentar. Uma prima, ao chegar na minha casa e ver as roupas no varal naquele estado, logo se ofereceu para me ensinar. Recolhemos tudo fomos lavando novamente. Hoje em dia, todas as vezes que vou lavar roupas, me lembro desse momento com muito carinho e gratidão. Aprendi a cozinhar sozinha, observando as outras pessoas e as irmãs do primeiro casamento de meu pai. Foi uma fase muito difícil, pois eu não tinha praticamente ninguém para me orientar. Então fui cuidando de tudo do jeito que podia e conseguia.

As coisas eram muito difíceis! Para ir à missa eram doze quilômetros de distância da cidade a pé. Brincar era quase impossível porque eu tinha muito trabalho a fazer, os meninos tinham que ajudar o pai na roça. As plantações nem sempre se desenvolviam direito, pois, naquela época, não tínhamos orientações sobre a maneira correta de cultivo e adubação.

Eu me casei com Antônio de Oliveira e tivemos onze filhos, vinte e oito netos, bisnetos e quatorze tetranetos. Em 2022, eu completei oitenta anos e o meu marido faleceu já faz mais de três décadas. Naquela época, eu tinha cinco crianças abaixo de dez anos de idade. Eu continuei trabalhando na roça e levava os filhos juntos. Aqueles que ainda eram muito pequenos ficavam ali por perto enquanto eu e os outros filhos trabalhávamos. A gente comia o que colhia. Todos os meus filhos foram para a escola e três deles fizeram curso superior.

Hoje eu considero que a vida está muito melhor, pois estou aposentada, passeio onde quero, viajo e tenho muita liberdade. O que mais marcou minha vida foi a relação com meu marido e meus filhos. Íamos à missa todos os domingos juntos e, como a igreja não tinha banco, mandei fazer um só para eu e meus filhos sentarmos.

Hoje as pessoas têm toda facilidade e acham tudo difícil. Têm carro e não vão à missa, não procuram nada para fazer e só ficam no celular, até mesmo crianças de dois anos.

A mensagem que dona Maria da Penha deixa para a nova geração é que todos busquem autonomia, saibam cuidar de si e cuidar das coisas à sua volta. Todos devem se esforçar e ter boa vontade para trabalhar e serem úteis.

Mariana Bento Martins Pires



25/11/1951

Meus avós maternos eram tudo de bom. O meu avô era um homem de classe média que ajudava muito às pessoas. Naquele tempo, havia muita pobreza e as pessoas trabalhavam em troca de alimento. O meu avô contratava as pessoas e elas já saiam com seu alimento nas mãos. Ele tinha muitas terras na região do Córrego dos Três Coqueiros. Tinha muitos filhos (quinze ou dezesseis) e colocou cada um em um pedaço de terra. Ele viveu por muitos anos naquelas terras e depois se mudou para a cidade.

O meu pai, Amador Martins, já numa condição melhor, comprou o sítio do meu avô materno, Januário, para que ele não vendesse para pessoas de fora da família. Daí em diante as coisas foram melhorando.

Nós vivíamos com muita dificuldade. Minha mãe às vezes deixava de comer e colocava banana verde no meio dos grãos de feijão, cozinhava e passava no moinho que era usado para moer o milho. Depois ela fazia

bolinhas daquela massa de feijão e dava para os filhos comerem. Éramos treze filhos, muito próximos uns dos outros. À medida que íamos crescendo, íamos ajudar o nosso pai. Antes ele trabalhava sozinho. Na época, ele tinha plantação de café, mas era uma lavoura antiga. Usava-se a expressão “Um ano eu visto ela no outro ela me veste”, pois, naquela época, não existia a adubação química que acelera o processo de produção. O tempo de vesti-la se referia ao ano em que a lavoura não produzia muito café. Foi muito difícil, mas vencemos.

A vida daquele tempo, apesar de toda dificuldade, tinha coisas boas, pois havia mais liberdade, não aconteciam tantas coisas ruins como acontecem hoje em relação à violência.

Eu era uma menina muito levada e meu pai era muito severo. Quando os filhos interrompiam uma conversa dele com alguma visita, ele esperava que a visita fosse embora e depois “acertava o passo do filho” sem dó. Isso foi bom. Eu amava muito meus pais. Fui a sexta filha do casal.

Quando fazíamos sete anos, nosso pai nos ensinava a trabalhar na roça. Levantávamos de madrugada e começávamos a limpar tudo em volta para que, quando o dia amanhecesse, começássemos na lida. A gente buscava cavalo no pasto, carregava cana para o engenho, socava arroz, socava café, era tudo na base do braço. Depois de tudo preparado, pegávamos a enxada e íamos para a roça trabalhar com o pai. A gente capinava, plantava, colhia e roçava terreno para formar pasto. Eu e a minha mãe preferíamos ir para a roça que ficar em casa, cuidando dos afazeres domésticos.

Depois que meu pai fez cinquenta anos, resolveu plantar café. A minha mãe não concordava, pois achava que já estava velho para começar, mas ele dizia que sim, pois seus filhos já estavam criados e poderiam ajudá-lo. Então ele plantou café. Viveu mais vinte anos depois disso e fez tudo que tinha vontade de fazer em relação à lavoura. Aprendeu a negociar com senhor Chafi, de Manhuaçu, e com o senhor Elvêncio, que era um negociante muito bom. Ele aconselhou o meu pai a sair da roça e aprender a negociar. Papai então deixou os filhos cuidando de tudo e saiu da lavoura. Aprendeu a comprar e a vender. Ele achou um gado muito bom e o senhor Elvêncio aconselhou-o a comprar. Meu pai ainda questionou dizendo que não tinha

como pagar, como ele iria fazer isso? Então pensou bem e teve a ideia de fazer um empréstimo com seu tio Januário, que era também seu sogro. O tio respondeu com rispidez dizendo que se ele não tinha condições de comprar, deveria tirar isso da cabeça, não sabendo ele, que o sobrinho estava nas asas de duas pessoas sábias. Então meu pai voltou a Manhuaçu e disse aos companheiros que não tinha jeito mesmo, mas eles o encorajaram dizendo que o gado já era dele, que deveria pegar e levar para o seu pasto. Assim meu pai fez. Saiu de Manhuaçu tocando o gado e trouxe para Simonésia. Eu lembro que, ao amanhecer, o pasto estava branquinho de bois, Eram muitos garrotes e a família ficou muito preocupada achando aquilo uma loucura. Mas, para surpresa de todos, com três dias já não havia nenhuma cabeça de gado. Ele conseguiu vender tudo e havia ganhado dinheiro para comprar outra remessa e assim ele foi seguindo nos negócios e vida só melhorando.

Estudar era muito difícil, pois morávamos a seis quilômetros da rua. Trabalhávamos na roça até as quinze horas, descíamos da lavoura correndo para tomar banho e íamos a pé para a cidade. Eram quarenta minutos de casa até a escola. Apesar das dificuldades, nós concluímos a 4^a série. No final de tudo, foi muito bom.

Eu me casei e fui morar com o meu marido no Rio de Janeiro, mas não ficamos satisfeitos lá e decidimos voltar para Simonésia. O meu pai construiu uma casa para nós e fomos plantar café. Vivemos juntos por quatro décadas e há dez anos eu decidi me separar. Por essa união eu não posso deixar de ser grata, pois, apesar dos momentos difíceis, também vivi coisas boas e tive uma linda e maravilhosa filha que é tudo na minha vida. Tenho também dois netos que são meus anjos da guarda.

Minha mãe sofreu muito. Adoeceu e ficou bastante tempo internada na Casa de Saúde em Manhuaçu. Um dia ela ficou tão mal que teve de ser levada de avião para Belo Horizonte. Chegando lá, os médicos examinaram a situação e fizeram os procedimentos necessários. Com o tratamento ela se recuperou, voltou para casa e viveu ainda muitos anos. Minha mãe era muito batalhadora e sempre trabalhou muito.

Minha vida de solteira foi boa. Melhor ainda foi quando voltei do Rio de Janeiro e o senhor Jorge Malaquias, prefeito eleito na época, muito apoiado pela minha família, deu a mim uma oportunidade de trabalhar na escola como cantineira. Foi uma alegria muito grande. Até então, eu só conhecia o trabalho na roça. Foi construída uma escola perto da minha casa, no Córrego dos Três Coqueiros (Escola Municipal João Faustino Alves Costa) onde eu trabalhei por muitos anos. Depois de vinte e cinco anos de trabalho, me aposentei por idade, pois não me sentia em condições de esperar os cinco anos que faltavam.

Participo do “Grupo da Melhor Idade” desde o início, quando ainda era no salão da prefeitura.

Maria Rodrigues Baia Neto



30/05/1949

Nasci no dia 30 de maio de 1949. Meus avós paternos são Antônio Baía Rosa e Isabel Baía Rosa, que moravam em Santana do Manhuaçu; os maternos são: Palmira Alves e João. Eles Faleceram cedo e tive pouca convivência com eles, pois eu ainda era criança, tinha menos de dez anos quando faleceram. Os meus avós lidavam com a terra e plantavam de tudo na roça.

Meus pais continuaram morando e criando os filhos na mesma fazenda dos meus avós. Depois de casados, eu e meus irmãos fomos cada uma para um lugar diferente. Eu fui morar em Belo Horizonte e lá eu vivi por quarenta e cinco anos com meu marido e tive duas filhas. Quando ele faleceu, voltei para Simonésia, onde estou passando por um período de adaptação, mas pensando em morar definitivamente na cidade. Para isso, procurei organizar minha vida, minhas questões de saúde. Participo do “Grupo da

Melhor Idade” há uns dois anos, entre idas e vindas, e quero chegar aos 100 anos de idade. Para isso, tenho que me cuidar.

Eu saí de Simonésia com 19 anos de idade e estudei até a oitava série, como se dizia na época. Quando fui para a capital, eu tinha o objetivo de continuar estudando, mas engravidéi da minha primeira filha e não foi possível continuar. Tive duas filhas e hoje tenho três netas que residem em Belo Horizonte.

Eu era proprietária de uma loja de roupas e lá trabalhava também costurando. O meu marido trabalhava numa indústria. Hoje estou voltando para Simonésia em busca de sossego e descanso. Já me aposentei, casei minhas filhas e as netas já estão criadas. Agora quero aproveitar a vida e me cuidar. Sou uma pessoa muito positiva. Sinto-me muito bem morando sozinha, cuidando das minhas coisas e sou muito feliz assim. Quando visito minhas filhas, elas bem que tentam me segurar, mas eu desobedeço e volto para o meu cantinho.

Na minha infância não havia muito conforto, mas eu me sentia sempre grata às coisas mais simples. Tive uma vida tranquila ao lado dos meus pais, que eram muito bons para os filhos e davam liberdade para a gente brincar à vontade nos espaços da terra. Eu acredito que, por não conhecerem outras coisas, as crianças daquela época viviam felizes com o que tinham e aproveitavam com mais qualidade o tempo e o espaço. Sinto-me agradecida também por tudo que adquiri durante a vida, com dignidade.

Dona Maria Rodrigues é muito positiva e tem um alto astral. Ela transmite uma mensagem: se uma pessoa vive com dignidade e é correta, tem tudo para prosperar e alcançar seus objetivos na vida. Suas palavras demonstram a todo tempo que Dona Maria Rodrigues é uma pessoa leve, agradável, positiva e com muita alegria de viver.

Maria Schittini Alves Costa



07/07/1936

Sou filha de Geraldo Schittini e Lourdes Barros Schittini. Minha mãe foi uma mulher guerreira, ficou viúva aos 32 anos. Muito bonita, vaidosa, dedicava a vida dela aos seus dois filhos. Eu tinha pouco menos de quinze anos, meu irmão tinha cinco anos e minha mãe trabalhou fazendo pastéis e outras coisas para vender. Às vezes ela trabalhava à noite toda, até inchar os pés, fazendo salgados para vender. Era também uma excelente artesã e fez muito crochê para toda a família, filhos, netos e bisnetos. Foram lindas colchas e toalhas.

A casa de dona Maria é quase uma galeria de artes onde estão expostos os maravilhosos trabalhos de sua mãe. Ela ficou alegre e satisfeita em apresentar os inúmeros trabalhos feitos por sua mãe e outros por ela.

Também nos mostrou sua casa, com muitos detalhes e muitas fotos que contam a história da família.

Minha mãe, Lourdes Barros, educou seus filhos com muita dificuldade. O meu irmão Walter Jorge Schittini formou em Engenharia Química, trabalhou por muitos anos e se aposentou na Petrobrás. Era uma mãe muito amada. Eu e meu irmão fizemos tudo por ela. Sou grata pela educação e todo amor que recebi por toda a vida.

Minha mãe me contou que, quando estava próximo de eu nascer, ela procurou o colo da mãe Adelaide, minha avó, que morava na zona rural. Lá ela me teve, de um parto muito difícil. A minha avó era dona de casa e meu avô cultivava de tudo em suas terras, numa época em que se faziam tachos de rapadura, farinha no moinho de pedra, os filhos mais velhos trabalhavam na enxada para cuidar dos mais novos, enfim, era muita fartura proveniente de muito trabalho. Eram dez filhos e todos ajudaram, de alguma forma, na roça e depois foram buscando cada um o seu destino. Casaram-se e buscaram suas profissões e realizações fora da roça.

Eu me lembro com saudades da infância quando brincava de roda, pique, amarelinha e pulava cordas. No pique-esconde, as crianças costumavam andar longe para ficar mais difícil de serem encontradas.

Quando eu era criança não gostava de comer carne porque a minha mãe comprava muita carne para fazer os salgados que vendia. Eu procurava outras formas de me alimentar. Uma lembrança muito interessante era o movimento que tinha na rua onde minha mãe vendia seus salgados. Lá havia um asilo, uma igrejinha e o cinema do senhor Ariosto. No mês de Maria, meu pai tocava nas barracas alegrando as pessoas e era uma festa maravilhosa! A minha mãe trabalhava à noite toda, fazendo as coisas para vender. A infância e a juventude eram completamente diferentes de hoje.

O Padre Miguel, Patrono da Escola Estadual Padre Miguel, veio da Itália com a minha mãe que tinha cinco anos de idade. Ele era tio do meu pai e criou os sobrinhos. Todos os dias, pela manhã, o Padre Miguel acordava os sobrinhos ao som do piano. Ensinou música a todos eles. Uma de suas primas, chamada Lourdes Marques Schittini, era quem afinava todos

os instrumentos da banda que havia na cidade, chamada Jésus Schittini, em homenagem ao seu tio que tocava vários instrumentos, era cantor, compositor e pintor.

Eu vivia com a minha família numa casa simples, pois meu pai faleceu aos 39 anos e não teve tempo de possibilitar aos filhos uma condição melhor. Depois me casei com João Faustino Alves Costa, filho de uma família tradicional na cidade, que me deu todo o conforto que tenho até hoje. Tivemos cinco filhos, mas um deles passou da hora de nascer e não resistiu. O meu marido era produtor de café e toda a área em volta da chácara onde moro, antigamente era uma lavoura. Hoje é um loteamento residencial.

Fui professora primária por trinta anos. Alfabetizei várias pessoas e gostava muito de crianças. Às vezes, encontro com meus ex-alunos, já de cabecinha branca, e recebo um abraço de respeito e carinho dedicados à primeira professora. Para mim, as crianças e jovens de hoje não têm desenvolvido bem seu lado intelectual porque estão se deixando levar pela tecnologia e recebendo tudo pronto. Não precisam se esforçar mais para encontrar soluções.

Admiro ter nessa cidade uma representação feminina, nossa prefeita. Acredito que as características femininas podem dar um bom toque na administração da cidade, pois podem contribuir com um olhar diferenciado.

Dona Maria, em todos os momentos dos seus relatos, estava com um sorriso largo. Havia uma alegria constante em cada fato descrito. Andamos pela casa e pelo quintal, espaços que ela e o filho zelam com muito cuidado. Há muitos lugares carregados de detalhes da expressão artística do filho e do gosto da mãe que mantêm uma relação com as tradições e com a natureza. Tudo se traduz em estética, cores e arte. Como ponto principal e marcante da sua história, ela destaca a vida e a família pelas quais tem muita gratidão. Foi nascida e criada em Simonésia. Sente um carinho muito grande pela sua cidade.

Marta Gonçalves de Figueiredo



01/07/47

Nasci no dia 1º de julho de 1947. Quando criança aguei. Fui tratada com leite de cabra e tutano de boi para me fortalecer. Morava na zona rural e vim para a cidade com oito anos. Morei no Córrego de Palmeiras e depois Córrego Cachoeira. Estudei até a 8ª série. Em 1968, trabalhei torrando café. Aos 21 anos trabalhei em casa de família cuidando de criança. Gosto de fazer caridade e ajudar na creche e no Lar dos Idosos para o qual junto latinhas e faço a doação para arrecadar dinheiro. Sou muito tímida, não gosto de falar sobre a minha história.

Aguar, aminguar.

Termos muito usados nas tradições rurais, que significam sentir grande desprazer por não comer ou beber coisa que agrada; ficar com os

olhos cheios de lágrimas ou querer muito alguma coisa, ficando com uma salivação abundante. Acredita-se que a criança pode aguar, quando há sofrimento pela falta, emocional ou alimentar, interferindo em fatores emocionais como queda de peso, tristeza ou outros, e, em consequência disso, demora a andar. Marta muito tímida, não queria falar sobre sua história, as irmãs já haviam participado. Sendo convidada mais uma vez, fez seu relato de forma rápida, mas com uma história de muitos desafios experimentados e superados. Ainda hoje se sente muito agradecida e seu movimento de caridade e apoio a pessoas carentes é uma experiência que lhe dá muita alegria de viver.

Nailda Dias Terra



24/11/1942

Nasci e fui criada em Simonésia. Meu pai veio da zona rural, da região de Muriaé. Inicialmente era dentista depois se tornou agricultor. Minha mãe era dona de casa.

Eu me casei com 21 anos e tive seis filhos, quatro homens e duas mulheres que também foram criados na cidade de Simonésia.

Meu pai era um homem de muitas terras, tinha muitos empregados e era muito rígido, mas era extremamente bom e justo. A minha mãe era uma doçura de mulher e sempre foi dona de casa. Sempre cuidou da educação e da religião dos filhos além de ensinar tudo que estivesse ao seu alcance, sempre dando a nós muito bons exemplos.

Minha infância foi muito boa. Eu morava na cidade, mas ia sempre passear na roça do meu pai e lá brincava muito com os filhos dos empregados.

Eu subia nas árvores, pulava corda, brincava com os animais e era tudo muito bom. Na roça, meu pai cultivava café, cana, milho, arroz e outros produtos que davam praticamente para a despesa do ano todo. Eu me lembro dos caixotes grandes que ficavam na minha casa onde se guardava o arroz e que eu ajudava a socar para preparar as refeições. O meu pai tinha também gado leiteiro e entregava leite na cidade.

O dia a dia na minha casa era muito bom e tranquilo. Meu pai ficava na roça quase a semana toda e voltava para casa aos finais de semana, minha mãe ficava na cidade porque as filhas tinham que estudar.

Fiz o primário em Simonésia, depois fui estudar em Manhuaçu, pois não havia colégio na cidade. Lá eu fiz a Escola Normal, o que hoje é chamado de Ensino Médio. Fui Professora, inicialmente no ensino fundamental I, depois fiz faculdade de Letras e passei a trabalhar com adolescentes e jovens na Escola Estadual Padre Miguel. Eu fui muito feliz na profissão e era muito amada pelos alunos, que até hoje têm um grande carinho por mim. Se tivesse de voltar o tempo, seria novamente professora.

Eu lembro que, quando era pequena, as ruas da cidade não eram calçadas e as crianças ficavam brincando de pular corda, soldadinho e era muito bom porque a luz apagava às vinte duas horas, então tinham que aproveitar o tempo para brincar. Não havia muito trânsito e por isso era divertido e tranquilo aquele espaço para as brincadeiras da época.

Havia um comércio não tão agitado quanto hoje, mas era muito bom e animado. As casas eram maravilhosas, de arquitetura antiga, janelões, varandas e grandes quintais com muitas frutas.

Sobre a diversão dos finais de semana, eram sempre as mesmas brincadeiras dos outros dias.

Participar do “Grupo da Melhor Idade” para mim é muito bom. Participo desde o início e sinto que me ajuda muito a melhorar o corpo e a saúde. Vale a pena. Além desses benefícios, é importante o convívio com as amigas, o bate papo, as risadas, enfim tudo isso tem me proporcionado uma melhor qualidade de vida.

Dos cuidados com a casa e a família, já na vida adulta, eu me dedicava a ensinar atividades escolares aos meus filhos e gostava de fazer rosquinhas,

bolo e outras quitandas que eles gostassem. Pelo fato de trabalhar fora, não havia tempo para eu me dedicar a muitas outras tarefas da casa. Hoje, meus filhos todos já constituíram família: Charbel, que mora em Petrópolis, Alisson, em Campinas, Jeane em Manhuaçu, Nicéia e Juninho, que moram em Simonésia e meu filho Fernando, que faleceu em 2014. Tenho 14 netos e doze bisnetos que são bênçãos em nossas vidas.

Deixo uma mensagem para as novas gerações. Tenham cuidado, tenham perseverança naquilo que é bom. Deixem o mal, os vícios e tanta coisa que faz mal também para o espírito. Hoje as pessoas brincam com coisas sérias. Então é necessário ter cuidado, ouvir os pais, os mais velhos, pois eles têm a sabedoria. É preciso ter muita sabedoria para viver no mundo de hoje.

Neroni Sotti Teixeira Terra



12/08/1950

Meus avós paternos e maternos são descendentes de italianos e nasceram no Brasil. Minha bisavó Angelina, quando veio da Itália, já era viúva. Só falava italiano e os bisnetos não conseguiam entendê-la, mas os filhos, como conviviam com ela, conseguiam compreender a língua. A outra bisavó se chamava Maria Rufina. Meus avós maternos são Josué Sotti e Floripes Sotti de Oliveira. Os paternos são João Sotti e Rita Sotti Teixeira. Meus avós eram irmãos e moravam todos na fazenda, no Córrego de Vargem Grande. Todos os domingos, eu ia com os meus pais e irmãos visitá-los. Eles trabalhavam na roça com criação de gado, plantação de café, cana, milho, arroz e feijão.

Meu nome é Neroni, mas sou mais conhecida como dona Fia. Sinto muitas saudades dos meus avós. Havia muita educação e muito respeito. Tinha pelos avós o mesmo carinho que eu dedicava aos meus pais e sinto

muita gratidão por eles. Os netos tinham o costume de pedir bênção e chamá-los de senhor e senhora, um ensinamento que eu passei para os meus filhos e passo para os netos hoje.

Naquela época não tinha televisão nem rádio, telefone não existia, então o prazer era ir à noite para a casa dos avós e ouvir as histórias que eles contavam. A minha avó fazia ovos cozidos, bolinhos de polvilho, um cafezinho, às vezes um suco e era uma alegria para as crianças ficarem curtindo esse momento com os avós até a hora de dormir. A história que mais me chamava a atenção era a “Branca de Neve”, que é contada até hoje para as crianças.

Éramos oito irmãos e sempre nos reuníamos sem brigas, sem desavenças. Todos juntos brincando unidos. As moças brincavam de roda, de pique, contar casos, e era tudo tão bom que os domingos passavam sem que a gente percebesse.

Os avós paternos moravam na cidade, mas passear lá era tão gostoso quanto na casa da fazenda. A gente passeava, brincava, comia, bebia. Ouvíamos histórias e recebíamos todo tipo de mimos. As brincadeiras de infância eram pique-alto, pique esconde, pula-corda, passa anel.

Meus pais também eram unidos e viveram juntos até o fim. Eles se casaram muito jovens. A minha mãe com dezesseis e o meu pai com dezesete. Eram primos de primeiro grau e se conheceram ali, em meio à família. Casaram-se, tiveram oito filhos. Eram pais muito rígidos e exigiam obediência dos filhos. Tínhamos que respeitar horários. As mulheres tinham que chegar até as dez horas, os homens por volta das onze e todos obedeciam. Depois de alfabetizada, ensinei meu pai a assinar o nome e a fazer contas, pois ele não teve acesso à escola.

Tive uma convivência muito boa na escola principalmente com as professoras, pelas quais até hoje tenho muito carinho. As professoras com quem eu estudei até hoje me adoram e eu as adoro. Eu trato todo mundo até hoje por dona, senhora, peço bênçãos, como se fossem minha mãe. Elas me têm como se eu fosse filha também. Adoro! Estão quase todas vivas. As irmãs Cleude, Aparecida e Solange, dona Edmar, os professores senhores Francisco Joviano e Sebastião Ferraz, enfim, pessoas que marcaram minha história como estudante e ficaram na memória e no meu coração.

A cidade naquela época era toda de chão sem calçamento, mas a gente era feliz e não sabia. Era bom assim mesmo. A iluminação era muito precária, mas como não havia outra, as pessoas consideravam que era bom demais. Eu tenho saudade da minha infância, da minha juventude. Foi muito bom!

Naquele tempo não havia grupo de jovens como hoje. Havia somente um padre, as missas eram só aos domingos, de manhã ou à tarde. Então meu pai dizia que eu teria que ir pela manhã, pois moça direita não podia ir à missa à tarde. Não havia aquele entrosamento e nem grupos religiosos formados por jovens. Quando havia festas religiosas, no mês de maio e Semana Santa, os pais levavam os filhos e quando não podiam ir, pediam que alguém os levasse. Os colegas se encontravam e, quando aconteciam as procissões, às duas da tarde, às quatro já teriam todos que estar em casa.

Sou casada com Geraldo Luiz da Terra Pereira, com quem tenho uma história de envolvimentos sociais e atenção às tradições familiares, religiosas, história cheia de lutas e conquistas. Uma história que faço questão de contar e se passou há mais ou menos quarenta anos. O Geraldo meu marido, passou por um problema sério de coluna e os médicos informaram que ele teria que passar por uma cirurgia que seria realizada no Hospital Santa Ana. Havia a possibilidade dele não andar mais. Ao sair de lá, deparou-se com a imagem da Santa e prometeu que, se conseguisse andar, faria uma fogueira, com a oração do terço, todos os anos no dia de Santa Ana, para comemorar essa data. Então voltamos para casa e, no dia marcado, fizemos a fogueira e a oração do terço só com a presença da família. No ano seguinte, fomos passando a notícia do terço, uns para os outros e, com o tempo, de um terço passou a uma missa, chegando a reunir cerca de cinco mil pessoas, que aconteceu durante quarenta anos. Era realizada uma missa e logo após serviam-se comes e bebes que eram preparados durante toda a semana. Fazíamos canjicão, quentão, pipoca, amendoim torrado, broa de fubá com melado, biscoito e outros. A cada ano era preciso aumentar a quantidade. Mas, com a pandemia da covid-19, tivemos que parar e só retornamos com a parte religiosa, cumprindo a promessa feita. Ele seguirá cumprindo enquanto estiver vivo e depois o compromisso passará para

os filhos. A missa acontece na igreja da propriedade da família, chamada Igreja de Nossa Senhora de Lourdes.

Seus relatos sobre uma promessa, nos apresenta um movimento que cresceu junto com a família e comunidade. Ao ser compartilhado o desejo do marido com a gratidão, pela cura ligada a Santa Ana, chegar a 5.000 pessoas compartilhando a fé em uma atividade social, num encontro com vizinhos e conhecidos, revela de forma, digamos muito forte e clara, a força de uma fé. Os grupos buscavam nos movimentos da fé o estar juntos em muitas conquistas e ações nos vínculos sociais, afetivos e religiosos.

Odete Ferreira dos Anjos Lopes



29/03/1936

Minhas avós viveram mais de noventa anos. Ajudei a cuidar da minha avó paterna por muito tempo, pois ela morava com o meu pai e nossa família. A minha avó materna morava na cabeceira do Córrego São Vicente. Não tenho lembrança das avós trabalhando, pois só me lembro delas com mais idade. Minha mãe faleceu quando eu tinha quatro anos.

Meu pai, Diolindo, sempre trabalhou com café e tinha uma propriedade também no córrego São Vicente. Cuidou de mim durante quatro anos e depois casou-se novamente. Seis anos mais tarde perdeu sua esposa e eu, que já estava com quatorze anos, assumi os cuidados com a casa e com o irmão de cinco anos, filho do meu pai com a segunda esposa, e assim foi por muitos anos. O meu pai continuou trabalhando na roça enquanto foi possível. Do primeiro casamento nasceu também meu irmão José, que hoje se encontra com setenta e seis anos e também mora em Simonésia.

A minha relação com o meu pai era muito boa, apesar de ser um homem rígido como a maioria dos pais daqueles tempos. Apesar do pouco tempo que tinha para dedicar às brincadeiras, eu gostava de pular corda, brincar de pique, passar anel (tanto as crianças quanto os adultos). Eu brincava também com bonecas de sabugo de milho. Pegava aquele milho que tivesse mais cabelinhos e ficava brincando de pentear. O primeiro boneco de verdade que ganhei era feito de papelão e lembro que, um belo dia, resolvi dar um banho nele e, como era de se esperar, o boneco se desfez e eu desatei a chorar. Chorei muito, apesar de já ser bem grandinha. Naquele tempo não existiam bonecas de qualidade e bonitas como existem hoje. E se existiam, somente as crianças com maior poder aquisitivo tinham acesso. Só conheci coisas mais sofisticadas depois de adulta.

Estudei na roça até o terceiro ano primário depois fui morar na cidade, na casa de uma tia, para dar continuidade aos estudos. Fiz o quarto ano e a admissão. Naquela época, o meu irmão mais velho já tinha se casado e morava com o meu pai e o irmão caçula. Fiquei na casa da tia até me casar.

Casei-me com Adolfo, que era funcionário da CEMIG e fomos morar em Belo Horizonte. Vivemos lá por mais de vinte anos e depois de aposentado, Adolfo decidiu voltar para Simonésia e fomos morar no sítio da família, na Barra. Por fim, viemos morar na cidade e vivemos aqui até ele falecer. Eu passei o terreno para os filhos, Hélio e Ricardo, e lá acontecem encontros religiosos da Igreja Batista Nacional, onde meu filho Hélio é pastor. Além dos filhos, tive também cinco enteados, dois homens e três mulheres, que ajudei a cuidar. O mais velho tinha quatorze anos e depois de adulto, trabalhou como cabeleireiro em Belo Horizonte, mas, depois da pandemia da covid-19, mudou-se para Simonésia. Ricardo, que também é um bom cabeleireiro, trabalha junto com o irmão. Duas das mulheres ainda moram em Belo Horizonte e a outra voltou para Simonésia, também em consequência da pandemia. O mais novo faleceu em 2020, com cinquenta e um anos. Foi uma luta cuidar de tantas crianças, mas houve sempre muito amor de ambas as partes. Tanto que meus enteados me apresentam como mãe e isso me deixa muito feliz.

Frequento o “Grupo da Melhor Idade” sempre que possível, pois tenho passado por alguns problemas na coluna devido a três hérnias de disco que descobri há algum tempo. Gosto de participar, estar junto com as pessoas, considero o projeto algo de muito importante e prazeroso para as pessoas que participam.

Na vida considero-me realizada, pois tenho uma família maravilhosa, filhos atenciosos e bem criados. Vivo com um filho e na companhia de minhas cadelinhas. Sou muito grata!

Ordenira Emerick Rabelo



31/07/1935

Nasci no dia 31 de julho de 1935. Tenho seis irmãos do primeiro casamento do meu pai e dezesseis do segundo. Meus avós paternos, Pedro Emerick e Júlia Emerick, vieram do estado do Rio de Janeiro para a cidade de Manhumirim e lá foram formando a família. Os avós maternos, Gustavo Emmerick e Astidema da Silva, também eram de Manhumirim. Todos trabalhavam com agricultura, plantavam mandioca e processavam para fazer farinha, polvilho dentre tantos outros produtos.

O meu pai dizia que as filhas mulheres não precisavam estudar, somente os homens. Portanto todos eles se formaram, mas eu e minhas três irmãs não estudamos. Mais tarde, aprendi um pouco estudando no Móvel, no Córrego dos Três Coqueiros. Hoje eu sei ler os nomes dos seus remédios e consigo seguir as orientações sozinha. Mas não aprendi a ler palavras escritas com letra cursiva.

Meus Pais se conheceram na região de Manhumirim, casaram-se e tiveram os filhos lá. Eram também agricultores. Eu me casei com o Manoel, em Manhumirim e tive meus filhos mais velhos, Emanuel, Evandro, Evelina e Evanilda. Depois de um tempo, meu marido comprou uma propriedade em Simonésia, no Córrego dos Três Coqueiros, onde fomos morar e tivemos mais dois filhos, Maria Gorette e Sílvio.

Passados alguns anos, meu marido decidiu que deveríamos nos mudar da zona rural, pois achava que estávamos trabalhando muito. Eu me preocupei, pois achava que talvez não nos adaptaríamos a viver na cidade, mas o meu marido acreditava que sim e resolvemos juntos tentar essa nova vida.

Meu filho Silvio tinha uma moto e sempre que eu queria ir para a roça torrar farinha, fazer polvilho, fazer doces, cuidar da horta e outras coisas, ele me levava na garupa. Mas minhas filhas achavam que era um trabalho pesado para mim e então pediram que eu parasse. Concordei. Eu plantava todo tipo de verdura e muitas pessoas buscavam em minha casa, inclusive os meeiros. Cheguei a trazer verduras também para vender na feirinha da praça. Além de verduras, eu trazia doces caseiros, que aprendi a fazer num curso em Manhumirim, farinha torrada, polvilho, farinha de mandioca e vendia tudo. Eu e outros produtores vínhamos bem cedinho para a cidade. O senhor Gervásio Terra comprava meus biscoitos e colocava as argolas nos braços para levar para casa, todo satisfeito.

No início, eu tinha a ajuda da minha filha Gorete, pois não dirigia e contava com ela para trazer os produtos para a cidade. Depois de um tempo o meu filho mais novo, Silvinho, assumiu essa função. Fiz esse trabalho por um bom tempo e cheguei até a me aposentar através dele. Além disso, eu comprava, com o dinheiro da feira, tudo aquilo que eu precisava, mas não produzia no meu terreno. Guardo lembranças das boas amizades que fiz na feirinha da praça e até hoje, quando as encontro, meus doces de limão e de laranja são tema das conversas. Foi uma época muito abençoada da qual me recordo com muita satisfação e carinho.

Eu adorava cuidar da horta! Irrigava com água de mina, utilizava apenas esterco de gado e por isso era tudo muito saudável! Eu tinha também

um forno de barro e fazia roscas, biscoito de polvilho, tudo feito com os ovos caipiras colhidos no meu sítio. Outra passagem interessante foi quando o meu marido começou a me aconselhar a ensinar aos meeiros que eles deveriam ter suas próprias hortas. Ofereci esterco e, quando iam buscar verduras, dava-lhes também uma muda. Era uma forma de ensiná-los que eles também poderiam ter aquela fartura em casa e, de certa forma, diminuir o meu trabalho.

Voltando um pouco no tempo, minha infância foi marcada por muito trabalho. Durante a semana íamos para a roça trabalhar com o meu pai, cuidar do café, capinar. No sábado, íamos lavar toda a roupa da casa, que era muita, pois a família era grande. No domingo, íamos passar e remendar, pois antigamente fazia-se muito isso. À tarde, depois que terminávamos o serviço, minhas primas chegavam e íamos todas brincar de roda e cantar.

Quanto à educação recebida dos meus pais, eles eram muito bons e nos ensinaram muita coisa boa. Lamento pela questão do estudo que não nos foi permitido na infância.

Quando chegou a vez dos meus filhos, fiz questão que eles estudassem e deixei sempre claro o quanto os estudos fizeram falta em minha vida. Mas o filho mais novo, apesar do meu desejo que ele fizesse uma faculdade, não tinha esse sonho. Depois que o pai fez a doação das terras aos filhos, ele decidiu que iria cuidar da sua parte assim como os irmãos. Meu marido pediu a eles que, enquanto ele fosse vivo, ninguém vendesse nada e assim eles fizeram. Até hoje, todos estão com seus terrenos e aprenderam a plantar, cuidar e zelar seguindo o exemplo dos pais. A casa da sede, que é de propriedade de meu filho Silvio, é muito bem cuidada e o meeiro cuida de uma horta muito produtiva. Não lhe falta verdura de qualidade e o funcionário responsável ainda traz o carro cheio para a feirinha da praça.

Hoje meus filhos estão todos bem, todos trabalhando e até um dos meus netos já está seguindo a tradição da família de produtores rurais.

Moro com meu filho Silvinho e tenho dois gatos: a Boneca (mãe) e o Bolinha (filho), os dois criados em minha casa.

Lembro-me de Simonésia quando chegamos na cidade. A igreja matriz ainda tinha o piso de madeira, as ruas não tinham calçamento, havia

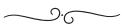
poucos comércios. Tecidos eram trazidos por vendedores que vendiam em seus próprios carros parados nas ruas.

Minha infância foi marcada por muito trabalho, mas reconheço que havia muita fartura. Meu pai sempre gostou da casa cheia, fazia brevidades com o polvilho caseiro e açúcar mascavo. Eu não me esqueço daquele gostinho maravilhoso. Eram fornadas todos os finais de semana de broas de inhame e biscoito de polvilho. Aos domingos a casa se enchia e havia quitanda à vontade para servir às visitas com aquele cafzinho!

Eu desejo às novas gerações muito trabalho e coisas boas.

Ozair da Terra Costa

In Memoriam



10/03/1937 - 30/01/2023

Nasci em 1937 na cidade de Simonésia. Conheci apenas minhas avós. Lembro-me da minha avó materna sentada na cama, fazendo trabalhos manuais, o chamado “Rechiliê”. Eu passava muitos dias sem visitá-la, mas quando ia era muito bom. Guardo lembranças com muito carinho. A minha avó morava no Córrego dos três Coqueiros e a minha mãe, Rosa da Terra Cristo morava com a família no Córrego de Vargem Grande. Quando íamos visitar minha avó, meu pai ia a cavalo levando o filho menor e os outros iam caminhando. Quando avistávamos a casa, saímos correndo, subíamos na porteira e ficávamos gritando para avisar que estávamos chegando, pois tínhamos medo do cachorro. A minha avó, o meu tio e os meus primos vinham nos receber e era uma festa. Na casa da minha mãe, morava também meu irmão com a família. Eram muitas crianças e por isso o

passeio ficava ainda mais divertido. As crianças iam brincar e correr pela casa, que era muito grande. A tia fazia bolinhos salgados, de farinha de trigo. Era nosso prazer quando falava que íamos na casa da vó Cocota. Íamos muito pouco porque meu pai ficava desanimado por ter que sair com tantas crianças sem ter uma condução para nos levar. Eu tinha mais ou menos treze anos.

Simonésia, naquela época, não tinha quase nada. Uma recordação gostosa, bonita que eu tenho: quase chegando em Simonésia, ouvia uma zoeira, era igual a uma cachoeira. Era uma água que parecia correr bem na entrada da cidade. Havia uma máquina de limpar arroz ou café, não sei, e um córrego que passava. A gente chegava com os pés empoeirados, gostava de parar lá, levava um paninho para limpar e chegar na rua com os pés mais limpos. Era um momento bom e divertido. Depois disso, chegávamos na casa da minha avó paterna, Rosina de Fúccio, que já era bem idosa. Eu sentava em seu colo e ela ficava fazendo cachos em meus longos e anelados cabelos. Na casa moravam minha avó Rosina, tia Lilita e Dindinha. O meu avô paterno, Manoel, faleceu quando meu pai ainda era pequeno.

Quando chegava o mês de maio, meu pai levava as crianças para a reza na cidade e as meninas participavam das coroações. As primas todas se reuniam, vestiam lindas vestimentas e colocavam suas asinhas. Dona Marcionília, parente do meu pai, arrumava os cabelos das crianças, fazendo cachos com ferro quente. Depois de prontas, íamos todas para a igreja com bandejas de flores, coroa e acompanhadas por uma banda de música. Era tudo muito bonito!

Apesar de gostar tanto de brincar e participar das coisas da igreja, nunca gostei de estudar. Frequentei a escola que meu pai construiu, no Córrego de Vargem Grande, por algum tempo, mas sem muito interesse. Comecei a ir com interesse de namorar e vivia inventando uma dorzinha de barriga ou de cabeça para sair da escola. O tempo foi passando, eu me tornando uma mocinha e continuei inventando dores para sair, mas uma professora não permitiu. Isso foi a gota d'água para eu não querer mais estudar. Fiquei com vergonha e falei: não vou estudar, eu não gosto. Depois de um tempo, decidi aprender corte e costura e fui para a cidade fazer o

curso. Aprendi a riscar, desenhar, tirar medidas e comecei a costurar. Criei a família toda na máquina, costurando. Eu fazia roupas para as irmãs, cunhadas, sobrinhos. No início, eu gostava mais de fazer blusas e vestidos, depois comecei a fazer calças, desmanchei uma para aprender e bermudas também. Eu fiz muitas roupas, inclusive vestidos de noiva. Agora não consigo mais costurar, pois as vistas enfraqueceram. Sinto saudade.

Voltando aos tempos da juventude, Lembro que a vida na roça era muito difícil, trabalhávamos muito. Meu pai tinha gado, horta, muita lavoura, mas eu nunca apanhei café, pois meu pai sempre pagava aos companheiros para isso. Eu e meus irmãos gostávamos de catar os grãos de café que ficavam esquecidos no chão. Depois de todas as obrigações de casa cumpridas, o meu pai deixava que fôssemos para a lavoura. Nós catávamos os grãos e garantíamos um dinheirinho. Na minha casa todos trabalhavam. Já tirei muito leite, carregava o balde cheio nas costas, prendia bezerros e, quando os homens iam para a roça trabalhar, as moças tinham que buscar as vacas no pasto, até mesmo debaixo de chuvas e relâmpagos, para prendê-las no curral. Caso contrário, o meu pai ficava muito bravo. Eu levantava muito cedo para tirar leite, ajudar a ralar mandioca para a minha mãe fazer o polvilho. No inverno, eu ralava a mandioca à noite e levantava cedinho para coar a massa. O ralo fazia feridas em minhas mãos deixando marcas do trabalho duro.

Aos dezessete anos casei-me com José Bento, que também não tinha ainda dezoito anos completos e fomos morar no Córrego de Três Coqueiros, no terreno de meu sogro, Januário Bento. Era mais fácil frequentar a igreja, pois era mais perto da cidade. Tivemos nove filhos e criamos com muita luta. No início foi muito difícil para eles estudarem, mas quem quis e se esforçou, apesar de tudo, conseguiu concluir uma faculdade.

O meu marido foi motorista da Viação Pássaro Verde e adoeceu antes de se aposentar.

Gosto muito da cidade onde nasci e passei toda minha vida. Hoje em dia não frequento mais os encontros do “Grupo da Melhor Idade” por questões de saúde, mas participei bastante tempo e viajei duas vezes para Guarapari com a turma. Fiz muitas amizades. As melhores experiências

da minha vida foram o convívio, as atividades realizadas no grupo e os passeios que fazia na casa do irmão do meu sogro, em Vitória, no início de meu casamento.

Terezinha Fernandes Breder



12 /11/1941

Sou neta de Rita Angélica da Costa e Geraldo Bento da Costa, meus avós paternos, e de Maria Alves de Souza e Francisco Fernandes Campos, avós maternos. Meus avós maternos moravam no Córrego do Funil. Ela era dona de casa, ele trabalhava na lavoura e era cabelereiro. Meus avós paternos moravam na Barra de São Pedro e lidavam com lavoura de café e outras plantações, além de criarem gado.

Fui criada na propriedade que hoje pertence ao senhor Geraldo Terra Vivi lá até me casar. Fui para lá bem pequenina, quando ainda tinha somente os irmãos Anésio e Maria.

Quando me casei, mudei para a Barra de Monte Alverne com meu marido, fui morar na casa da minha sogra. Lá trabalhávamos com lavoura de café, plantação de milho, hortaliças e tínhamos muitos pés de frutas.

Trazendo à memória minha infância, lembro-me das bonecas de sabugo de milho que fazia e vestia com roupinhas de papel de embalagens de macarrão. A minha mãe cuidava da casa, dos filhos pequenos e costurava para todos da família, enquanto eles iam trabalhar na lavoura. Minha mãe faleceu aos trinta e sete anos. Eu, que estava com dezesseis anos na época, passei a cuidar da casa e das duas irmãs menores, Helena e Maria. Os outros irmãos iam para a roça. À noite, cuidava das obrigações para que minha irmã Geralda pudesse costurar e ganhar um dinheirinho para nós duas. Ela costurava numa máquina manual iluminada por uma lamparina. Por fim, as brincadeiras, na verdade, ficavam apenas para o domingo. Brincávamos também de roda, cantar versos para os namorados, fazíamos túneis com montes de palha de feijão e milho e passávamos por baixo, encontrando os caminhos um com o outro. Quando passava a noite, minha mãe tinha que entrar no túnel e verificar se não tinha nenhum bicho, para que as filhas entrassem depois. Ela foi tão boa para nós! Fazia tudo por nós.

Quando minha mãe faleceu, eu estava com doze anos e minha irmã Geralda com catorze, já estávamos namorando, mas a juventude foi muito difícil! O meu pai era rígido e não deixava que saíssemos sem a companhia de alguém escolhido por ele, principalmente à noite. Não podíamos dançar, usar esmaltes nem batom, pois éramos da irmandade Filhas de Maria. Os vestidos tinham que ter manga e o comprimento no meio da canela. A vida foi assim, eu trabalhando na roça, ajudando minha irmã a cuidar da casa e dos irmãos e brincando aos domingos, até me casar, um ano depois da minha irmã.

No próximo ano, meu pai Sebastião Bento da Costa casou-se novamente e teve, com a segunda esposa, mais três filhos.

O que marcou muito minha vida foi um namorado que tive dos doze aos dezesseis anos. O meu pai e a minha avó não queriam o namoro, mas eu era teimosa e namorava assim mesmo. Lembro que, quando eu não podia ir para a cidade, ele namorava outra menina e as pessoas me contavam. Eu terminava, mas não resistia e sempre reatava o namoro. Eu dei então uma dura nele dizendo que, depois que ficássemos noivos, eu não aceitaria mais aquela situação. Então, no mês de Maria, em que aconteciam aquelas

lindas e divertidas festas religiosas, o meu noivo cometeu um novo deslize e meus tios, Manoel e Geraldo, presenciaram a cena e me contaram o fato ocorrido, proibindo-me de continuar o relacionamento. Assim acabou-se de vez o noivado.

Conheci então Sebastião Breder. Lembro-me da grande coincidência de nomes, pois os dois namorados e o meu pai se chamavam Sebastião. Namoramos por um ano e nove meses, nos casamos e vivemos felizes. Eu tinha a sogra como uma mãe. Ela era parteira e fazia os meus partos, prestava a mim todos os cuidados durante o resguardo, quando ficava na cama por cinco dias me alimentando de sopas. Depois de um tempo, a minha sogra adoeceu e tive mais duas filhas, Cristina e a caçula Carine. Dessa vez, sem os cuidados daquela pessoa tão querida. Então eu tive que dar à luz no hospital, em Manhuaçu. Cuidei da sogra acamada durante quatro anos, com todo carinho, fazendo por ela tudo que fosse possível.

Depois de casada, eu ajudava meu marido com o trabalho na roça e minha sogra cuidava da casa.

Considero que as novas gerações têm uma vida melhor, pois no meu tempo não era permitido e as moças tinham vergonha de segurar a mão dos namorados, só tinham calçado para ir à cidade passear e trabalhavam muito desde cedo. Hoje as pessoas têm mais liberdade e mais acesso às coisas. Mas alguns exageram no modo de se vestir e no comportamento, além de não valorizarem as inúmeras oportunidades que têm hoje. Sou agradecida pelo estudo que tenho. Tive muita dificuldade de aprendizagem, mas o pouco que aprendi valeu muito para minha vida.

Vicente Fernandes



25/09/1936

Tenho 86 anos. Perdi meu pai aos sete e minha a mãe aos dezoito. Fui morar com o meu irmão mais velho e me casei aos vinte e cinco anos. Vivi cinquenta e cinco anos com minha esposa. Eu não soube aproveitar minha juventude, pois bebia demais, vivia no meio dos amigos e assim vivi por um bom tempo até decidir parar de beber, antes que fosse tarde demais. Tive dezenove irmãos, pois minha mãe teve muitas gestações, teve gêmeos, dezesseis já faleceram.

Eu trabalhava capinando e roçando, tocava café à meia e agora sou aposentado. Moro na cidade há vinte e poucos anos, antes disso sempre vivi na zona rural. Morei no Córrego da Lage, no Sossego e na Cambuta, sempre em terras de outras pessoas para quem eu trabalhava capinando, batendo pasto, tocando lavoura de café, plantando milho, feijão e tudo mais. Com o

serviço da roça eu não encravo não. Sei tudo o quanto há. Hoje não aguento trabalhar mais devido aos problemas de saúde, mas, se não fosse isso, estaria na roça até hoje. Eu gosto da roça, não acostumo com rua não. Estou na rua, mas sinto saudade da roça.

Estou um pouco afastado da participação no “Grupo da Melhor Idade”, mas vou retornar assim que tiver uma pessoa para me ajudar, pois não posso passar da hora de me alimentar; sozinho fica difícil para mim. Estou animado até a participar da quadrilha. Quando era jovem, dançava e tocava sanfona e ia a alguns bailes com a minha esposa.

A felicidade é assim, quando a gente está mais novo, na terra da gente, no meio dos amigos e parentes, então é muita coisa. Quando bate uma certa idade, a gente já está num lugar estranho, não é muita coisa. Agora, eu aqui na rua, graças a Deus tenho muitos amigos, mas não é igual a quando a gente é novo.

A saudade é assim: não adianta ter saudade, a gente não volta na nossa idade mais. O velho não é igual ao novo.

Não adianta também dar um recado à juventude, pois os jovens não querem os conselhos dos mais velhos. Se um idoso estiver contando um caso dos antigos, os jovens não se interessam em ouvir, acham que o velho está caducando. Na minha opinião, muitos jovens, hoje, só querem saber de bailes, bebidas e drogas. Mas reconheço que há famílias que sabem criar seus filhos, que ensinam os filhos a cumprimentarem as pessoas, a pedirem bênção e isso para mim é muito importante.

Zilta Pinto Coelho de Souza



05/06/1919

Meus avós paternos vieram do mar de Espanha e os maternos vieram de Manhuaçu onde meu avô João Laureano tinha um comércio na rua Antônio Welerson. Meu pai era farmacêutico e morava em Sacramento, depois se mudou para Manhuaçu. Minha mãe era enfermeira e trabalhava na Casa de Saúde do doutor Nelson Monteiro, em Manhuaçu.

Eu nasci em Manhuaçu e nessa época meu pai tinha lá uma farmácia e também uma fazenda em Sacramento. Eu fugia muito e brincava com muitas crianças. Um dia estava brincando com a filha de um escrivão e ela foi tomar água e acabou morrendo na cisterna. Tinha apenas cinco anos. Foi um grande susto! Estudei em Sacramento no período que morei lá, depois nos mudamos para Manhuaçu. Lá estudei no grupo e na Escola Normal mas só conclui o primeiro ano, mesmo assim, cheguei a dar aulas na roça. Trabalhei em Jaguaraí e São João do Manhuaçu.

Quando criança gostava muito de brincar de boneca, de gangorra e de fugir para um sítio distante. Fugia para lá porque gostava muito da dona da casa, dona Porcina. Ela fazia café para mim usando umas xícaras de louça pequeninas que tinham umas pintinhas pretinhas. Um dia eu disse a ela que não ia querer o café. Então ela me perguntou, “Uai, mas por que, minha filha? Eu fiz um café docinho só pra você! Então respondi, brincando: “Porque tá com uma pulga.” Eu gostava tanto dela que um dia acharam que eu havia desaparecido, pois fui para sua casa escondida e me demorei muito por lá. Procuraram-me por todo lado e me encontraram no sítio. Ela me suspendeu para mostrar que eu estava com ela e então foram me buscar. Minha juventude também foi muito boa. Eu tinha muitas amigas e adorava dançar. Havia festas nas roças, aniversários e em todas as oportunidades nós íamos e dançávamos muito. Casei-me aos dezoito anos e fui morar em São João do Manhuaçu, no Córrego das flores. Na roça a vida era muito trabalhosa. Eu tinha que dar aula e cozinar para os companheiros que trabalhavam lá. Passado algum tempo, nos mudamos para Belo Horizonte e lá eu só cuidava da casa e meu marido trabalhava com desdobramento de madeira.

Considero que a melhor parte da minha vida foi quando eu era solteira. Na minha vida de casada convivi com algumas coisas muito difíceis. Meu marido bebia um pouco e morreu aos 32 anos, vítima de dois tiros.

Acompanhei várias gestantes no parto e infelizmente presenciei a morte de algumas mães e crianças. Trazia para minha casa, em Alegria, as mulheres que estavam próximas de entrar em trabalho de parto, e quando percebia que sozinha, não seria possível, eu as levava para um atendimento especializado na cidade.

Presenciei mulheres como as esposas de José de Carvalho e José de Tarso morrerem por falta de assistência. Já realizei partos difíceis, inclusive um deles em que a criança estava dentro da bolsa e tive que cortá-la para retirar o bebê.

Fui também bordadeira e essa era a atividade que mais me dava prazer. Eu bordava à mão.

Moro em Alegria com minha filha de 74 anos e vivo neste distrito desde quando ela nasceu. Vim para cá a pedido do meu irmão para ajudá-lo a cuidar da esposa que apresentava alguns “transtornos mentais”. Foi nessa época que começou minha história como parteira. Eu não cobrava pelo trabalho, mas algumas pessoas fizeram questão de pagar.

Depois que meu primeiro marido faleceu, tive a oportunidade de me casar com um advogado, mas “chutei a sorte”. Depois casei-me com um fazendeiro e fomos morar na roça. No início eu gostava muito de morar lá, mas com o tempo fui desgostando. Tive uma triste experiência de traição por parte do meu marido e acabei indo embora para Belo Horizonte morar com minha mãe.

Quando morei na roça, fizemos a primeira colheita, logo depois fomos morar na cidade e meu marido foi trabalhar no correio. Trabalhou em Alegria e depois foi para Carangola e acabamos então nos separando, mas não me lembro muito bem qual foi o período da nossa separação.

Morei em Ribeirão Novo e tínhamos lavoura de café. Trabalhou também em Goiás, em Rio Verde dava aulas e nesse tempo comprou um sítio bom.

Hoje tenho a Margarete que faz tudo por mim, é minha companhante, enviada por Deus.

A casa onde moro hoje era de Antônio Barnabé que se mudou para Goiânia. Tem uma grande área com muitas frutas e horta onde gosto muito de andar e cuidar, mas neste momento não tenho ido, pois sofri uma queda e quebrei o fêmur. Já me recuperei, mas tenho tomado cuidado para evitar outros acidentes.

Antigamente esta casa foi uma pensão para os funcionários da prefeitura, no tempo do então prefeito, Geraldo Terra, mas havia também hóspedes particulares.

Uma saudade que tenho é a juventude e as festas que ia, embora minha mãe não permitisse. Eu sempre dava um jeito de fugir ou ir pra roça onde tivesse alguma festividade.

Certa vez fui a uma festa em Reduto e na época ainda não sabia dançar, então, os rapazes que pagaram para fazer o show de dança e músicas prometeram me ensinar. Foi uma experiência muito boa!

Mamãe nunca dançou, mas o papai adorava as danças.

Quando eu tinha seis anos, meu pai veio com a notícia de que estava para chegar uma irmãzinha para brincar comigo. Ao contrário do que ele pensava, eu não gostei da novidade. Eu achava que ela ia tomar o meu lugar e fiz questão de deixar isso bem claro para ele.

Tive também um irmão, hoje já falecido, que me deu assistência a vida toda. O nome dele era Alberto Pinto Coelho e foi uma pessoa muito importante em minha vida.

O que mais tem marcado minha vida atualmente são as manifestações de amizade das pessoas. No meu aniversário de 104 anos, recebi mais ou menos 100 pessoas em minha casa que vieram de várias cidades: Ipatinga, Caratinga, Simonésia... fiquei muito lisonjeada e feliz!

Perguntei se queria deixar uma mensagem para a juventude.

Acho que hoje as coisas melhoraram muito para a juventude. Além dos clubes onde eles se encontram para se divertir, muitas outras possibilidades também foram surgindo. O que mais me deixa feliz ...

E rezou uma oração ao Divino Espírito Santo.



Marinalva Ferreira

Posfácio

Os familiares de meu avô materno vieram de Portugal, chegaram em Carangola e de lá foram se espalhando. Foram para Pedra Bonita, Santana e depois para Simonésia. Meu avô Valdemiro Portes viveu grande parte de sua vida em Santana, nossa cidade vizinha, numa comunidade chamada Capoeirão e depois morou em Simonésia até falecer. Já a minha avó materna, eu não a conheci. Ela faleceu em decorrência do parto, no nascimento de minha mãe. Mas temos muitas histórias dela. Era uma mulher muito forte, decidida, tinha muitos filhos, trabalhava muito com meu avô, lidando com gado, lavoura, enfim, coisas do campo. Conta-se também que, ao mesmo tempo que ela era uma mulher forte e brava, era também solidária e muito humana. Gostava de fazer visitas às pessoas que precisavam e também às amigas. Muitas vezes ia cavalgando.

Minha avó tinha uma personalidade diferenciada, pois, naquela época, uma mulher com tamanha independência era, no mínimo, ousada. Tudo que sei dela, ouvi através de minhas tias e de outras pessoas que a conheciam. Sempre busquei informações a respeito dela e muitas coisas me chamavam muito a atenção. Lamento muito não tê-la conhecido. Tinha um nome diferente. Chamava-se Querubina. Minha mãe queria que eu tivesse o nome dela, mas meu pai não concordou e me deu o nome de Marinalva em homenagem a uma professora. O que foi ótimo também, pois eu amo meu nome! Então minha mãe tentou colocar em mim o apelido de minha avó, que era Bininha, mas não conseguiu também. Acabei ficando com o apelido de Nininha que era bem próximo do que minha mãe queria.

Não conheci muito bem meu avô paterno, pois ele faleceu quando eu era bem criança ainda, mas convivi muito com minha avó. Morávamos próximos à casa dela na roça e eu ia sempre visitá-la. Quando ela já era mais idosa e adoecida, vivíamos sempre por perto cuidando da casa para ela, levando refeições e assim fomos aprendendo um dos valores tão importantes

para a vida, que é a necessidade e o prazer de cuidar do outro, principalmente os mais vulneráveis. Meu pai nos ensinou desde pequenos a trabalhar muito e a cuidar de tudo. Considero que isso foi muito importante para nossa educação e só nos fez fortes.

Meus avós vieram de uma comunidade chamada Marreco e se firmaram no Córrego do Cachoeirão, aqui na cidade de Simonésia. Lá eu nasci e fui criada nas terras que ainda pertencem à nossa família. Naquela época já cuidávamos de lavouras de café, para comercialização e produtos básicos da alimentação como milho, feijão e arroz para o consumo da família. Depois de um tempo, meu pai expandiu um pouco os produtos para comércio, pois começou a participar da feira de Manhuaçu e comercializávamos banana, mamão, pimentão, tomate, jiló, produtos voltados para hortifrutti.

Na época dos meus avós, meus tios e meu pai, a terra era a mesma, mas era menos produtiva. Por isso, grande parte do terreno não era utilizada. Normalmente o alto de um morro era deixado para um pasto que, às vezes não tinha tanto gado. As lavouras também não produziam tanto, pois, na época, o uso de fertilizantes era muito menor. Então pode-se dizer que houve muitas mudanças nessa área. Foram mudanças gradativas, mas visíveis. Existe um ditado que diz, “Um ano o dono veste a lavoura e no outro a lavoura veste o dono”, ou seja, hoje, com o uso de fertilizantes químicos, no primeiro ano, o dono tem gastos e no segundo, o lucro. Antes disso era tudo naturalmente cultivado. Não havia investimento nas tecnologias, análise de solo, nem fertilizantes.

A minha infância foi muito boa. Agora que tenho meu filho, às vezes me vejo indo e vindo no tempo, fazendo comparações. Meu tempo de infância foi muito diferente da infância de nossas crianças hoje. Posso dizer que consegui permear minha infância entre ser criança e ter compromissos e responsabilidades. Somos oito irmãos e eu sou a mais velha do segundo casamento de minha mãe. Meus irmãos menores eram muito próximos uns dos outros em relação à idade. A diferença era de, no máximo, um ano e dois meses. Então eu cuidava deles, mas também brincava e era muito bom! Tivemos uma infância na zona rural, sem condições financeiras, mas era uma infância muito boa. Havia muitas crianças por perto e a partir dali

fiz muitos amigos que preservo até hoje. Lembro-me de quando combinávamos de brincar de “vendinha”, com os produtos que nós tínhamos. Todas as crianças vizinhas reuniam-se e era maravilhoso. Fazíamos de conta que o dinheiro era a folha do café ou qualquer outra planta. Era lúdico, mágico e era também voltado para a realidade de todos nós. Às vezes brincávamos também de casinha e fazíamos “comidinhas” de verdade. Os “coleguinhas” vinham e comiam aquelas comidas cruas, mal cozidas, mas o prazer verdadeiro era brincar. Lembro-me também de que brincávamos de casinha no pasto e havia muitas pedras que viravam casas na nossa imaginação e buscávamos até plantas para ornamentá-las.

Nessas brincadeiras, as amiguinhas viravam comadres e eu sempre dizia a elas: “Olha, eu vou brincar de casinha, mas as minhas irmãs não vão ser minhas filhas. Vocês, minhas amigas, vão ser as mães porque eu estou cansada de cuidar delas!” Então eu escolhia ser mãe das outras meninas maiores que já me ajudavam na ornamentação da casinha. Além disso, brincávamos também de futebol, fazímos os campos improvisados, colocávamos os gols e dentro dessas brincadeiras brigávamos também. Não aceitávamos quando os meninos faziam mais gols e partíamos para a revanche. Eu tinha colegas como o Jairinho, o João, a Aparecidinha, a Rosa, a Lúcia, Maria, várias meninas e houve aquela fase de prender passarinhos que eu achava interessante. Mas meu pai foi trabalhando minha cabeça e me perguntava: “Você gosta de ficar presa?” e eu respondia que não. Ele continuava: “Então, porque você quer prender os passarinhos? Eles gostam de liberdade.” Então pensei: É, realmente! A partir daí comecei a soltar todos os passarinhos dos meus amiguinhos. Eu soltava e saía correndo, é claro, pois todos queriam brigar comigo, até porque eu soltava até os passarinhos de estimação.

Além de todas essas aventuras, brincávamos também de queimada, pique esconde, pique bandeira e andávamos de bicicleta. Era uma grande turma de crianças e as brincadeiras eram inúmeras. Como se não bastasse tudo isso, costumávamos também nadar no rio. Eu ia com meus irmãos homens e minhas amigas e lá tudo que os meninos faziam eu fazia também. Se eles pulassem da árvore, eu pulava, se pulassem das pedras, eu

pulava, e assim curtimos maravilhosamente nossa infância, mas paralelo a isso, tínhamos também nossas responsabilidades. Eram acordos que fazíamos com nossos pais. Às vezes tínhamos que descascar todo o milho, ou socar todo o café para depois poder brincar. Então fazíamos o trabalho com o maior gosto, sabendo que depois poderíamos nos divertir à vontade. Então, apesar das obrigações, não perdemos a infância. A gente chiava, mesmo com a mãe dizendo que íamos estragar as roupas. Na engenhoca que moía a cana, enchíamos uma sacola de vento e às vezes moíamos, acidentalmente até os dedos. Tínhamos que chegar em casa na companhia de um colega para não apanhar muito, pois as mães ficavam bravas. Então permeávamos entre o trabalhar, brincar e fazer arte. Em meio a tudo isso, exercitávamos também nossa criatividade, produzindo boizinhos de chuchu, cerquinhas, pequenos currais, as bonecas feitas de espigas de milho e eu costumava até cortar os cabelinhos delas. Nossos brinquedos eram assim, construídos e improvisados por nós mesmos. Por isso me lembro, como se fosse hoje, do dia em que ganhei minha primeira boneca. Meu pai tinha uma venda e na época havia lá um jogo no qual a gente furava um compartimento e de dentro saía um papelzinho com um número. Para cada número havia um brinde correspondente. Eu vinha da casa da minha mãe sozinha até a venda quase todos os dias. Então eu chegava e ficava olhando para uma linda boneca, de olhos azuis que fazia parte dos brindes. Meu pai e outras pessoas que me viam, perguntavam: "O que você está olhando?" Então eu respondia: "Estou olhando para aquela boneca porque ela está olhando para mim." Além de linda ela também chorava e isso me encantava. E eu dizia a todos: "Ela vai ser minha, é por isso que ela está olhando para mim." E assim passaram os dias. Quando o jogo finalizou e ficaram apenas dois compartimentos para furar, meu pai chegou em casa e eu estava dormindo. Ele me chamou e disse: "Olha, eu trouxe um quadro para a sua mãe (Naná) e a boneca que você disse que seria sua. Ninguém ganhou os dois últimos números e eles acabaram ficando para mim, então eu trouxe para você." Naquela noite eu nem dormi e tremia o tempo todo de tanta emoção. Foi um dia inesquecível para mim!"

Meu pai caminhou muito pelo cultivo de hortifrutis porque começou a vender na feira em Manhuaçu. Então me lembro muito dessa passagem em que carregamos bananas para colocar para amadurecer, para encher as caixas e levar para a feira. Tenho também lembranças de quando subíamos no pé de mamão com uma escada, pegando-os com cuidado e jogando-os para o outro irmão que ficava embaixo para não deixar cair e amassar. Depois carregávamos as frutas em balaios para colocar nas caixas e fazer o transporte. Fazíamos também o plantio do tomate, do qual eu e meus irmãos também participávamos, fazendo as sacolinhas para plantar as sementes. Cuidávamos depois das mudinhas, replantávamos, desbrotávamos, amarrávamos e aguávamos todos os dias antes de irmos para a escola. Depois disso tudo, colhíamos os tomates para que meu pai levasse para a feira. Nós também íamos com meu pai. O transporte era uma kombi e muitas vezes agarrava na estrada, dava defeito e tínhamos que dormir na estrada, mas tudo era bom. Na verdade não tínhamos noção da dura realidade. Era a vida que conhecíamos. Havia dias em que tínhamos que ficar em Manhuaçu na casa de uma tia e eu achava tudo maravilhoso. Lá podíamos assistir ao Sítio do Pica Pau Amarelo (Programa infantil baseado na obra de Monteiro Lobato), íamos aos supermercados onde pudemos comprar o primeiro Danete de nossas vidas. Era tudo lindo!

Nada era separado para meninos e meninas. Tanto as brincadeiras quanto as funções eram comuns a todos. Éramos muito livres nesse sentido.

Eu saía muito com meu pai. Íamos ao campo vender café com leite e o bolo que a minha mãe fazia, ajudava-o na feira, íamos juntos quando ele fazia algum serviço para os vizinhos e também quando ele visitava os parentes. Eu ficava na casa brincando com meus coleguinhas e quando chegava à noite eu não queria ir embora. Minha mãe passou um bom tempo sem sair de casa, por isso eu achava que tinha que ir para que assim eu pudesse levar-lhe informações sobre tudo que acontecia. Ela sempre foi uma mulher trabalhadeira, muito econômica e brava também. Até hoje é firme nas suas decisões e opiniões. Pelo fato de passarmos mais tempo com minha mãe, os maiores castigos vinham dela. Eu tinha que cuidar dos meus irmãos e ajudá-la nos afazeres da casa, mas ela nos incentivava muito

nos estudos. Sempre teve consciência da importância de nos dedicarmos às tarefas da escola, principalmente por ela não ter tido a oportunidade de estudar. Hoje está com oitenta e quatro anos e ainda cuida de todos os afazeres da casa e dos animais que ela cria no terreiro.

Tive uma criação rigorosa no sentido de aprender a ter responsabilidades e trabalhar muito, mas ao mesmo tempo tive a liberdade de brincar e de sair. Eu amava sair! Inclusive, durante um tempo, não tínhamos energia elétrica em casa e eu gostava muito de assistir à televisão. Então eu ia assistir na casa dos vizinhos e minha mãe nunca me impediu. Sempre foi muito compreensiva nesse sentido. Depois de um tempo, com o gerador de energia, conseguimos ter uma televisão em casa. Lembro que a antena ficava muito distante e, para regulá-la, ficava uma pessoa de lá gritando e perguntando como estava a imagem enquanto tentava achar uma posição melhor. Assim passei a ver televisão em casa.

Minha mãe tinha um jeito muito especial de nos educar. Zangava muito, mas também orientava. No início do meu primeiro namoro, ela veio conversar comigo e perguntou: “Você quer namorar? Quer ter sua vida? Quer casar, fazer almoço, jantar, cuidar de tudo? O que é que você quer? Então eu pensei e cheguei à conclusão de que não era isso que eu queria naquele momento. Então ela dizia: “Pois é. Então você não vai namorar agora”. Eu sempre fui muito voltada para a palavra e refletia muito sobre o que ouvia. Meu pai, durante um período, dizia que filha mulher não podia sair de casa para estudar, mas eu tinha paixão e encantamento pela escola e amava estudar. Por isso acabei convencendo-o.

As professoras que foram morar e lecionar na nossa comunidade do Cachoeirão, Mariluce e Evinha, tinham inúmeros alunos para ensinar, e eu ainda não tinha idade para fazer matrícula. Mas eu queria tanto ir para a escola, que elas acabaram me aceitando. Eu ficava encantada com as brincadeiras e com as músicas. Mesmo assim, ainda demorei a aprender a ler. Fui alfabetizada no terceiro ano, mas eu decorava tudo, por isso a professora nem percebia que eu não estava lendo. Até que um dia, minha cunhada percebeu que eu escrevia o nome de todos da minha casa, mas que era tudo decorado. Lembro-me perfeitamente de quando uma professora foi

ouvir minha leitura e perguntou o que estava escrito. Eu disse então que não me lembrava daquela palavra. Então ela deu a dica de que era um objeto de assento. Eu mais que depressa respondi. “É tamborete.” Pois era o que tínhamos em casa para sentar. Então ela disse que não era. Fiz uma segunda tentativa dizendo que era cepo, aqueles cepinhos de sentar, mas novamente não fui feliz na resposta. Na terceira e última tentativa pensei em banco. Mas a palavra não se referia a nenhum dos assentos que eu conhecia e por fim ela me disse que era “sofá”. Hoje eu entendo que não tinha mesmo como saber, pois, além de ainda não ser alfabetizada, a palavra não fazia parte do meu contexto. O que retoma a teoria de Paulo Freire de que a letra e o sistema de som devem fazer parte da vida diária do aluno. Depois disso, já na terceira série, tendo identificado a minha dificuldade, a professora começou a trabalhar comigo o processo de alfabetização e eu aprendi muito rápido. Foi como um click. Estudei até a terceira série na Escola Municipal Coronel Alves Costa, na comunidade do Cachoeirão, onde mais tarde trabalhei como professora e servente escolar. A partir da quarta série, fui para a Escola Estadual Jovelino da Terra Pereira, na comunidade de Vargem Grande, que ficava a seis quilômetros da minha casa. Eu ia de bicicleta Monareta diariamente e não faltava por nada. Nos primeiros dias, eu me levantava da cama às dez da noite pensando que era de manhã, de tanta ansiedade.

Infelizmente tive que parar os estudos por um tempo, pois quando cheguei na quinta série, tinha que ir para a cidade e meu pai não concordava com o fato de deixar a filha morar fora de casa para estudar. Na época não havia transporte escolar. Passaram-se os anos, mas eu não tirei da cabeça a ideia de retomar meus estudos e, para minha felicidade, foram abertas turmas de 5^a a 8^a série (hoje denominado 6º ao 9º ano) na escola de Vargem Grande e assim pude continuar. Estudei os quatro anos naquela mesma empolgação de sempre, mas chegando ao final da oitava série, pelos mesmos motivos de antes, tive que dar outra pausa, podendo retornar somente quando surgiu o transporte escolar. O ônibus escolar saía do distrito de Alegria às duas horas da tarde, pegava os alunos de Alegria, Brejão, Marreco, Cachoeirão, Vargem Grande e chegava em Simonésia

transbordando de alunos. Eu fiz o científico e logo após passei no vestibular para o curso de Letras e segui em frente.

Na época em que terminei a oitava série, falava com meus colegas que não podíamos parar e cheguei a conversar com o prefeito na época, Senhor Francisco Joviano de Carvalho. Falei do nosso interesse em vir para a cidade concluir nossos estudos. Propus a ele que nos ajudasse pagando um motorista e o óleo do caminhão que conseguimos para nos trazer. Ele então tirou os óculos e me disse: “Olha, Marinalva, não é simples assim. A gente não tem verba para isso”. Na verdade, ainda não existia mesmo esse tipo de transporte, legalizado pela esfera dos órgãos federal e estadual, junto ao municipal. E ele continuou: “Nós não temos condições de pagar um motorista nem o óleo. Não tem como. Tem que ser uma política pública organizada. Ainda não existe e eu não teria como pagar só lá, pois eu teria que pagar para os outros lugares também”. Então fui embora e combinei com meus colegas de cada um de nós pagarmos um pouco. Chegamos a iniciar e frequentamos mais ou menos um mês de aula. Com o tempo percebemos que não tínhamos condições de pagar e tivemos que parar. Mas quando aconteceu a aprovação da política do transporte escolar, foi a nossa alegria. Já adultos, retornamos aos estudos e fizemos o segundo grau (hoje denominado Ensino Médio), na Escola Estadual “Padre Miguel”. Nossas turmas da Zona Rural eram um público que mostrava muito interesse pelos estudos e levava a escola muito a sério. Eu não me conformava em tirar menos de cem pontos no ano. Se tivesse noventa e oito, já era motivo de choro. Todos os professores tinham uma relação muito boa com nossa turma e vinham sempre muito bem preparados para ministrar as aulas para nós. Eu estudava de verdade. Lia muito além do que era pedido, nos feriados sempre aproveitava para fazer trabalhos, ler livros e fazíamos as apresentações dos livros literários que até hoje existem fotos guardadas na escola. Os professores manifestam muitas saudades dessa época, devido ao grau de interesse que todos nós demonstrávamos. Sempre entendi que a escola era uma escada para nos ajudar a melhorar a nossa vida e a dos nossos familiares, dando possibilidades de melhores oportunidades de emprego e tudo mais.

Comecei minha vida profissional, trabalhando primeiramente como servente escolar, depois assumindo turminha de pré-escolar e posteriormente uma turma de segunda série. Comecei aos 14 anos. Terminado o segundo grau, prestei vestibular em Caratinga para o curso de Serviço Social, encantada com essa área. Ao mesmo tempo também fiz inscrição para Letras em Carangola. Passei nos dois, mas por questão de logística e também pela paixão pela área da educação, optei pelo curso de Letras. No início, as aulas eram na sexta-feira e no sábado, depois passaram a ser de terça-feira a sábado. Essa mudança foi muito difícil, mas depois fomos conseguindo nos ajustar e consegui concluir a faculdade com muita alegria. Foi um curso que me ajudou muito em todos os aspectos. Passei no concurso do estado e tomei posse na Escola Estadual João Augusto de Carvalho como professora de Língua Portuguesa.

O período dos meus estudos foi prolongado devido às dificuldades enfrentadas na época, as quais já mencionei anteriormente, mas na juventude sempre fui muito atuante nos grupos de jovens, nas apresentações de gincanas e considero que isso também fez parte da minha formação. Foi algo que me capacitou para as minhas ações de hoje.

Eu era muito do meio rural. Íamos para a cidade apenas para resolver coisas e não era fácil a acessibilidade. Eu ia com meu pai, e tinha que ser tudo muito rápido. Às vezes eu tinha vontade de ficar mais tempo e não podia. Assim que estava tudo resolvido eu tinha que ir embora com ele. Já vim muitas vezes a pé, de bicicleta, a cavalo, de charrete, de carona e só depois de um tempo, passou a ter ônibus de linha, mas com poucos horários. A Emater atuava muito nos cursos conosco na comunidade. Através deles, nas festas da cidade, houve momentos de apresentar nossas atividades, mas sempre com tempo certo de voltar para casa. Portanto, não participávamos das festividades, dos bailes, essas coisas da cidade, mas na zona rural íamos aos jogos de futebol, às festas juninas, gincanas, e às festas próprias da comunidade, das quais eu sempre participava. Em relação ao namoro, é claro que tínhamos algumas paqueras, coisas próprias da juventude, mas eu estava muito focada em estudar e ter uma profissão, e isso era minha prioridade.

Em 2004 conheci meu esposo. Na verdade não nos casamos até hoje, temos um relacionamento de união estável. Conheci primeiro a mãe e o irmão dele. Eu e uma amiga fomos fazer uma visita a eles num feriado. Então eu o conheci e a partir daí surgiu um namoro que foi se fortalecendo. Depois disso, ele foi trazendo suas camisas devagarinho e com o passar do tempo, não as levou de volta mais. Como quase tudo na minha vida foi um pouco demorado, a chegada do meu filho não poderia ser diferente. Não engravidei naturalmente e foi uma luta muito grande para ter meu filho tão desejado. Fiz cinco fertilizações e nas primeiras vezes eu perdia muito rápido. Na primeira fertilização não engravidiei, na segunda também não, na terceira tive gravidez de gêmeos e com pouco tempo tive sangramento e os perdi. Na quarta fertilização engravidiei, mas só consegui levar até o sexto mês. Então, nesse intervalo, conheci uma médica em Belo Horizonte que deixou bem claro que minha gravidez era de alto risco, que eu precisava ser tratada e fazer muito repouso. Eu queria ser uma grávida de ir para a escola, de andar à vontade para todos os lados e o médico me disse que eu poderia. Mas não foi bem assim. A médica passou a me acompanhar, mesmo que os exames não acusassem trombofilia. Ela me tratou como se eu tivesse trombofilia, tomei anticoagulante a gravidez inteira e fiz muito repouso. Hoje, graças a Deus, tenho meu filho Pedro Gabriel já com quatro anos de idade.

Tenho muitas lembranças marcantes na minha história de vida, mas as várias tentativas de engravidar, a gravidez do Pedro Gabriel e a maternidade são passagens que me marcaram muito. Eu agradeço muito a Deus por ter me dado a oportunidade de ser mãe, por ter colocado anjos no meu caminho para me apoiar e me dar suporte em todos os momentos. Os médicos, meu esposo que às vezes tem um jeito meio bruto, mas se mostrou muito companheiro e compreendeu todo o processo estando do meu lado todo o tempo. Posso dizer que a marca maior da minha vida e o meu maior presente de Deus é o meu filho.

Por outro lado, a política traz também uma grande representatividade na minha história. Inclusive, em um determinado momento, senti vontade de fazer a tatuagem de uma logomarca que temos aqui, escrito Simonésia e

uma florzinha meio em movimento, que significa um governo para todos. Na verdade, eu nem imaginava que um dia fosse me candidatar à vereadora nem à prefeita. Mas às vezes fico analisando as minhas atitudes e concluo que já estava impregnada em mim essa questão do coletivo, do direito, do respeito e do interesse pelo social. A participação proativa em todos os eventos religiosos, cursos, a questão de sentir a dor do outro, enfim, o protagonismo e a empatia sempre foram pontos fortes em minha vida. Lembro-me de quando eu era servente escolar, numa época que ainda não havia a inclusão que se trabalha hoje nas escolas. Eu percebia alguns alunos que apresentavam muita dificuldade de acompanhar a turma, então nos meus horários de folga, eu levava esses alunos para a horta da escola, da qual eu cuidava e tentava fazer com que eles se sentissem bem, fazendo algo que sabiam fazer. Então eu já trabalhava o social sem perceber.

Eu queria que todos os alunos se sentissem bem na escola, que tivessem boas notas e se sentissem incluídos. Inclusive, tenho um amigo que, na época do segundo grau, decidiu parar de estudar, mas eu não aceitei isso. Não sei nem como, mas consegui chegar na casa dele, na comunidade de São Vicente e disse a ele: “Você não vai parar”. Ele justificou que não daria conta de fazer os trabalhos e eu me ofereci para ajudá-lo. Assim eu fazia com quem precisasse. Eu ajudava os colegas a fazer os trabalhos, a atualizar a matéria quando faltavam à aula. Quando decidimos fazer camisas de uniforme, procurava incluir todos. Organizava equipes para estudar em Simonésia mesmo sem ter transporte escolar e eu não aceitava vir sozinha. O que eu queria para mim, queria para todos. Então já estava impregnada em mim essa questão da coletividade, do direito do outro, de servir às pessoas, do respeito e da busca de fazer acontecer o melhor. Sem perceber eu já fazia uma ação política. Em relação a isso, lembro-me de um fato de quando eu ainda era bem jovem. Uma vizinha fez uma primeira tomografia na cidade de Carangola e não tinha condições de buscar. Não tinha como ir de ônibus, não tinha dinheiro e eu então pedi a ela que me desse o nome e o endereço, que eu iria buscar. Mesmo sem saber onde ficava a cidade, peguei uma carona e fui até Carangola, trouxe o exame e entreguei nas mãos dela. Eu tinha atitudes de ajudar e cuidar das pessoas sem saber que um dia

chegaria a ser responsável por uma cidade inteira. Sempre fui uma pessoa movida pelo fazer acontecer.

Trabalhei no setor público desde os catorze anos e lidava muito bem com a minha comunidade, lá no Cachoeirão. Quando eu era professora do pré-escolar, ficava vigiando os bebezinhos e falava com as mães: “Oh, tem dois anos. Faltam dois anos para vir para a escola. Três anos. Oh, quatro anos. Está na hora de vir para a escola”. Então eu dizia: “Pode deixar vir que eu vou cuidar direitinho”. E cuidava. As mães que queriam participar nas primeiras semanas, eu acolhia também. Então, eu já tinha essa convivência boa com as pessoas da comunidade. Trabalhei também na coordenação da merenda e foi muito especial. Pude ter contato com todas as escolas do município e ver o quanto eram precárias. Eu ia a escolas distantes e meus companheiros de trabalho sempre juntos. Às vezes chegávamos às dez da noite, mas sentíamos necessidade de concluir o trabalho. Foi muito bom porque, através desse trabalho, conheci todas as escolas e todas as equipes que as formavam. Depois de um tempo, tive a oportunidade de trabalhar na ação social. Foi muito bom pois conheci muitas realidades, convivi com muitas pessoas boas que me ajudaram a promover a coletividade, a realizar várias ações em Simonésia, na época. Trouxemos o Projovem, tivemos a presença do projeto Minas ao Luar, o Sesc, que realizava a rua de lazer para as crianças. Tudo isso então foi um trabalho social também muito importante na minha vida.

Depois disso surgiu a proposta para que eu me candidatasse à vereadora. Minha irmã e meu cunhado já haviam sido vereadores e eu sempre estava envolvida nas campanhas deles. Penso que isso tudo tenha sido uma formação para mim. Embora não estivesse nos meus planos, acabei me candidatando e às vezes as pessoas me perguntavam: “Quantos votos você acha que vai receber”? Eu dizia que não tinha noção e começava a contar aquelas pessoas em quem eu confiava que votariam em mim. Eu imaginava em média uns duzentos e cinquenta votos e no final fui a vereadora mais votada na época, com quinhentos e vinte e cinco votos. Sempre havia uma fala de que o mais votado seria o presidente da câmara, mas na verdade não é bem assim. Há uma eleição entre os vereadores e muitas pessoas

falavam que eu poderia ser presidente da câmara, mas eu achava que não era o momento, pois era meu primeiro mandato e não sabia nem como presidir uma reunião. Depois fui aprendendo com os meus colegas e no segundo biênio, houve todo um conflito para que o grupo não me apoiasse como presidente da câmara. Mas com o tempo, durante os estudos na votação dos projetos, fomos nos tornando amigos e, por fim, tive uma votação expressiva para presidente da câmara. Eu digo que não faço as coisas pela metade, eu mergulho. Eu me entrego muito.

Então conseguimos fazer a construção do salão para as reuniões da câmara, os gabinetes para que os vereadores pudessem prestar atendimento ao público. Foi um trabalho muito bom! Algo que me marcou muito também foi quando fiz uma indicação para que a farmácia do SUS passasse a funcionar vinte e quatro horas, mas na época não foi atendido, e eu não imaginava que um dia seria prefeita. Num determinado momento, começaram a dizer que eu deveria me candidatar e, nesse momento, confesso que fiquei meio assustada. Mas o grupo me acolheu, fizemos uma composição de boas pessoas e eu me candidatei. Lembro-me que um amigo se aproximou de mim, no dia da eleição, eram mais ou menos duas horas da tarde e a avenida estava cheia de pessoas falando meu nome e muita agitação. Ele me abraçou e disse: “Eu vim te abraçar agora enquanto Marinalva, a tarde enquanto prefeita”. Parece que, naquela hora, minha ficha caiu e eu pensei: “E agora? Como eu vou resolver todos os problemas?” Porque na campanha detectei muitos. E pensei: “Como vou resolver tudo isso? Será que vou dar conta?” Uma amiga me dizia: “Olha, Marinalva, a gente tem que lutar para não fazer como o cachorro que corre atrás do carro e quando ele para, não morde nem no pneu”. Ou seja. Você não pode ser uma política só de falar, tem que ser uma política de ação. Então, felizmente deu tudo certo. Fui eleita no primeiro mandato, no segundo. Tive muitos problemas, muitas perseguições políticas, muitas coisas que nos consumiam. Mas, graças a Deus, à minha família, meu marido e meus amigos, nós conseguimos abraçar e chegar lá na frente. Fizemos a diferença na governabilidade. Fizemos muitas obras, muita questão de cuidar do outro, promover o outro. Pessoas que nunca tiveram oportunidade de nada conseguiram ser

ouvidas e acolhidas no meu governo. Então foi um período muito importante para mim. Agora, já no meu terceiro mandato, já fizemos muito e ainda temos muito que fazer.

No intervalo entre os mandatos, voltei a atuar no meu cargo de professora na Escola Estadual João Augusto de Carvalho, onde sou efetiva como professora de Português. Também foi muito prazeroso e gratificante, para mim, porque convivi em outro espaço e pude conviver com muitos amigos e muitas pessoas especiais com quem construí muitas amizades. Algumas pessoas que não tinham nenhuma ligação política comigo passaram a fazer parte desse grupo e considero tudo isso algo de muito positivo na minha história.

Quando pensamos na proposta de escrever as histórias contadas pelas pessoas do nosso “Grupo da Melhor Idade”, pensei nas memórias que são importantes registrar. Tal registro é também importante pelo fato de vivermos hoje uma nova geração em que as pessoas têm dificuldade para parar e ouvir. Eu considero muito bom poder falar, sermos ouvidos e ouvir também o outro. O pano de fundo desse trabalho é valorizar a memória de cada indivíduo e dar-lhes oportunidade de falar do quão grande e importante foi a trajetória de cada um.

Gostaria de, através desta obra, deixar para as novas gerações a mensagem de que precisamos sempre buscar um ideal, ter empatia pelas pessoas, para não nos tornarmos uma geração desenfreada e sem amor. É preciso desenvolver a solidariedade em cada ser humano, a vontade de se doar um pouco em benefício do outro. Isso volta em bênçãos para nós. A sociedade precisa muito fortalecer isso, pois a falta de empatia é algo muito perigoso. É preciso formar nossas crianças, nossos filhos, nossos amigos com empatia. É preciso nos afastar um pouco do que a modernidade nos trouxe de excessos: o consumismo, a intolerância, a impaciência. É preciso exercitar a gratidão pelas pequenas coisas que nos trazem realização. Quando temos ideias tais como tirar melhores notas, estudar, viajar e qualquer outro sonho, que busquemos o que vem de dentro e não aquilo que a sociedade consumista nos impõe. As pessoas hoje estão ficando eufóricas, impacientes, intolerantes e isso não é bom para ninguém. É preciso trabalhar a

ansiedade, buscar equilíbrio e bem-estar. E isso não se encontra nas grandes coisas. Buscar a gratidão. Sou grata até pelas dificuldades enfrentadas porque elas me fortaleceram muito. Sempre digo que meu filho, eu não quero criar numa redoma; quero mostrar a ele a vida como ela é, para que ele cresça com resistência, sabedoria, gratidão, enfim, que viva esse movimento da vida criando uma harmonia entre os obstáculos e as conquistas. Quando temos um ideal, precisamos lutar por ele sempre com a certeza da superação. Os obstáculos são degraus que precisamos subir, sabendo que as dificuldades passam e não podemos nos apegar a elas, mas sim, superá-las. Então que a gratidão e a superação tornem nossa sociedade melhor e mais humanizada.

Marinalva Ferreira
Prefeita Municipal de Simonésia
2021-2024 / 2025-2028

Imagens...Imagens

*As imagens são os tons, as tradições, os cuidados, as
forças da terra, as expressões de gentes que revelam
um jeito de ser, de um tempo, lugar e vidas.
Revelam um tanto da história em imagens.*

Elizete Rodrigues Ferreira



Vista parcial da cidade



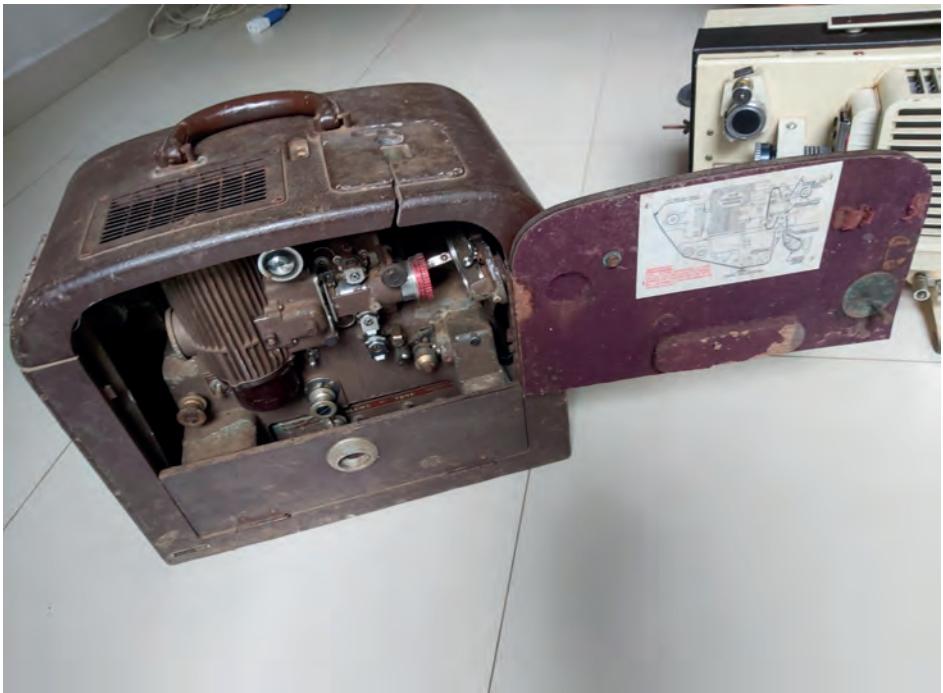
Vista parcial da cidade



Vista urbana



Ipê na Praça Dona Miquita



Antigo projetor de filmes



Antigas cadeiras do Cine Brasil, em Simonésia



Trabalho artístico de Amado Canuto de Oliveira



Trabalho artístico de Amado Canuto de Oliveira



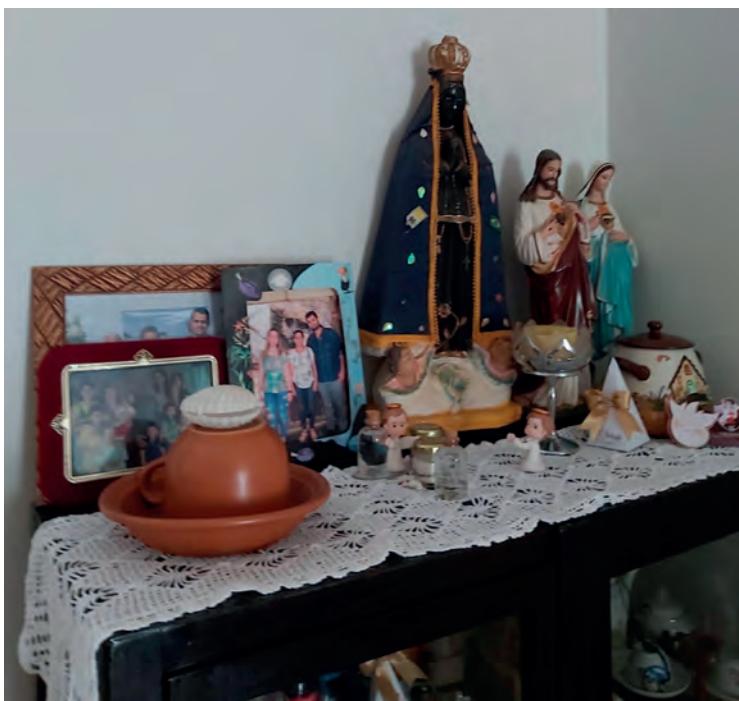
Interior de residência urbana



Interior de residência urbana



Interior de residência urbana



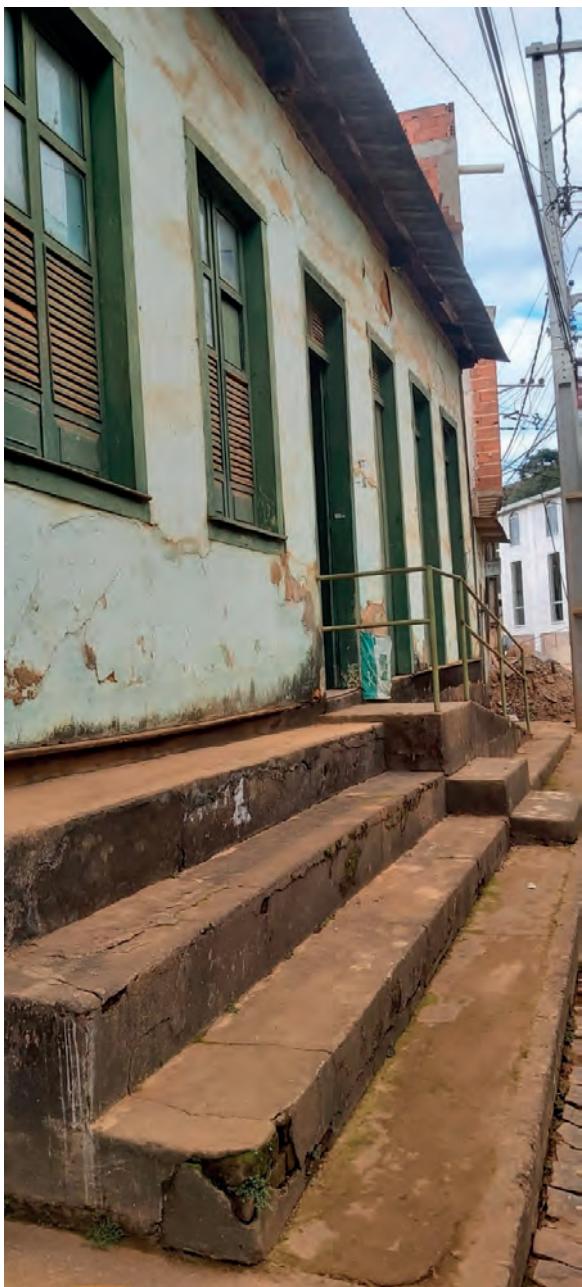
Interior de residência urbana



Jardim de uma residência urbana



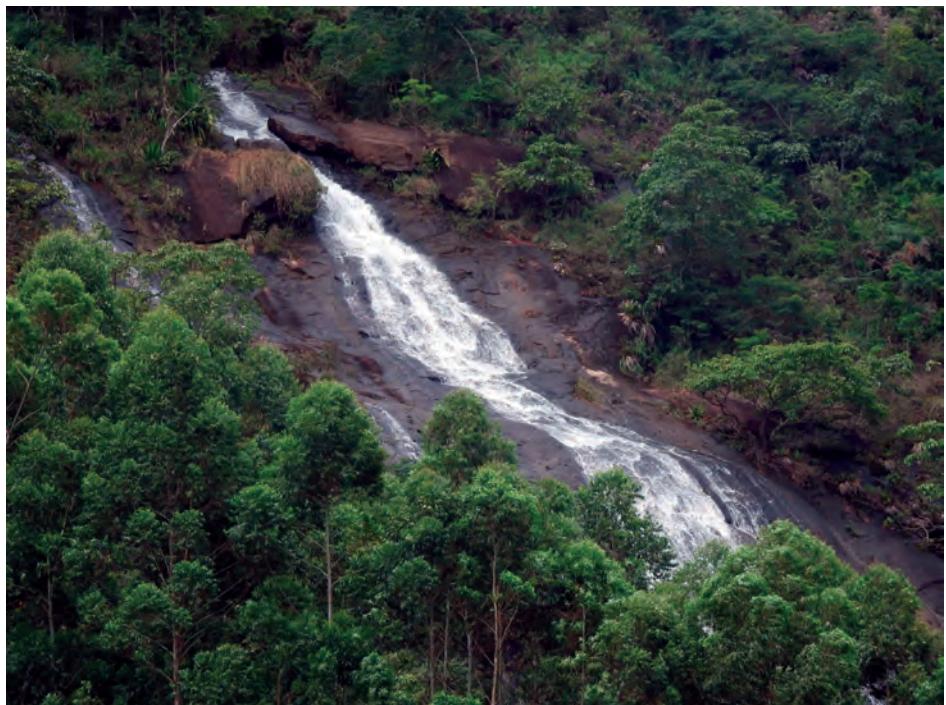
Jardim de uma residência urbana



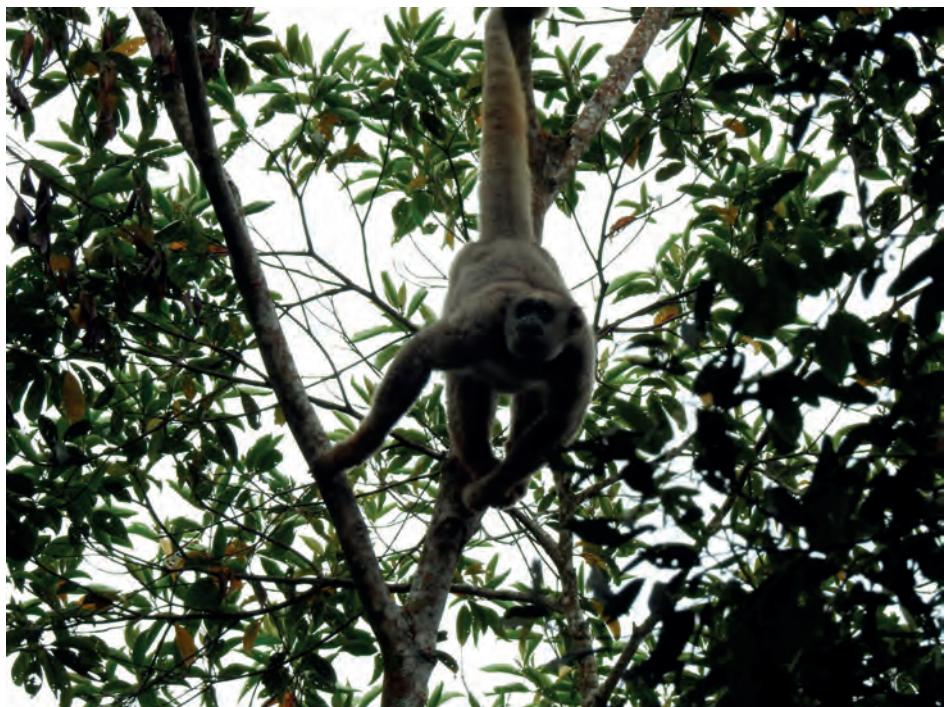
Pensão e residência no Córrego Alegria



Cachoeira da Mata do Sossego



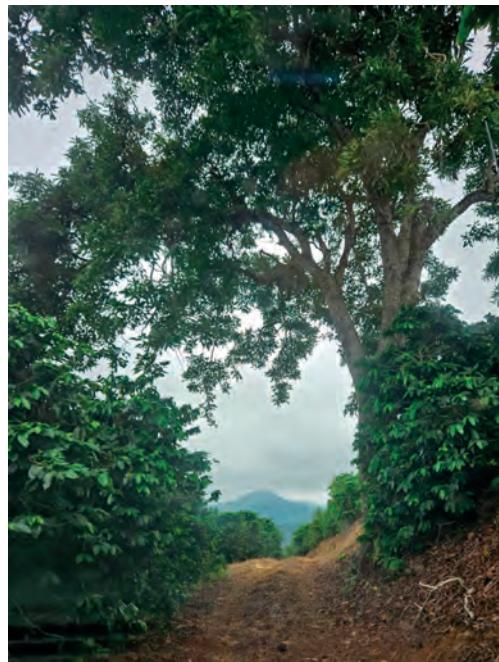
Cachoeira do Córrego Rio Preto



Muriqui (espécie em extinção) na reserva ambiental da Mata do Sossego



Caminho numa lavoura de café



Caminho numa lavoura de café



Café em fase de amadurecimento



Lavoura de café

© Prefeitura Municipal de Simonésia | MG

@ Atafona

Revisão

André Meyerewicz

Preparação do original

Júlia Lages

Projeto gráfico, diagramação e finalização

Laís dos Reis

Capa/Colagem digital

Laura Clemente Carvalho

Editor

Mário Santiago

A foto panorâmica da cidade, utilizada na imagem da capa deste livro, foi obtida no site da Prefeitura Municipal de Simonésia <<https://simonesia.mg.gov.br/a-cidade/historia>> e não foi possível identificar a sua autoria.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R161 Raízes e grãos - memórias de um povo / Elizete Rodrigues Ferreira, organizadora.- Belo Horizonte : Atafona, 2025.
p. il. - (Coleção Memória)
ISBN: 978-65-86805-26-0

1. Literatura. 2. Memórias. I. Ferreira, Elizete Rodrigues. II. Título

CDU: 82-94

CDD: 869

Bibliotecária responsável: Gilza Helena Teixeira CRB6/1725



Telefone: 55+31 99919.8785
editoraatafona@gmail.com
www.editoraatafona.net

Composto em Miller Display e Roboto
Supremo 250g/m² e Pólen Bold 90g/m²



A psicóloga Elizete Rodrigues Ferreira, natural de Caratinga, Minas Gerais, há tempos se dedica a ouvir as histórias que as pessoas lhe contam, publicando-as, posteriormente, em livros de memórias. São histórias que revelam importantes aspectos da vida das pessoas, sua visão de mundo, seu jeito de ser e viver. Neste livro ela realça a história de cada uma das pessoas que lhe confiaram um depoimento sobre os desafios do tempo vivido, seus costumes, e a própria história da cidade de Simonésia, a cidade que nasceu com elas. Elizete já participou da produção de três documentários sobre a memória das pessoas e a cultura de várias cidades do Leste mineiro.

“Este livro é um tributo à sabedoria e à memória de nossos moradores mais antigos, e espero que ele inspire futuras gerações a preservarem nossa rica história. Quando pensamos na proposta de escrever as histórias contadas pelas pessoas do nosso “Grupo da Melhor Idade”, pensei nas memórias que são importantes registrar. Tal registro é também importante pelo fato de vivermos hoje uma nova geração em que as pessoas têm dificuldade de parar e ouvir. Eu considero muito bom poder falar, sermos ouvidos e ouvir também o outro. O pano de fundo desse trabalho é valorizar a memória de cada indivíduo e dar-lhes oportunidade de falar do quão grande e importante foi a trajetória de cada um.”

Marinalva Ferreira
Prefeita Municipal de Simonésia



ISBN: 978-65-86805-26-0

